



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ- REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE NACIONAL**

ALINE ALVES SOARES BRAGA

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ALUNOS DO 9º ANO SOBRE A MULHER EM
PUBLICAÇÕES DO INSTAGRAM: REFLEXÕES E REFRAÇÕES**

**FORTALEZA
2024**

ALINE ALVES SOARES BRAGA

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ALUNOS DO 9º ANO SOBRE A MULHER EM
PUBLICAÇÕES DO INSTAGRAM: REFLEXÕES E REFRAÇÕES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Letras. Área de concentração: Estudos da Linguagem e Práticas Sociais.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Pollyanne Bicalho
Ribeiro

FORTALEZA
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- B792r Braga, Aline Alves Soares.
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ALUNOS DO 9º ANO SOBRE A MULHER EM PUBLICAÇÕES DO INSTAGRAM: : REFLEXÕES E REFRAÇÕES / Aline Alves Soares Braga. – 2023.
110 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2023.
Orientação: Profa. Dra. Ribeiro, Pollyanne Bicalho.
1. Representações sociais. 2. Ideologia. 3. Papel social da mulher. 4. Discurso de ódio. 5. Responsividade.
I. Título.

CDD 400

ALINE ALVES SOARES BRAGA

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ALUNOS DO 9º ANO SOBRE A MULHER EM
PUBLICAÇÕES DO INSTAGRAM: REFLEXÕES E REFRAÇÕES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Letras. Área de concentração: Estudos da Linguagem e Práticas Sociais.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Pollyanne Bicalho Ribeiro

Aprovada em: 22/03/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Pollyanne Bicalho Ribeiro
(Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª. Dr^ª. Sâmia Araújo dos Santos
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª. Dr^ª. Ana Maria Pereira Lima
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por toda força, sabedoria e discernimento durante esses dois anos de mestrado.

A meus pais, que, mesmo com tantas adversidades, zelaram por mim e por meus estudos durante toda a vida. À minha mãe Antônia, por todas as orações e palavras de incentivo, cuidado e amor. A meu pai (*in memoriam*), que mesmo dizendo que filho de pobre não chega à Universidade, sempre me incentivou e sonhou ver os seus filhos na vida acadêmica.

À minha tão afetuosa e gentil orientadora Prof^a. Dr^a. Pollyanne Bicalho Ribeiro, por prontamente me receber e me orientar nos caminhos da pesquisa.

A meu amigo, Cleyton Paes, por acreditar em mim, incentivar-me, co-orientar-me e me apresentar à minha orientadora.

À professora Mônica Serafim, por sua leitura atenta e contribuições valorosas em minha banca de Qualificação; à professora Sâmia Araújo, duplamente, por sua gentileza e colaborações importantes em minhas bancas de Qualificação e de Defesa. À professora Ana Maria Pereira Lima, por seu tempo de leitura atento e por suas contribuições tão pertinentes e valorosas.

À escola, representada por gestores e colegas, pela compreensão e estímulo.

Aos meus alunos, que foram imprescindíveis à realização desta pesquisa, assim como são a motivação para minha busca de aperfeiçoamento docente.

“O que é uma mulher? Eu lhes asseguro, eu não sei. Não acredito que vocês saibam. Não acredito que alguém possa saber até que ela tenha se expressado em todas as artes e profissões abertas à habilidade humana”. Woolf, 1979, p. 60.

RESUMO

O presente trabalho visa a trazer à tona as representações sociais dos alunos do 9º ano sobre o papel que a sociedade destina à mulher. A partir daí, tencionamos desconstruir velhas crenças, dialogando e chegando à percepção de que a mulher não é inferior ao homem e nem deve servi-lo a seu bel prazer. Objetivamos, através da Análise Dialógica do Discurso, baseada nos postulados de Bakhtin, proporcionar ao aluno a percepção de que as ideologias só se consolidam quando são mobilizadas pelo ato discursivo, tornando a sua materialidade ideológica. Além disso, pretendeu-se ampliar o acesso dos alunos aos multiletramentos, entrando em contato com multimodalidades e multissemioses, visto que não se defende a mera classificação de gêneros discursivos, mas, de acordo com a esfera social, que o sujeito escolha o estilo, a composição, o conteúdo temático a serem empregados em sua prática discursiva. Através do contato com as múltiplas linguagens, pretendeu-se desenvolver nos alunos o letramento crítico calcado na responsividade discursiva, visando à concretude do discurso. Em busca de resultados com visão de estereótipos de mulher ou da desconstrução nos calcamos nos pressupostos bakhtinianos, como alteridade, responsividade, axiologia, ideologia do signo e enunciado concreto, auxiliados pela Teoria das Representações de Sociais, de Moscovici (2015) e da figura feminina em Beauvoir (2019) e Hooks (2022). Identificamos nas representações dos alunos do 9º ano que ora os estereótipos são fortemente reforçados ora são desconstruídos e reconfigurados

Palavras-chave: Representações sociais; ideologia; discurso de ódio; papel social da mulher; responsividade; multiletramentos.

ABSTRACT

This work aims to bring to light the social representations of 9th elementary students about the role that society assigns to women. From there, we will deconstruct old beliefs, engaging in dialogue and arriving at the perception that women are not inferior to men and should not serve them at their pleasure. Through Bakhtin's Dialogical Discourse Analysis, we aim to make students realize that ideologies only become concrete when they are mobilized by the discursive act, making their materiality ideological. In addition, the aim is to broaden students' access to multilingualism, bringing them into contact with multimodalities and multisemioses, since we are not advocating the mere classification of discursive genres, but, according to the social sphere, that the subject chooses the style, the composition and the thematic content to be used in their discursive practice. Through contact with multiple languages, the aim is to develop students' critical literacy based on discursive responsiveness, aiming at the concreteness of the discourse. In search of results with a vision of female stereotypes or deconstruction, we rely on Bakhtin's assumptions, such as alterity, responsiveness, axiology, sign ideology and concrete utterance, aided by the Theory of Social Representations, Moscovici (2015) and female figure in Beauvoir (2019) and Hooks (2022). We identified in the representations of 9th grade students that stereotypes are sometimes strongly reinforced and sometimes deconstructed and reconfigured.

Keywords: Social representations; ideology; hate speech; social role of women; responsiveness; multiliteracies.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	DESVENDANDO O ESTEREÓTIPO DE MULHER.....	19
3	O INSTAGRAM, AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A ESCOLA.....	23
4	DIALOGICIDADE E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	29
4.1	Teoria Dialógica do Discurso (TDD) e Teoria das Representações Sociais (TRS).....	29
4.2	Os multiletramentos em ambiente virtual.....	36
4.3	A mulher e o discurso de ódio	43
5	METODOLOGIA	49
5.1	Contexto da pesquisa	51
5.2	Os sujeitos da pesquisa	52
5.3	Materiais da pesquisa.....	53
5.4	Procedimentos	53
5.5	A geração de dados.....	56
5.6	Análise das atividades	58
6	REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MULHER PELO OLHAR DOS ALUNOS.....	67
6.1	Análise da produção escrita	82
7	IMPRESSÕES DA PROFESSORA/ PESQUISADORA.....	86
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
	REFERÊNCIAS	91
	ANEXOS	95
	Canção utilizada no momento inicial	95
	Canção: Triste, Louca Ou Má (Part. Helena Maria, Renata Éssis, Salma Jô e Labaq) Francisco, El Hombre	95
	APÊNDICE.....	97

1 INTRODUÇÃO

Há algumas décadas vêm à tona discussões acerca do machismo estrutural e de todos os males que ele acarreta à sociedade brasileira, sobretudo no que diz respeito à violência contra a mulher, sejam ataques físicos ou verbais, agressões psicológicas e/ou sexuais. De acordo com o Anuário de Segurança Pública¹, em 2018, ocorreram 1.206 casos de feminicídio; desse total, 88% dos casos foram cometidos por maridos ou companheiros das vítimas. De acordo com o dicionário Michaelis², o vocábulo machismo é definido como: “Ideologia da supremacia do macho que nega a igualdade de direitos para homens e mulheres”. Por conseguinte, o pensamento machista é cultural e ajuda na construção, organização e disposição dos elementos que compõem o corpo social, sustentando os valores de dominação masculina, em detrimento dos valores que constroem a mulher.

Concomitante a isso, tratando-se do tema em meio virtual, a falsa ideia de anonimato por trás do uso das redes sociais causa a impressão de que elas favorecem e até incentivam esse tipo de violência. O que se pode perceber, diariamente na mídia televisiva e, principalmente, nas mídias sociais, são os casos de discursos de ódio contra a mulher que, a nosso ver, avolumam-se por conta da facilidade de compartilhamentos e de construções de diálogos por meio de comentários escritos ou orais, legendas e replicações constantes das mencionadas publicações-

É válido ressaltar que não se pode culpar as redes sociais, afinal elas simplesmente refletem e refratam as práticas culturais da sociedade, isto é, elas são apenas ferramentas a serviço dos sujeitos sociais. O termo redes sociais carrega diversos significados a depender da área de estudos - para sociologia, por exemplo, trata-se de uma corrente que tenta explicar as relações coletivas e individuais dos indivíduos; no entanto, diante de situações mais complexas, os autores sentiam dificuldades em utilizá-lo. Já para os filósofos, o conceito de rede atravessa o conceito de reta dos matemáticos, que dizem que a reta é composta por vários pontos e ao serem unidos formam uma reta, assim, olhando-se para a reta nos tornamos capazes de medir, dimensionar, projetar e atribuir interpretações e significados ao que se vê no real. A partir do Renascimento, as ciências encontram uma denominação para redes sociais que compreendemos hoje e a utilizamos como sendo “uma construção linguística e cultural, apoiada sobre práticas observacionais que foram se constituindo ao longo da história humana” (Vermelho, Velho, Bertencello, 2015).

¹ <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/denuncie-violencia-contra-a-mulher/violencia-contra-a-mulher>

² <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=machismo>

Os autores Vermelho, Velho e Bertoncello (2015) tecem uma gênese reflexiva sobre a concepção do termo redes sociais, possibilitando-nos entender que as redes sociais tão abordadas neste trabalho, dirão respeito a uma em específico, a rede social digital, amplamente alargada pela expansão das tecnologias digitais. Nesse sentido, o advento expansivo das tecnologias, conseqüentemente, das redes sociais, trouxe algo nunca visto na história das sociedades, que é a horizontalidade de poder, ou seja, sempre houve hierarquia nas relações entre pais e filhos, empregado e patrão etc, as relações sempre foram verticalizadas. Nas redes sociais, todos interagem inserindo, criando ou retirando conteúdo das redes, tendo a impressão que este uso social não passa por níveis de hierarquia. Vale lembrar que a sociedade segue um modelo social e um econômico vigentes altamente hierarquizados, visando o cosmos de negócios, lucros, ações e a dualidade hierárquica de poder entre burgueses e proletários, ricos e pobres etc, destacando-se aqui uma contradição, pois o modelo de interação nas redes sociais foi pensado para transparecer essa horizontalidade, mas a sociedade segue níveis de hierarquia de poder.

Assim, nos deteremos nas redes sociais digitais. Podemos observar que o ambiente virtual possibilita a seus usuários a crença de que seu uso é livre, alguns desses usuários acreditam que podem se manifestar da maneira como queiram e que naquele espaço não haverá ninguém para puni-los ou repreendê-los por algo que infrinja as leis e/ ou às regras de convívio social. Esses usuários se justificam com o argumento de que aquela é a sua opinião e que, por esse motivo, não se pode proibir a “liberdade de expressão”.

Essa linha de pensamento e justificativa recorrente ao direito de liberdade de expressão está ancorado na Constituição Federal de 1988, no artigo 5º, porém, não é porque se vive em um sistema político democrático, que se pode falar e fazer tudo o que se quer; afinal, vivemos sob regras de convívio social e temos uma legislação que rege e pune àqueles que burlam as normas. Além disso, há leis que preveem punição para crimes virtuais, mas ainda é uma seara desconhecida e com pouca fiscalização.

Essa ideia de liberdade de expressão suscita nos usuários a exposição de pensamentos e opiniões com apreciação valorativa para qualificar e desqualificar os indivíduos em seus lugares sociais. Como a mulher e o seu papel familiar, profissional e comportamental são pautas constantes de notícias, isso a deixa exposta a inúmeros comentários e intensos debates no ambiente virtual.

Historicamente, percebe-se que é muito comum a mulher ser enquadrada em padrões comportamentais, familiares e profissionais, tais como “a mulher precisa ser mãe para

ser plenamente feliz”, ou ainda “mulher não pode ganhar mais que o marido”, entre outros nichos absurdos. Já aquelas que tentam fugir desses padrões tornam-se alvos fáceis às críticas, tanto favoráveis quanto desfavoráveis.

O que se percebe, constantemente, são as redes sociais servindo de palco à propagação de discursos de ódio proferidos à mulher, sobretudo nos comentários de postagens em que parecem reforçar o estereótipo do lugar social da mulher e que, possivelmente, serão transmitidos de geração a geração, mesmo sem se perceber.

Diante disso, a nossa pesquisa interessou-se por reconhecer, nas marcas discursivas dos estudantes dos anos finais do ensino fundamental, as representações sociais acerca da figura feminina expostas em comentários de postagens no *Instagram*, atentando-nos ao modo como se posicionam, isto é, se são coniventes ou não com os discursos de ódio. A elasticidade da internet a deixa suscetível a intensificar tendências e visões de mundo estereotipadas, especificamente, sobre os papéis sociais femininos, cabendo a nós nos debruçar sobre essas ideias que cooperam e reforçam o acervo representacional de mulher, sobretudo, dos alunos do 9º ano aqui estudados.

Os nossos primeiros desafios consistiram no modo como os discentes da nona série se posicionam diante dos discursos de ódio proferidos contra a mulher postados no *Instagram*. Além disso, enquanto problemas secundários, ocupamo-nos em perceber a existência, por parte dos alunos do 9º ano que, ao conferirem lugares fixos na sociedade, se tais atos ocasionam danos à vida da mulher.

Hipotetizamos que os alunos do 9º ano, usuários do Instagram, trazem à baila as representações machistas e sexistas acerca do papel da mulher nesta rede social, a partir de manifestações discursivas que, muitas vezes, mobilizam estereótipos, reforçando o machismo estrutural da sociedade brasileira. Isso nos leva a refletir e tentar compreender sobre o pensamento, a linguagem e a ação, ou ainda de que maneira os estereótipos mobilizados referenciam uma sociedade mais igualitária.

Além disso, acreditamos que o aprimoramento de respostas críticas se dá por meio do contato com o interlocutor nas práticas sociais e diante do contexto sócio-histórico em que se está inserido, para, a partir de então, gerar um posicionamento responsivo. Desse modo, o aluno, ao buscar a palavra, que para Bakhtin é um ato singular e irrepetível, dispõe de todos os valores e significados construídos nas relações espaço-temporais, na arquitetônica do *eu* e do *eu* com o *outro*.

Nesse contexto, percebemos como o avanço tecnológico torna complexas as interações humanas; tal avanço mudou o *ethos* social, inaugurou uma nova maneira de enxergar o mundo e um novo cenário público. Analisando tal realidade, torna-se perceptível o fato de que as redes sociais possuem o poder de ampliar esses espaços e atividades sociais, uma vez que é delas que os discursos emergem, legitimando ou reprovando determinada maneira de configurar conceitos e imagens sobre o mundo e, a depender do nicho interacional, os sujeitos possuem a capacidade de criar uma linguagem com vocabulário específico.

Diante disso, é preciso que a escola também se adeque a essa nova maneira de se relacionar com o mundo. É preciso reconhecer diferentes modos de aprendizado, sabendo que, a partir das redes sociais, também surgem novas possibilidades de construção do conhecimento.

Partindo dessa perspectiva, buscamos dialogar e aprimorar, em nosso aluno do 9º ano, o seu posicionamento crítico aliado a um letramento que possibilite essa criticidade por intermédio do contato com a pedagogia dos multiletramentos, visto que as redes sociais trazem consigo textos com múltiplas linguagens. Por esse motivo, é necessário que o aluno do ensino fundamental anos finais consiga estabelecer um posicionamento crítico acerca do conteúdo que circula nesses gêneros discursivos das redes sociais.

Nesse sentido, é primordial o desenvolvimento do aluno em relação à habilidade de curadoria, bem como a reflexão e o posicionamento de modo responsivo, visando a sua responsabilidade crítica no ato discursivo. Para tanto, é importante que o professor ocupe seu lugar de professor-pesquisador e, no processo de curadoria dos alunos, que se coloque não como alguém que sabe mais, mas como alguém que está junto, provocando no aluno experiências estéticas e consciência crítica, considerando, portanto, que nossas palavras estão imbricadas com a palavra do outro.

Nossa perspectiva discursiva dialógica nos direcionou para a escolha da rede *Instagram*, pelo fato de se tratar de uma rede social popular, por possibilitar o trânsito de várias esferas sociais e por apresentar uma gama de interações, de públicos e de temas diversos. Além disso, os jovens passam boa parte de seu tempo navegando nesta esfera virtual, isso faz do *Instagram* um campo fecundo para estudiosos de linguagens, trazendo várias perspectivas de pesquisas, como a nossa.

Assim, a linguagem humana possibilita o fluxo de relações dialógicas, ademais de mobilizar e legitimar as representações de mundo, trazendo concepções carregadas de cunho

valorativo. Embora a linguagem possibilite constante diálogo, nem sempre é simétrico e harmonioso, visto que as relações interdiscursivas são múltiplas e baseadas no *eu* e no *outro*.

Ao buscarmos trabalhos que se debruçam sobre a temática, encontramos diversas monografias, dissertações e teses que abordam a representação social da mulher, dentre eles destacamos um que trata da representação social da mulher nos contos de fada, apontando esse gênero discursivo como primordial na educação das crianças e que pode colaborar na construção do papel social da mulher, podendo reforçar estereótipos, como “*Era uma vez... Representações sociais e letramento no ensino de língua portuguesa*”, de Lorena Lopes Chaves, de 2020, que aprimora o letramento literário do gênero conto de fadas, mas também se volta para o letramento crítico dos alunos do ensino fundamental anos finais, acerca da percepção e desconstrução dos estereótipos de mulher no contexto do conto e no contexto social histórico da contemporaneidade.

A nossa pesquisa, no entanto, não se ocupará em um único gênero, mas sim com textos multimodais e multissemióticos que circulam no *Instagram*, visto que os jovens do ensino fundamental estão cada vez mais distantes dos gêneros de mídia impressa, como o conto.

Atualmente, esse grupo consome textos com teor ficcional que circulam nas esferas digitais em formato de filmes, episódios de séries, entre outros. Nesse sentido, nosso objetivo é perceber como esses jovens constroem socioculturalmente a representação da mulher a partir dos discursos veiculados nas redes sociais.

Destacamos também “*O discurso de ódio contra as mulheres na sociedade em rede*”, de Fagundes e Dinarte (2017), que se volta para o discurso machista dos usuários das redes aparecendo de maneira naturalizada, em sua maioria por homens, chegando a encontrar comunidades no *Facebook* que não entendem o machismo como superioridade masculina, mas sim que coloca o homem como provedor de segurança e de sustento financeiro da casa. O machismo, para esses usuários, assume um lugar distorcido do seu significado real, exercendo a masculinidade à medida em que oferece segurança à mulher, seja financeira, amorosa, familiar, justificando a formação e adesão à comunidade virtual, extrapolando para o real.

Já em “*A representação da mulher no mundo virtual: percepções acerca do preconceito machista nas redes sociais*”, de Silva, Silva Filho e Souza (2016), encontramos a utilização do discurso machista em prol de seu intento de inferiorizar a mulher, sempre sendo objetificada sexualmente e realizando tarefas domésticas, conseqüentemente, colocando o homem na posição de superioridade. Neste texto, percebe-se que mesmo as mulheres usuárias

de redes sociais se expressam reprovando, em suas opiniões discursivas, outras mulheres que por algum motivo saíam das regras impostas pelo machismo. Até mesmo as mulheres não se dão conta de que utilizam e proliferam ideais machistas, repressores e aprisionadores.

Podemos evidenciar também a pesquisa “*O discurso da intolerância contra a mulher nas redes sociais*”, de Martins (2020), cujo objetivo é demonstrar como se dá a construção discursiva da intolerância contra a mulher nas redes sociais, fomentando o ódio e a violência. Esse trabalho segue um pouco a lógica do trabalho citado acima, pois, ao categorizar o papel social da mulher, dá-se margem à punição para aquelas que não seguem os padrões patriarcais sexistas, avolumando-se o ódio à mulher, desencadeando violências verbais, psicológicas, sexuais e físicas.

Os trabalhos ora citados realizam um estudo de análise discursiva, voltando-se para as construções e estratégias discursivas utilizadas pelo usuário da rede social, ponto que diferencia nosso trabalho, uma vez que a nossa pesquisa não se deterá no tecnodiscurso, visto que pretendemos perceber como as redes sociais interferem no modo de os alunos significarem o papel social da mulher, seja no espaço virtual ou real.

É importante elucidar a terminologia tecnodiscurso, definido por Marie-Anne Paveau (2021, p. 22) como: “discursos produzidos na imbricação entre os dispositivos técnicos”, sabendo-se que os discursos digitais têm relação direta entre sujeito, linguagem, máquina e sociedade. Enfatizamos aqui que nosso viés teórico tem como ponto de partida a busca pelas representações sociais analisadas sob o viés da Análise Dialógica do Discurso.

Nesse contexto, seguimos analisando os trabalhos realizados sobre multiletramentos, encontramos “*Práticas de multiletramentos na escola: por uma educação responsiva à contemporaneidade*”, de Oliveira e Szundy (2014), que visa a conscientizar e munir os professores de conhecimentos acerca das diversas linguagens da contemporaneidade, para que os multiletramentos sejam eficientes no ensino de língua materna.

A nossa pesquisa, porém, valoriza as múltiplas linguagens, das quais os alunos já se utilizam no mundo virtual, para aperfeiçoar nos alunos habilidades que potencializam a criticidade das práticas sociais, mobilizando a cultura de produção de enunciados que circulam nas redes sociais. Nesse viés, é importante dar subsídios aos alunos para que sejam proficientes nas multimodalidades ou multissemioses dos gêneros que circulam na atualidade digital, exigindo desse sujeito interpretação e produção de significados nas suas mais diversas práticas sociais, desde as escolhas linguística à responsividade e responsabilidade dos posicionamentos humanos.

Isso posto, podemos dizer que a nossa pesquisa foi motivada pela observação da professora/ pesquisadora, ao ouvir dos alunos as reproduções de discursos machistas, preconceituosos e sexistas ao se referirem às colegas meninas, bem como às mulheres no geral, e ao fato de as próprias meninas aceitarem e se encaixarem em padrões impostos pela sociedade da qual fazem parte. Percebeu-se que são necessárias ações pedagógicas planejadas para momentos de interação e reflexão sobre temas atuais como o papel da mulher na sociedade, considerando que esse tema se insere nas práticas sociais dos alunos do ensino fundamental anos finais.

É sabido que a sociedade contemporânea vive a era da conexão, o que desencadeou uma mobilidade de comunicação e múltiplas maneiras de interação, não raro vemos as pessoas resolverem tudo de um aparelho celular - a escola não é diferente, mas muitas vezes precisa concorrer com a atenção dada ao universo virtual com a atenção dada ao real, nas salas de aula. Diante desse cenário, a professora/ pesquisadora e seus colegas de profissão enfrentam dificuldades com o uso do celular pelos alunos no contexto de uma sala de aula em que não se permite o uso do aparelho, fazendo-se necessária, portanto, a criação de estratégias para unir as tecnologias e a sala de aula. O aparelho celular não precisa ser o vilão, ele pode ser aliado da aprendizagem diante de metodologias e abordagens que aproximem a cibercultura da escola.

Sob essa perspectiva, percebemos que existe uma interação grande dos discentes do 9º ano com as redes sociais, tal dinâmica e frequência que estes utilizam o *Instagram* faz com que eles interajam boa parte do dia com as demais pessoas de maneira virtual, tornando-se imprescindível o aproveitamento dessa disposição também em sala de aula. Soma-se todos esses aspectos à ciência de que, nas redes sociais, participamos de diversas práticas de interação social, além de que neste ambiente, e através do dialogismo da linguagem, os alunos fomentam suas ideias de mundo, revisitando ideologias sígnicas ou ressignificando-as. Logo, o *Instagram* transfigura-se como um ambiente propício para pesquisas linguísticas, sociais entre outras.

Tencionamos que o aluno do 9º ano entre em contato com os multiletramentos diante de múltiplas semioses e contextos, desenvolvendo o letramento crítico e vazio de padrões estéticos, culturais e sociais que inferiorizam a mulher e que seus discursos, em todas as esferas sociais com as quais entra em contato, sejam uníssonos no sentido de desconstrução de preconceito e em busca de igualdade de gêneros.

Desse modo, e com a certeza de que a linguagem aliada à criticidade diante do mundo possa colaborar para um construto social do que é ser mulher, visamos ao melhoramento dessa compreensão, em sala de aula, por meio do uso consciente das redes sociais. Acreditamos que nosso aluno precisa desenvolver habilidades e competências analíticas e críticas para escolher o fluxo de ideias que ele coaduna, tendo em vista que o ambiente virtual que ele segue, posta, repostada, comenta vislumbra uma construção social de mulher sem referências machistas e sexistas.

Diante dessa orientação, traçamos ações pedagógicas com oficinas de leituras diversas e atividades fundamentadas na teoria dialógica do discurso, visando à realização concreta do enunciado, sem abstrações ou mentalismos e que possibilitem a desconstrução frente aos problemas sociais e culturais vividos pela mulher, além de analisarmos os gêneros discursivos que porventura colaboram com a solidificação de crenças de inferioridade feminina, trazendo à tona gêneros discursivos que apontem e favoreçam a equidade de direitos e deveres femininos e masculinos.

A partir de então, elaboraremos o caderno pedagógico unindo o mundo digital com o mundo real, conectando a escola à globalização e às transformações tecnológicas favorecidas pela prática discursiva. Posteriormente à aplicação da intervenção pedagógica, realizaremos a análise de dados.

Por fim, tencionamos trazer ao professor do ensino fundamental da educação básica reflexões sobre como a aula de língua portuguesa, baseada no dialogismo de Bakhtin, pode contribuir para a construção de um cidadão autônomo e crítico diante das práticas sociais às quais ele é exposto, utilizando as multissemiotes envolvidas no ambiente virtual, possibilitando, assim, um contato com os multiletramentos, não sendo um mero ambiente de respostas prontas, mas que, diante de suas funcionalidades, promova atos comunicativos responsáveis.

Nosso texto se divide em: Desvendando a mulher; O Instagram, as representações sociais e a escola; Dialogicidade e as Representações Sociais; Teoria Dialógica do Discurso (TDD) e Teoria das Representações Sociais (TRS); Os multiletramentos em ambiente virtual; A mulher e o discurso de ódio; Metodologia, Análise da Atividades; Análise da produção escrita, Impressões da professora/ pesquisadora; Considerações Finais, Referências, Apêndice 1 com as atividades, Apêndice 2- Caderno Pedagógico.

2 DESVENDANDO O ESTEREÓTIPO DE MULHER

Na história das sociedades, muito se fala do domínio político, econômico e familiar do homem sobre a mulher, isto é, a origem do patriarcado. O que não se percebe dentro dos ambientes acadêmicos, segundo Stone (2022), é que houve, na pré-história, um domínio matrilinear, isto é, o parentesco e o prestígio familiar eram derivados da mulher.

O poder feminino era alicerçado pelo culto à Deusa, deidade feminina, sagrada por ser geradora da vida. Estudos arqueológicos dão conta de que foram as mulheres as precursoras de tecnologias como a agricultura, a escrita, a medicina, além da religião, surgindo sociedades governadas pelo matriarcado, desde o período neolítico até à Antiguidade Clássica Grega. (Stone, 2022). Entretanto, conforme o repertório histórico compartilhado socialmente, não se ouve falar comumente sobre domínio político, econômico e familiar da mulher.

A ênfase no culto a uma deidade feminina, segundo a autora, fez surgir rivalidade e adoração a deuses masculinos, rompendo-se o poder feminino e dando lugar ao patriarcado, em que o homem subjuga a vida pública e familiar da mulher, enfraquecendo-a e a colocando no papel de submissão.

De acordo com os estudos de Stone (2022), a religião é o primeiro contato que as crianças têm para aprenderem sobre como se vive em sociedade. Cabe adicionar que o Brasil ainda é considerado como um país predominantemente cristão, cerca de 80% da população brasileira se declara cristã, segundo aponta o Portal G1. Assim, o discurso pregado pela igreja tem demasiada relevância perante a sociedade.

No decorrer da Idade Média, por exemplo, período em que a igreja necessitava controlar a sociedade e a mulher, que era percebida como transgressora, a instituição religiosa fortaleceu a supremacia masculina sobre a figura feminina, tornando a mulher um objeto subjugado ao homem, oprimindo, sobretudo, a sua sexualidade (Cruz, 2013).

A partir desse objetivo da igreja na Idade Média, o cristianismo, com o mito de Adão e Eva, perpetua a superioridade masculina, quando Adão sofre a penalidade pelo pecado de Eva ao comer a maçã. À mulher, resta o sofrimento de sentir dores ao gestar, pois, de acordo com essa mitologia religiosa, ela foi concebida para fazer companhia ao homem, para que ele não se sentisse sozinho; mesmo assim, a mulher é retratada como alguém astuta e que se utiliza de sua sexualidade para infringir as regras e cometer o pecado, tudo isso sob a ótica do discurso bíblico, que se utiliza de metáforas e liberdade poética para passar seus ensinamentos (Stone, 2022).

Coadunando com esse pensamento, hooks³ (2022) afirma que a religião patriarcal fundamentalista foi e ainda é barreira à propagação de ideais feministas, dando ênfase que nenhum outro grupo demonizou tanto as mulheres ativistas por seus direitos do que os fundamentalistas religiosos de partidos políticos de ideologia direitista, chegando a pedirem a morte das pensadoras e ativistas.

Todos esses aspectos culturais são ensinados como algo inerente a cada gênero e perpassados de geração para geração às pessoas, sedimentando-se os comportamentos sociais pré-determinados, políticos e familiares, de mulher e de homem.

Embora não haja diferenciação biológica que determine o comportamento, o construto social da mulher segue sendo o de fragilidade, aquela que é destinada a realizar as tarefas domésticas e familiares, submetendo-se ao jugo do homem, protetor e provedor do sustento da casa.

Para Bakare-Yusuf (2003), os valores da sociedade patriarcal se amparam nas diferenças de fisiologia do corpo biológico de mulher e homem, para, assim, ditar diferenças culturais, mas não é o corpo biológico que determina aspectos históricos, culturais e sociais.

Diante de tal realidade, a condição social da mulher permanece na condição de submissão em relação ao homem por um longo período, muitas vezes sendo tratada como propriedade ou como alguém sem voz, sem vontade, sem poder político, além de ser frequentemente alvo de discriminação e de violência.

Como forma de reverter esse lugar social imposto à mulher, apenas em 1979, a ONU promove a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (CEDAW) com os países membros.

Nessa convenção, o Brasil assinou o acordo em Nova York e, após aprovação no Congresso Nacional, publicou em forma de decreto sob o nº 89.460 de 20 de novembro 1984, contudo, este decreto ainda trazia ressalvas. Já em 2002, Fernando Henrique Cardoso, presidente do Brasil à época, promulga o decreto sob o nº 4.377, artigo 5º, retirando as ressalvas e apontando medidas a serem tomadas, com o objetivo de minimizar a discriminação contra a mulher e proporcionar igualdade de gêneros:

Os Estados-Partes tomarão todas as medidas apropriadas para:

a) Modificar os padrões sócio-culturais (sic) de conduta de homens e mulheres, com vistas a alcançar a eliminação dos preconceitos e práticas consuetudinárias e de

³ Segundo a Casa de Aprendizagens, a autora pede que seu nome seja grafado com minúscula para se dar ênfase a suas reflexões e não para sua identidade. Disponível em: [QUEM FOI BELL HOOKS – CASA DE APRENDIZAGENS](#)

qualquer outra índole que estejam baseados na idéia (sic) da inferioridade ou superioridade de qualquer dos sexos ou em funções estereotipadas de homens e mulheres.

b) Garantir que a educação familiar inclua uma compreensão adequada da maternidade como função social e o reconhecimento da responsabilidade comum de homens e mulheres no que diz respeito à educação e ao desenvolvimento de seus filhos, entendendo-se que o interesse dos filhos constituirá a consideração primordial em todos os casos. (Brasil, 2002).

No entanto, apesar dos esforços supracitados, ainda se faz necessário empreender o debate e combater a discriminação e a violência contra a mulher, uma vez que o discurso machista está arraigado na cultura e no imaginário da sociedade, ratificando o domínio político do homem.

Em 2006, sancionou-se, no Brasil, uma lei como tentativa de diminuir os casos de feminicídios, a saber: a Lei n. 11.340, que passou a ser chamada de Lei Maria da Penha, em homenagem à Maria da Penha, mulher cujo marido tentou matar por duas vezes.

As mulheres vêm dia após dia lutando por direitos iguais de gênero. Ainda que o século XX tenha sido permeado por algumas conquistas femininas, como o direito ao voto, o direito a trabalhar fora, a estudar e à igualdade salarial, ainda não podemos afirmar que é o suficiente, pois, mesmo com o progresso da mulher, a cultura patriarcal ainda se sobrepõe, impedindo que se tenha um mundo mais igualitário.

Em busca de igualdade de gêneros surge, no início do século XX, o movimento feminista, o qual tentou trazer reflexão e proposição de mudanças. Porém, o movimento não tinha canais próprios para dialogar com as pessoas, sendo sempre retratado pela mídia, culturalmente patriarcal, que as traduzia como transgressoras, sendo apontadas como lésbicas que odiavam e queriam destruir o espaço do homem branco (Hooks, 2022).

Obviamente, as ferramentas midiáticas eram comandadas pelo homem branco, o qual não queria perder seu local social de destaque e domínio; logo, corroborava com a distorção do movimento, demonizando aquelas que participavam.

No início do movimento feminista, as mulheres participantes queimavam sutiãs e protestavam nuas pelas ruas, o que deu margem para a distorção do objetivo real. Nota-se que a grande massa ainda acredita que o movimento feminista visa a impor uma ditadura feminina, subvertendo o lugar do homem na sociedade e tomando para si tal espaço, quando, na verdade, tais movimentos buscam um equilíbrio de gêneros, sem opressão de qualquer um dos lados.

Em vista disso, hooks (2022, p. 13) define o feminismo como “um movimento para acabar com o sexismo, exploração e opressão”.

A autora e teórica feminista norte-americana propõe que o feminismo é para todo mundo, homens e mulheres precisam se desconstruir e construir um mundo de possibilidades e de afetos com igualdade de gêneros. Além disso, indica que as feministas eduquem ou busquem a conscientização da população, tentando estar em todos os espaços: na rua, no trabalho, nas praças, mas chama atenção para a escola, principalmente, ao pontuar:

A literatura infantil é um dos locais cruciais para a educação feminista, para a conscientização crítica, exatamente porque crenças e identidades ainda estão sendo formadas. E com muita frequência, os pensamentos retrógrados sobre gêneros continuam sendo a norma nos parquinhos. A educação pública para crianças precisa ser um local onde ativistas feministas continuem fazendo o trabalho de criar currículos sem preconceitos. (Hooks, 2022, p. 46)

É pertinente salientar que a escola pode contribuir de modo eficaz com a desconstrução discursiva de poder masculino, bem como a literatura infantil, pois sabemos que as crianças, antes mesmo de serem alfabetizadas, entram em contato com os contos de fadas, gênero discursivo que traz consigo narrativas que buscam delimitar o lugar do homem e da mulher na sociedade.

É sabido que tais contos apresentam, em sua maioria, uma mocinha indefesa que necessita de um homem forte e corajoso para salvá-la dos perigos, devido à sua condição de mulher frágil.

Durante muito tempo, tal realidade foi naturalizada, isto é, a condição subjugada da mulher em relação ao homem, tida como delicada, encaixada no padrão de beleza tipicamente franzino e grácil, que sempre é salva por um príncipe forte e corajoso.

Contudo, atualmente, percebemos uma movimentação e esforço dos estúdios de filmes e animação para eliminar os estereótipos, como em *Frozen* e *Shrek*, que carnalizam esse gênero, dentre outros exemplos modernos, apresentando a figura feminina sem as amarras dos estereótipos sexistas e machistas.

A constatação de mudanças tanto no modo de ver a mulher em seus papéis sociais quanto as evoluções tecnológicas pedem novos manejos sociais e a esfera que precisa acompanhar e se atualizar é a escola. Os documentos, como a BNCC, por exemplo, que dirimem as bases do ensino passam a alertar sobre a necessidade de tornar o aluno mais ativo e protagonista de sua vida baseado no que é estudado e experimentado na escola, mais especificamente falamos da aula de língua portuguesa. Assim, a aula de língua portuguesa pode colaborar para que o aluno entre em contato com diversas linguagens para que consiga

ter uma comunicação efetiva nas diversas esferas sociais que o aluno integre, principalmente no âmbito profissional. Com vista nisso, a seguir traçamos uma proximidade discursiva entre a pedagogia dos multiletramentos, a BNCC, além de como tudo isso pode funcionar na prática do dia a dia escolar.

2.1 Os multiletramentos, a BNCC e a escola.

A partir dos anos de 1990, percebem-se crescentes transformações no âmbito tecnológico, cultural e profissional. Diante disso, surge na cidade de Novas Londres, nos Estados Unidos, um grupo de pesquisadores nomeado de Grupo de Novas Londres, preocupado em discutir a adesão da escola à pedagogia dos multiletramentos, que visava a direcionar o jovem para letramentos críticos diante das novas linguagens que emergiam das mudanças sociais, tecnológicas, culturais e linguísticas que o futuro próximo desenhava.

O novo cenário tecnológico exigia um perfil de profissionais cheios de habilidades e competências de mais proatividade, sobretudo que o profissional seja capaz de realizar multitarefas. Por conseguinte, a escola deve ser o ambiente que prepara o jovem para transitar entre a multiculturalidade e o multilinguismo, sendo crítico e protagonista de sua história. A pedagogia dos multiletramentos proposta pelo Grupo de Nova Londres, em 1994, pregava que a escola devia possibilitar ao aluno interagir com diversidade cultural e ali ele seria capaz de dialogar, negociar e posicionar-se criticamente.

Diante dessa demanda social, espera-se que a escola dê conta da multiplicidade cultural e multiciplidade semiótica dos textos de quem se comunica; assim, os multiletramentos vão além do letramento, requerem do aluno novas práticas de produção e de recepção.

O avanço da tecnologia, mais especificamente o desenvolvimento da internet, traz consigo a difusão das redes sociais digitais, inaugurando um novo espaço público de interação social. Tal realidade proporciona-nos o entendimento de que as interações virtuais podem ser consideradas como espelhos das interações cotidianas. Desse modo, propiciando aos seus usuários manifestarem: solidariedade, violência, preconceitos, ódio, amor, considerando que tudo isso pode ressignificar ou manter os construtos sociais, as regras de convivência social etc. No entanto, podemos salientar que as redes sociais aproximam pessoas e, ao mesmo

tempo, podem também distanciá-las à medida que as pessoas se esquecem ou trocam o contato físico pela passividade do virtual.

Analisando a pedagogia dos multiletramentos e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), percebermos muitos pontos de interseção no que diz respeito às diretrizes para o ensino de língua portuguesa do ensino fundamental e do médio. O primeiro deles é o desenvolvimento e a capacidade de realizar multitarefas, sendo o aluno autônomo e protagonista de sua vida. Depois, a BNCC traz a importância de o aluno se portar de maneira exitosa nos campos da vida profissional, pública, pessoal, campo jornalístico-midiático e campo artístico-literário, através do letramento da diversidade de texto e multissemioses que circulam nessas esferas. A partir do contato que sejam capazes de realizar, projetar e experimentar as novas práticas de maneira reflexiva, crítica e transformadora.

A BNCC aponta também para importância da escrita e reescrita de textos, sempre pensando no planejamento e na realização, além da ampliação do repertório linguístico e cultural. O documento da base nacional ainda acrescenta o trabalho com a cultura juvenil, além da cultura digital tão requisitada pelos jovens e marginalizada pela sociedade e pela escola, reconhecendo a transformação da dinâmica social

Nesse sentido, não podemos desconsiderar o fato de que vivemos cada vez mais conectados às redes de comunicação e informação; os jovens, que são nativos da internet, não são diferentes, resolvemos boa parte de nossos compromissos com um *smartphone*. É desse cenário digital que as redes sociais emergem e tornam-se fecundos campos para pesquisas linguísticas, sociais, antropológicas, entre outras.

A partir do surgimento da *Web 2.0* (*Blog, Facebook, Instagram, Twitter*,⁴ dentre outros exemplos), permitiu-se que seus usuários não sejam apenas leitores estáticos (ROJO, 2013), mas que produzam conteúdo também por meio das interações em comentários, compartilhamentos, fotos ou outras imagens, vídeos, áudios, remix etc., sendo então não apenas meros consumidores, mas também autores. Atualmente vivemos um momento de transição com o desenvolvimento da *Web 4.0*, que, embora ainda não haja consenso entre os pesquisadores, ela faz uma integração entre o mundo virtual e o real com a inteligência de dados, inteligência artificial, possibilitando a interação entre seres humanos e máquinas de uma forma mais imersiva.⁵

⁴ A partir de julho de 2023, o *Twitter* passa a chamar-se *X*, de acordo com: <https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/266726-fim-twitter-rede-social-muda-nome-chama-x.htm>

⁵ <https://posdigital.pucpr.br/blog/web4>

A facilidade de produção de comunicação aumenta a rede de relacionamento das pessoas, mesmo sem que haja muita preocupação com o que está sendo dito, atuação esta que pode ocasionar estragos, a saber: notícias mentirosas, golpes, dentre outras mazelas modernas.

Segundo pesquisa feita pelo IBGE⁶ em 2021, 82,7% dos domicílios brasileiros possuem acesso à internet, e os jovens entre 15 e 18 anos são os que mais a utilizam, chegando a passar 3 horas por dia conectados. Alguns afirmam que o máximo de tempo que conseguem permanecer sem o aparelho de celular conectado é 30 minutos, outros nem isso.

A pesquisa do governo confirma que os jovens em idade escolar passam boa parte de seus dias em práticas leitoras nas redes sociais, produzindo gêneros discursivos e semioses que nem sempre são valorizadas pela escola e pela camada letrada da sociedade.

Por esse motivo, a escola não pode se manter alheia às práticas sociais de interação em que os alunos estão imersos, já que nesses ambientes são expostos pontos de vista, reforçam-se ou se alteram estereótipos vindos do imaginário do senso comum, fazendo isso sempre por meio da linguagem em comentários, muitas vezes racistas, preconceituosos, machistas, sexistas etc, os quais merecem a nossa atenção.

Portanto, é pertinente ressaltar que as redes sociais são também ambientes de aprendizado, seja positivo ou negativo, uma vez que em tais sítios os jovens não só entram em contato, mas também, expõem e formulam pensamentos, ideias e valores.

Para os alunos e para a sociedade atual, o uso das redes sociais é significativo, pois somos seres sociais e, como tais, buscamos nossos pares de acordo com o que se assemelha a nós. Assim, descobrimos maneiras de sermos em locais em que sejamos acolhidos pela maneira de falar, pensar, expressar valores e princípios de vida, e a *internet* também configura um local de interação.

Por conseguinte, o trabalho utilizando a rede social, *Instagram*, possibilitou-nos o entendimento de forma dialógica como os alunos do 9º ano representam a mulher, se suas visões sobre o papel feminino na sociedade são marcadamente sexistas e machistas ou se utilizam as ideologias estereotipadas e as ressignificam, atualizando-as.

Buscamos traçar os significados que os alunos do 9º ano dão às diversas linguagens com as quais interagem virtualmente, para, logo em seguida, potencializarmos o letramento crítico diante das atividades sociais às quais são submetidos ou se submetem, incorporando às atividades de língua portuguesa a gama de atividades linguístico-discursivos

⁶ <https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2021/abril/pesquisa-mostra-que-82-7-dos-domicilios-brasileiros-tem-acesso-a-internet>

proporcionadas pelas redes sociais que denotam suas representações de mundo e, particularmente, de mulher.

Nosso intento visou ao diálogo com a sociedade, na figura dos alunos do 9º ano, reforçando a visão social e colaborativa que a Web 2.0 sugere. Nos dias atuais, percebemos, frequentemente, em noticiários televisivos e páginas de notícias no *Instagram*, casos de feminicídio, estupro, entre outros casos.

A absorção frequente de tais notícias nos possibilita a impressão de que a violência contra a mulher tem se tornado costumeira e em maior número. No entanto, é perceptível que há muito tempo ocorrem violências contra a mulher, e as redes sociais apenas possibilitam a viralização de notícias e postagens muito rapidamente. O termo viralização vem da biologia, significando “tornar viral, de vírus”, no entanto, nas redes sociais é usado para nomear o fenômeno de que houve muitas visualizações, compartilhamentos. Assim, alguns grupos de usuários se aproveitam do poder de espalhar notícias, sem a devida checagem de veracidade dos fatos e, amparados em suas crenças religiosas e culturais, sentem-se aptos a disseminar discursos de ódio.

Analisando essa movimentação discursiva, o compartilhamento de postagens pode evidenciar concordância ou não com o que é exposto, e isso nos permite deduzir que as redes sociais apresentam, portanto, reflexos da sociedade com menos pudores ou receios, pois ainda se acredita que nada acontece com quem se expõe e expõe o outro, nas redes, seja com um comentário, um vídeo, uma postagem estática etc.

Embora se circule o discurso de senso comum que “a internet é terra de ninguém”, há uma legislação vigente que pune os crimes virtuais e, ainda, tramita na Câmara dos Deputados, a Lei Brasileira de Liberdade na Internet, Responsabilidade e Transparência Digital na Internet (PL 2630/20)⁷, conhecido como PL das Fake News, que regula o uso de redes sociais, obrigando *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *Telegram*, *Whatsapp*, entre outras, a se responsabilizarem por notícias falsas veiculadas por elas, além de responderem por crimes praticados, dentro dessas redes, contra a mulher, ou como a prática de racismo e de homofobia, por exemplo. A criação da lei não é recente, ela foi proposta em 2020, mas retirada da urgência de pauta de votação pelo ex-presidente Jair Bolsonaro.

Ao recorrermos ao ambiente digital, somos cientes da multiplicidade de textos e de culturas, consideramos também a pedagogia dos multiletramentos, que se baseia, entre outras, pela união da multimodalidade textual com a multiculturalidade; assim as sociedades

⁷ <https://www.camara.leg.br/tv/709711-conectados-projeto-da-lei-brasileira-de-regulacao-da-internet/>

se manifestam, usando diferentes semioses para se comunicar, além do plurilinguismo, buscando-se, dessa forma, uma identidade.

4 DIALOGICIDADE E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Partindo do ponto de convergência entre o dialogismo bahktiniano e a Teoria das representações sociais tem-se a dialogicidade, capaz de conceber, criar e comunicar a realidade social e, tudo isso, por meio da linguagem. A capacidade de pensar racionalmente e comunicar-se é dialógica e não individual. Ao adquirirmos a linguagem, adquirimos junto as ideias, não há linguagem sem ideias.

Neste capítulo, buscamos apresentar pressupostos preconizados por Bahktin, a saber: a responsividade, a alteridade, o signo ideológico e o enunciado concreto, já que é por meio da linguagem que conseguimos captar e analisar os discursos públicos, apresentando as realidades sociais e suas esferas políticas, religiosas, culturais, bem como suas representações sociais.

Para tanto, reunimos autores para endossar as concepções de linguagem, apresentando e aproximando as representações sobre a mulher, um dos focos de nossa pesquisa, verificando o agir responsivo dos participantes da pesquisa ao se depararem com os textos que circulam no Instagram, sejam eles de posição precedentes ou subsequente, uma vez que haverá enunciado concreto mesmo na resposta.

Desse modo, organizamos os próximos tópicos em: Teoria Dialógica do Discurso (TDD) e Teoria das Representações Sociais (TRS); Os multiletramentos em ambiente virtual e A mulher e o discurso de ódio.

4.1 Teoria Dialógica do Discurso (TDD) e Teoria das Representações Sociais (TRS)

Os seres humanos são seres sociais, onde há atividade humana, há comunicação e há diálogo. Esse diálogo se dá através da linguagem, possibilitando que a palavra seja dita, ouvida e respondida por alguém. É preciso entender que a linguagem não é apenas um sistema de códigos, mas deve ser concebida como um constructo social, cultural e dinâmico, assim os sujeitos tornam-se sociais ao relacionar-se com o outro e consigo mesmo.

Ao nascermos, fomos agraciados com a fala, isto é, chegamos ao mundo com a capacidade de falar, contudo a língua que falamos aprendemos com as interações sociais na família, na escola, com os amigos e nas demais esferas sociais.

Associado a esse aprendizado, as possibilidades das descobertas e das representações acerca do mundo, significando as coisas, além da aquisição das normas do

cotidiano de uma sociedade, o dialogismo permite que a linguagem se estabeleça e reverbere nas relações entre os sujeitos, discursos, vozes, entre o tempo e espaço, conseqüentemente, nos estabelecendo como sujeito também.

Em conformidade com o pensamento de Volóchinov (2021), há de se considerar, portanto, que o verdadeiro fundamento da língua não se dá pelo sistema abstrato, subjetivo e individual do falante nem pelo seu psiquismo, mas sim pelo convívio social e pela interação verbal. Logo, é possível depreender a ideia de que a comunicação se dá a partir da interação verbal, uma vez que não existe interação sem o outro.

A nossa pesquisa fundamentou-se no dialogismo de Bakhtin, pressuposto da Teoria Dialógica do Discurso, o qual compreende o diálogo como a forma mais importante de interação discursiva. O conhecido Círculo de Bakhtin, constituído por um grupo de intelectuais multidisciplinares com filósofos, biólogos, professores entre outros, reuniu-se de 1919 a 1929, destacando-se na área da linguagem Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Volóchinov e Pavel N. Medviédev.

Para Bakhtin e o Círculo, a língua recebe influência do contexto social e da ideologia dominante nas várias esferas sociais. Portanto, a linguagem efetiva-se por meio das interações sociais e é constituída pelo dialogismo, sendo o propulsor da realização de sentidos.

Conforme Volóchinov (2021), outro ponto relevante da obra do Círculo de Bakhtin é o fato de que a língua descortina a personalidade interior e a consciência do indivíduo, de acordo com as suas interações discursivas; a personalidade constitui-se, diferenciando-se ou aprofundando-se e não o contrário.

O homem relaciona-se em diversas esferas sociais, em diversos campos e de atividades, em diversos períodos. Em cada um desses campos, percebemos uma comunicação cultural carregada de ideologia se interpondo à comunicação verbal.

Ainda em consonância com o pensamento de Volóchinov (2021), entendemos que nossos enunciados estão permeados de vozes discursivas de autoridade, seja da ciência, das artes, do jornalismo, da política, da religião etc. Logo, eles nunca são completamente inéditos. Desse modo, interagimos com o mundo por intermédio da linguagem e os nossos discursos sofrem a influência direta da estrutura social a que estamos inseridos.

A partir dessa reflexão, compreendemos que o discurso se realiza por intermédio do enunciado concreto, já que a palavra se converte em enunciado a partir da interação

discursiva. Para Volóchinov (2021, p.57), “Todo enunciado, mesmo que seja escrito e finalizado, responde a algo e orienta-se para uma resposta”. (Grifo nosso)

Nesse sentido, todo enunciado ultrapassa o dialogismo, possibilitando um elo entre outras vozes discursivas, aumentando o discurso de seus antecessores ou polemizando. Embora a realização de um enunciado seja um evento único e irrepeditivo, sempre haverá singularidades, elaborando a realidade entre o eu e o outro; assim, do ato enunciativo sempre se espera uma compreensão responsiva do sujeito.

Somos atravessados por palavras, pensamentos, imagens ou ideias, e isso pode ocorrer de maneira individual ou coletiva, mesmo que não queiramos que tais imagens ou ideias cheguem a nossos ouvidos e mente, construindo ou determinando nossas condutas sociais, nossas respostas diante dessa atmosfera social e cultural a que estejamos imersos.

Diante disso, as sociedades representam e atribuem valores às ideias e modos de vida, suas instituições e a tudo que dá sentido à sua existência comum. A língua concebe o mundo, entendendo que há que se estabelecer uma distinção entre sentença e enunciado; ao se preferir uma sentença isolada, ela é também isolada de valores, mesmo que se diga que essa sentença tem significação linguística, mas ela não tem um sujeito discursivo. Já o enunciado ao ser dito, será dito por um sujeito social, localizado em um tempo e um espaço, vai carregar uma posição avaliativa, terá uma posição verbo-axiológica, trará vozes sociais. Não se pode conceber a língua como sistema abstrato, mas como enunciados concretos, dinâmicos, heterogêneos, permeado de vozes sociais que podem se contradizer ou não, ou ainda se correlacionar diante das relações dialógicas.

Para Bakhtin (2016, p. 57), “Todo enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva”, infere-se daí que nosso discurso está repleto de vozes de outras pessoas, como, por exemplo, de teóricos, cientistas, políticos, familiares, e sempre traremos à tona o posicionamento ou as concepções já ditas antes e este enunciado sempre estará associado ao contexto sócio-histórico, além de estar ancorado em tempo e em espaço determinado.

Segundo Moscovici (2015/1984), as representações sociais favorecem a construção da realidade de determinados grupos, comunidades, sociedades. Tem-se as representações sociais como o produto da interação e da comunicação, configurando valores, ideias e práticas de um dado momento histórico, social, científico.

Em outras palavras, as crenças, não só as do conhecimento científico ou técnico, mas também do conhecimento de existência comum, moldam e unem indivíduos do mesmo

grupo de interesse, transmitindo as paixões comuns de geração a geração. Quando isso ocorre, é porque o símbolo logrou certa estabilidade. Assim, valida-nos Moscovici (2015/1984, p. 21), ao pontuar que:

um sistema de valores, ideias e práticas que possibilita às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo, além de possibilitar a comunicação entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhe um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e de sua história individual e social (Moscovici , 2015/1984, p. 21).

Na contemporaneidade, a transmissão de valores culturais e sociais é facilitada pela comunicação dos veículos midiáticos, além da comunicação informal entre esferas sociais, trazendo à tona um novo olhar para a relação do indivíduo e da sociedade. As representações sociais contribuem para a conceituação do mundo e das pessoas; por meio de seus discursos, comungam tal conceituação e replicam conhecimentos.

O ato de compartilhar esquemas culturais e crenças produz reciprocidade de perspectivas, acionando nos indivíduos experiências semelhantes, afetando assim o que é relevante para aquele indivíduo ou grupo. A partir daí, reciclam-se ou negam-se as crenças, motivados pela interpretação dos significados e paixões sociais de determinada comunidade.

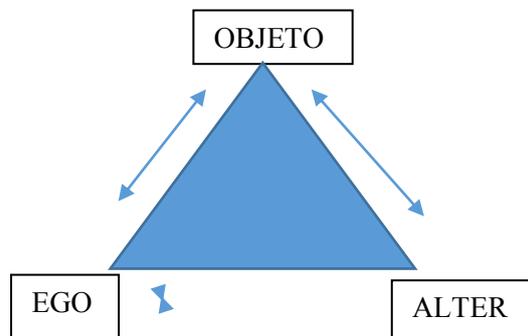
Nesse sentido, é preciso preocupar-se com o discurso público se se deseja encontrar as representações sociais, argumenta Marková (2006), pois elas aparecem como fenômenos que geram problemas e debates sociais, e a teoria das representações sociais como teoria do conhecimento social baseia-se na dialogicidade do discurso, permitindo a transmissão ou replicação das representações sociais.

É pertinente salientar que temos a capacidade de pensar racionalmente. Todavia, tal racionalidade não surge no individualismo psíquico, ela se dá através da dialogicidade com o outro. Marková (2006, p. 195) afirma que “O pensamento e a linguagem originam da antinomia do *Alter- Ego* e, conseqüentemente o conhecimento de senso comum é a fonte e o produto da racionalidade dialógica”, assim, mesmo que tenhamos ideias em nossa mente individualizada, ela só se efetivará quando realizada em grupos, comunidades, sociedades.

Embora os seres humanos tenham potencial para a racionalidade, a cultura do senso comum é o que provocará esse potencial. Para Moscovici (2015/1984), existe uma tríade dialógica que constrói ou conceitua o objeto ou a ideia que se sedimentam em representações sociais, é *Alter* (o outro) - *Ego* (eu) - Objeto (ideia, conceito). Assim, a partir da dinâmica de interação do Outro, que pode ser um grupo, uma comunidade com o Eu, que

também pode ser um grupo, formula-se a imagem ou significado do Objeto, gerando as representações sociais.

Tal concepção aproxima-se da concepção dialógica da alteridade, uma vez que existimos em função do outro (Bakhtin, 2016). Coadunando com o pressuposto da alteridade, a teoria das Representações Sociais enfatiza a presença da tensão na dinâmica da tríade dialógica, que pode ocasionar em mudança ou no estabelecimento das ideias empregadas na história daquela sociedade. Não há como haver separação das partes (alter-ego-objeto), pois assim não haveria unidade no sentido dado ao objeto. Tomemos o esquema abaixo para melhor compreensão:



Fonte: Marková (2006, p. 213).

Nessa tríade, os componentes estão internamente relacionados, funcionando como um todo que não pode se desintegrar. Havendo assim, relação dialógica constante entre Alter-Ego em prol de dar significado ao objeto (representação social).

Em vista disso e sabendo do dialogismo existente nas redes sociais, achamos por bem, portanto, investigar como alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, que utilizam o Instagram, a fim de saber como percebem os papéis sociais da mulher na sociedade contemporânea, visto que ainda hoje o machismo se sobrepõe culturalmente, deixando claro que o homem é superior à mulher no âmbito profissional e no relacionamento amoroso, por exemplo.

Desse modo, os papéis de gênero, permeados com a superioridade masculina ainda prevalecendo, são e continuam sendo repassados de geração em geração e reforçados nos discursos das esferas sociais em suas atividades interativas. Ao realizar um resgate da presença da mulher na história e na filosofia das sociedades, vemos a mulher aparecendo ligada a figuras divinas como, por exemplo, Afrodite e Atenas, mas nunca filósofas. Os filósofos da antiguidade diziam que o cérebro feminino era inferior ao masculino, impedindo-

a de escrever, governar, gerir algo. Assim, os filósofos constantemente traziam suas verdades com discursos públicos. Aristóteles, filósofo grego, por exemplo, comunga da ideia de superioridade masculinidade; para ele, a mulher transita entre o humano e a selvageria, concluindo que a mulher é uma ameaça à convivência harmoniosa. (Andrioli, 2010)

Já Pitágoras, citado na obra de Ruedell e Andrioli (2013, p. 1), diz que “existe um princípio bom que gerou a ordem, a luz e o homem; há um princípio mau que gerou o caos, as trevas e a mulher”. Diante da citação do filósofo, percebemos a mulher e o homem colocados em lados opostos e a mulher ligada a concepções negativas. Tanto a visão histórica quanto essa última contribuem para a manutenção do patriarcado dominando a vida familiar, política e social da mulher. O sistema patriarcal possibilita que o homem cometa violência contra a mulher sob a justificativa de manter a ordem e a harmonia da família. Esse sistema entende que a mulher é tomada por sua capacidade reprodutiva, ao mesmo tempo, que é objeto de exploração sexual. Assim sendo, o corpo feminino está sob constante julgamento nos discursos da sociedade. Os padrões de beleza para as mulheres não são os mesmos para os homens. As mulheres devem ser magras, com cabelos sempre cuidados, pintados, sempre maquiada, com dentes alinhados, se não se encaixam nesses padrões são vistas como “desleixadas”; já os homens de cabelos brancos, por exemplo, são charmosos, até seus corpos não atléticos chegam a serem vistos como “charme”.

Por muito tempo, pautou-se a distinção de gêneros apenas pelos aspectos biológicos, e estes convergiram para a ideologia do patriarcado histórico e social, no qual a mulher era totalmente dominada pelo homem, não tinha o direito de ter opinião própria, de trabalhar nem de estudar, apenas estava a serviço da vontade do homem e da construção e manutenção da família. Os filósofos antigos costumavam definir a mulher pela ausência de órgãos, consolidando-se a sociedade falocêntrica e como o homem possui o falo, ele domina. Cabe salientar que pretendemos detectar as representações sociais dos alunos do 9º ano ao interagirem na rede social, analisando se, em suas interações responsivas, agem com responsabilidade nos seus posicionamentos expostos a partir do que é veiculado pelas redes sociais. Importa-nos perceber e desenvolver a responsividade ativa e crítica diante daquilo que o interlocutor enuncia na gama de interações que as redes sociais proporcionam.

Alguns tipos de representações sociais são baseados em crenças, como reforça Marková (2006), ao interagirmos com os outros partilhamos e compartilhamos de ideais culturais comuns naquele grupo, que podem ser reciclados ou não e que dão significados e interpretação a construção cultural. Com o passar do tempo, tais ideias circulam pelo senso

comum, conhecimento que referencia as representações sociais, e é visto, socialmente, como inferior. No entanto, o senso comum tem sua lógica, e não se quer abandonar o conhecimento científico, porém, o conhecimento científico é restrito a um grupo escolarizado e com oportunidades de pesquisa e de conhecimento especializado, já o senso comum é democrático e permeia todos os grupos de práticas sociais (Moscovici, 2015).

É válido dizer que as representações sociais não estudam qualquer fenômeno social, mas apenas aqueles que trazem tensão para sociedade, aqueles que se tornam alvos constantes dos discursos políticos, religiosos, discursos da esfera pública no geral, ou que de alguma forma trazem polêmica e gerem preocupação para a sociedade.

Como já mencionado anteriormente, nossa pesquisa apoia-se no dialogismo, princípio básico do pensamento bakhtiniano, que compreende o homem como “equação do *eu* e do *outro*, um desvio face das significações axiológicas” (Bakhtin, 2020/ 1979, p. 99), assim eu só existo no outro e o outro em mim; a alteridade é relevante para entendermos que somos seres inacabados e estamos em constante movimentação, e através de nossas práticas sociais formamos nosso repertório social, cultural, histórico, ideológico. Tudo isso constitui o sujeito do discurso que, para Bakhtin, não é possível conhecer o outro fora do discurso que ele produz, nem fora da sua realidade social.

Entendemos o mundo através da linguagem que é plural, assim como os sujeitos são multiculturais, permeando no discurso vozes sociais que trazem “tensão decorrente das forças centrípeta e centrífuga suscita o conflito de vozes sociais, que, muito embora confluam na teia do discurso, são organicamente dissonantes, heterogêneas e concorrentes” (Ribeiro; França, 2020, p. 32). De acordo com Bakhtin e o Círculo, há duas forças que atuam sobre a língua/ linguagem, a centrípeta e a centrífuga, que estabilizam e descentralizam respectivamente, agindo no nosso repertório comunicativo e ideológico. Assim, tornamos o repetível no irrepetível. Essa tensão provoca conflito na prática comunicativa, fruto do dialogismo, porque ao lançarmos enunciados, estes vão requerer uma contrapalavra à palavra dada. Depreende-se, então, que o ser social tem constituição contínua e os sentidos virão da interação do eu-outro, surgindo daí contradições de vozes sociais ou acomodações (Ribeiro; França, 2020).

As trocas dialógicas atualizam a simbologia histórica, social e ideológica do coletivo, o que, por sua vez, constitui o sujeito do discurso que concebe o mundo através das múltiplas vozes da sociedade.

Sob essa perspectiva, Py (2000) propõe que as Representações Sociais estudadas por Moscovici sejam divididas em Representações de Referência (RR), que se direcionam para o núcleo central, e Representações de Uso (RU), que remetem a periferia. Em outras palavras, as Representações de Referência são aquelas que Bakhtin chamou de centrípetas, ou seja, são formas discursivas primitivas que se hospedam no imaginário de um grupo ou comunidade, tornando-se comum ou referência para aquele grupo, e se estabilizando. Já as Representações de Uso são as RR, sofrendo transformações na periferia de acordo com as interações sociais (Py, 2000). No processo de transformação das RR em RU, podem ocorrer diversas estratégias, como a confirmação ou refutação de ideias ou de imagens, de nomear coisas de acordo com a interação dos participantes dos grupos. Essas modificações podem se dar por parte de um indivíduo com outros grupos, culturas, contextos sociais a depender das interações.

Aqui, buscamos as vozes sociais que permeiam o discurso dos alunos do 9º ano, ao se tratar sobre o papel social da mulher, haveria uma força centrípeta padronizando o ser mulher? Somos sujeitos históricos e como tais ainda assim carregamos resíduos machistas, sexistas ao caracterizar a mulher, ao julgar sua maneira de falar, de vestir e principalmente a posição submissa diante do homem, uma vez que tudo ocorre dentro espaço e tempo que estamos situados.

4.2 Os multiletramentos em ambiente virtual

A escola é vista como lugar em que se adquire conhecimentos formais, mas não se pode conceber a escola alheia aos acontecimentos do mundo, pois a escola faz parte do meio social. Os tradicionalistas veem a aula de português como lugar para se aprender a ler e a escrever, apenas, dando maior prestígio a essa última modalidade. Portanto, o avanço tecnológico fez emergir uma outra maneira de ler o mundo através da tecnologia e das ferramentas digitais. Assim, fomentar o posicionamento responsivo dos alunos do 9º ano diante dos discursos que circulam nas redes sociais é urgente. Dessa forma, surge a importância de empreender nos jovens um letramento crítico diante dos gêneros discursivos a que são submetidos, discursos repletos de ideologia e intenção persuasiva sobre os assuntos públicos. Cabe a escola capacitar a compreensão leitora, responsiva e crítica dos alunos. A posição responsiva, segundo Bakhtin (2016, p. 57), “rejeita, confirma, completa”, o interlocutor diante de um enunciado concreto pode se posicionar responsivamente ativo e

verbalizar sua impressão ao que foi proferido; também se pode entender, mas só responder oralmente ou por escrito em outro momento; por fim, a responsividade silenciosa, na qual houve compreensão, mas não se quis verbalizar nada.

A noção de letramento muitas vezes é tomada de forma errônea, muitas vezes ligado à alfabetização, isto é, aos aspectos mecânicos relacionados à leitura e à escrita. No entanto, não existe um único letramento, mas vários, por isso há letramentos, estes estão relacionados com as tantas práticas sociais nas quais os sujeitos do discurso se envolvem. Lemke (2010, p. 457) considera: “Um letramento é sempre um letramento em algum gênero e deve ser definido com respeito aos sistemas de signos empregados, às tecnologias materiais envolvidas e aos contextos sociais de produção, circulação e uso de um gênero particular”. Portanto, os letramentos conceituam-se sob uma perspectiva enunciativa- discursiva, a depender das práticas sociais dos sujeitos do discurso e do evento de letramento.

A partir de então, as pessoas se comunicam usando novas tecnologias, recursos midiáticos e multissemióticos, mobilizando o multiculturalismo, o plurilinguismo, logo, os multiletramentos. A missão da escola é não só colocar os alunos em contato com os multiletramentos, como fazê-los também usar os letramentos contemporâneos sabiamente, invocando o letramento crítico.

Ao se tratar de letramento crítico, é preciso desenvolver nos alunos do 9º ano a habilidade de analisar e (re) estruturar a consciência crítica diante dos discursos a que são expostos. Para Street (2014, p. 164), “O mundo letrado é (...) abstrato, analítico, distanciado, objetivo e separativo”, assim, é necessário que os jovens sejam capazes de ter mentalidade lógica, fazendo distinção de mitos e realidade, daquilo é repertório científico, ter objetividade e pensamento analítico- crítico diante do contexto que se insere. Promovendo-se o letramento crítico, facilita-se a vida do aluno quando da exposição de discursos políticos, por exemplo, viabilizados em prol da manutenção de ideologias de poder, moldando seu próprio mundo.

O mundo digital permite a seus usuários interações diversas e exposição a gêneros discursivos também diversos; pode-se afirmar que os alunos do 9º ano são considerados nativos digitais, pois nasceram no período em que a internet já faz parte do cotidiano das pessoas de maneira mais democrática. Nesse ambiente, ficam imersos os multiletramentos, com linguagens diferentes para se expressar, por isso é urgente desenvolver seu letramento crítico neste ambiente também, visto que as pessoas usam a internet sem examinar a veracidade dos fatos, disseminando pensamentos e representações sem a menor análise crítica.

As redes sociais incitam e favorecem uma responsividade ativa, pois, naquele ambiente virtual, pode-se responder com texto escrito ou outras semioses, como curtindo, compartilhando, ou utilizando *emojis* para mostrar concordância ou não com o que foi dito, zombar e até ofender. O enunciado concreto vai gerar resposta responsiva ativa apenas quando o tema abordado mexe ideologicamente com o outro. Sob o enquadre bakhtiano, o enunciado concreto é a unidade mínima de significação comunicativa e que não pode ser separada do seu contexto. A esse respeito, Volóchinov (2021, p. 220) diz que: “A comunicação discursiva nunca poderá ser compreendida nem explicada fora dessa ligação com a situação concreta”. Assim sendo, a enunciação concreta é viva e se dá no ato da interação entre os sujeitos, não sendo possível dissociá-la do seu contexto sociohistórico; se assim não fizermos, teremos um conteúdo abstrato com semântica igualmente abstrata.

Podemos pensar então que o aprendiz da língua/ linguagem através do enfoque dado em seu contexto cotidiano, invoca as interações das práticas sociais. Daí a percebermos o equívoco de muitas aulas de português que isolam frases e querem destrinchamentos gramatiqueros, fugindo da concretude discursiva. Esse modo tradicional de se conduzir a aula de língua materna gera dificuldades no aprendizado da língua que se reduz a classificações sintáticas e morfológicas. Se, até meados do século XX, a escola só se preocupava com o letramento focado na escrita, é preciso perceber que hoje com o surgimento das tecnologias digitais, há outras demandas que precisam ser exploradas, surgindo alguns desafios para a escola.

Nosso intuito pedagógico é ver os alunos do 9º ano do ensino fundamental como protagonistas de suas vidas, sabendo que nas redes sociais eles são produtores e não só consumidores de conhecimentos culturais. Por conseguinte, é preciso que desenvolvam seu posicionamento crítico e responsivo de maneira responsável e atuante na sociedade local e global, rompendo com estereótipos sobre a mulher. Por efeito, a compreensão responsiva requer que se inclua o juízo de valor (Bakhtin, 2016). Assim, todo sujeito é dotado de atitude valorativa, uma vez que recebe informações do mundo externo, julga o que é bom, o que é ruim, o que é verdade ou o que é mentira. O Círculo de Bakhtin deixa claro que todo signo possui avaliação ideológica:

O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. As categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom etc) podem ser aplicadas a qualquer signo. O campo ideológico coincide com o campo dos signos (...). Onda há

signo há também ideologia. Tudo que é ideológico possui significação sgnica (Volochinov, 2021, p. 93)

Dessa forma, o contexto social do indivíduo pode determinar como ele compreende e interpreta o mundo externo e interno, por isso é importante que a escola ajude o aluno a conceber ideias e experiências, de maneira que ele seja crítico e protagonista de sua vida, em suas interações virtuais por meio das redes sociais.

Para os jovens de 14 a 17 anos, faixa etária dos alunos que compuseram esta pesquisa, nativos digitais, o meio virtual é um ambiente genuíno, lá eles fazem amizades, namoros, trabalham, divertem-se, informam-se etc, é salutar investigar suas impressões de mundo real expressas no virtual que muitas vezes se fundem. Com a evolução tecnológica, temos em voga a *Web 2.0*, que possui uma característica de autoria colaborativa. Assim, quando construo um texto multissemiótico, por exemplo, e o publico em *sites* ou nas redes sociais, ele emana as particularidades de minha autoria, mas alcança responsividade, quando alguém faz um comentário (enunciado concreto a partir de um gerador), depois outra pessoa comenta algo sobre o comentário da primeira, além de compartilharmos textos em PDF ou armazenarmos em nuvens (Rojo, 2013). É importante frisar que, para Bakhtin, todo enunciado concreto possui autoria; pois a posição responsiva do interlocutor propiciará uma resposta, logo construindo outro enunciado também concreto.

Quando utilizamos as redes sociais como ferramentas pedagógicas, tomando por base a vertente teórica bakhtiniana, Rojo (2013) nos chama a atenção para a impressão que se tem de que a Teoria Dialógica do Discurso não daria conta dos textos multimodais e multissemióticos que circulam no meio virtual, pois desde o Círculo de Bakhtin se aborda a relativa estabilidade de gêneros discursivos escritos e que obviamente não comportariam a gama de linguagens que temos na contemporaneidade, nas mais diversas práticas sociais. No entanto, o Círculo de Bakhtin, ao proferir sobre a dialogicidade e o inacabamento do homem e de suas percepções, abre margem para comportar sim outros gêneros e semioses, pois a significação do enunciado é preservada e ainda é possível dizer que o objeto do discurso dita as escolhas lexicais, semânticas, composicionais, de estilo e de apreciação valorativa (Rojo, 2013).

Considerando que todo enunciado tem e recebe uma apreciação valorativa, é preciso perceber o processo dialógico para conceber o conhecimento, além de saber que a linguagem é a ponte entre o mundo da cultura e o mundo da vida (Volóchinov, 2021). A escola deve proporcionar condições para o desenvolvimento de um discurso crítico de seus alunos, sem desprezar que os posicionamentos podem ser múltiplos, há olhares múltiplos,

contextos múltiplos e o plurilinguismo. Sabendo-se que para Volóchinov (2021), o que vai definir o tema ou estilo de gênero a ser produzido é a apreciação valorativa ou apreciação axiológica (ética, política, religiosa, estética) que os interlocutores têm uns dos outros. Essa axiologia vem arraigada de traços culturais, históricos e sociais com utilização de valores do campo científico ou mesmo do senso comum, campo jornalístico, campo artístico, entre diversos outros, trazendo representações sociais próprias do grupo do qual se faz parte.

Para tanto, pretendemos fortalecer o estudo com os multiletramentos no ambiente escolar, pois

No campo específico dos multiletramentos, isso implica negociar uma crescente variedade de linguagens e discursos: interagir com outras línguas e linguagens, interpretando ou traduzindo, usando interlínguas específicas de certos contextos, usando inglês como língua franca; criando sentido da multidão de dialetos, acentos, discursos, estilos e registros presentes na vida cotidiana, no mais pleno plurilinguismo bakhtiniano (Rojo, 2013, p. 17).

É necessário que a escola colabore com o desenvolvimento da habilidade do aluno de falar, de expor opinião e de desconstruir visões cristalizadas passadas de geração a geração, que embasam discursos de ódio e nutrem a violência verbal e física contra a mulher. Os diálogos difíceis e com posicionamentos contrários fazem parte da diversidade cultural. É preciso criar o paradoxo de “provocar a coesão da diversidade no pluriculturalismo” (Rojo, 2013, 17), ou seja, necessita-se que a escola valorize a cultura marginalizada pela cultura letrada e tradicionalmente chamada de “bem falar, boa música, boa arte”, excluindo manifestações das mais diversas de falar e de entender a vida.

Tendo-se em mente que todo enunciado discursivo que produzimos traz vozes sociais como, por exemplo, vozes religiosas, científicas e políticas. Podemos dizer que a linguagem tem caráter sógnico ideológico, assim sendo significamos toda nossa realidade na plenitude da linguagem e na materialização da comunicação, para Volóchinov (2021, p. 98):

A realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais. As leis dessa realidade são as leis da comunicação sógnica, determinadas diretamente por todo o conjunto de leis socioeconômicas. A realidade ideológica é uma superestrutura colocada diretamente sobre a base econômica. A consciência individual não é a arquitetada da superestrutura ideológica, mas apenas sua inquilina alojada no edifício dos signos ideológicos.

Com isso, podemos dizer que o sistema linguístico é neutro, mas a palavra, entendida por Bakhtin como linguagem, dependendo do campo social em que circula, sempre estará impregnada de uma carga ideológica específica. Aqueles sujeitos, ao interagirem no cotidiano e dizerem, por exemplo, que “lugar de mulher é na cozinha e quem deve levar o

sustento para casa é o homem”, estão proferindo um discurso que pode parecer defensor, na figura do homem provedor, mas é ideologicamente machista, sexista, que pode ocasionar atitudes violentas por parte do homem por acreditar que a mulher é sua propriedade, que ela é frágil e necessita dele para viver. Como a linguagem gera e justifica ações, o discurso de ódio como um exemplo de violência contra a mulher, traduz-se, muitas vezes, no aumento de números de estupro e feminicídios cometidos na sociedade brasileira.

É notório que as representações sociais influenciam diretamente na vida dos sujeitos, seja na família, na escola, nos relacionamentos amorosos, no trabalho. Sabendo do uso massificante das redes sociais, sobretudo o Instagram, pelos adolescentes, fez-se relevante desconstruir conceitos, pré-conceitos, simbolismos, que aparecem no convívio e com a interação social com seus pares, os quais possuem diferentes classes sociais, pensamentos e comportamentos e que, por sua vez, replicam suas imagens trazidas da educação familiar, religiosa e cultural, formulando outras imagens a partir dessa interação (Santos; Lima; Correia, 2017).

Procuramos, portanto, buscar que elementos fomentam as atividades discursivas expostas nas redes sociais, que aspectos sociais, históricos e culturais replicam os usuários e alunos do ensino fundamental no Instagram em suas interações.

Na pesquisa desenvolvida, investigamos as marcas discursivas usadas para qualificar a imagem da mulher, pensamentos históricos, patriarcais e culturais que apareceram no *Instagram*, delimitando o papel social da mulher na sociedade, mas o que deu corpo a nossa pesquisa, principalmente, foi como os alunos do 9º ano percebem, refletem e refratam o discurso machista, a partir do discurso de ódio contra a mulher exposto nas redes. A rede social permite postagens com multissemióticas, isto é, o compartilhamento de vídeos, músicas, tirinhas, memes, *emojis*, que colaboram para as discussões polêmicas presentes nas redes sociais. Torna-se fundamental entender como os jovens se inserem nos grupos, como se reconhecem, como expõem suas experiências de vida e suas opiniões no Instagram, ambiente virtual e que, a priori, não terá vigilância de adultos, revelando os impactos de suas representações no mundo real e virtual.

É preciso considerar que há novos modos de significar a realidade social, de fazer sentido e de fazer circular os discursos na sociedade contemporânea, o que convocam os multiletramentos. Faz-se necessário, portanto, potencializar as habilidades leitoras dos alunos para que tenham uma participação responsável nas experiências dos ambientes virtuais, Rojo e Barbosa (2015, p. 135) consideram que as novas demandas sociais devem ser contempladas

nos currículos escolares, proporcionando refletir criticamente: “sobre participações, avaliar a sustentação de opiniões, a pertinência e adequação de comentários, a imagem que se passa, a confiabilidade das fontes, apurar os critérios de curadoria e de seleção de textos/produções, refinar os processos de produção e recepção de textos multissemióticos”

Como bem explica Rojo (2012), ao se usar os prefixos pluri ou multi em multiletramentos, não se trata apenas de expressar a diversidade de letramentos, mas a “multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica” (Rojo, 2012, p. 13). As pessoas na atualidade se comunicam não só através de textos escritos e impressos, mas também por áudios, vídeos, músicas, imagens estáticas ou em movimento, constituindo várias semioses e gêneros discursivos próprios do ambiente virtual.

As multimodalidades que aparecem na composição dos textos em um gênero discursivo dependem dos veículos nos quais o texto será produzido e distribuído. Na mídia impressa, por exemplo, pode haver semioses como fotos, mas de maneira estática. Já em mídias digitais, as semioses podem ter movimentos, assim como a linguagem corporal pode trazer gestualidades, danças etc.

Direcionando nosso olhar para o contexto virtual, Rojo (2015, p. 119) sustenta que existe “uma cisão entre produtores/ autores, possibilitando que todos publiquem na rede e exerçam simultaneamente os dois papéis, originando o lautor”. A ideia de que o enunciado é elo de uma cadeia verbal, como postula Bakhtin, evidencia-se nas redes sociais, a partir do estabelecimento de trama de enunciados referenciando-se a enunciados anteriores, partindo da compreensão responsiva ativa, possibilitando a autoria de cada enunciado concreto, orquestrando-se múltiplas vozes.

Para Bakhtin (2016), os discursos entrecruzam-se com múltiplos vieses de pontos de vista, bem como os discursivos que emergem nas redes sociais, por trazerem, quase sempre, assuntos polêmicos e despertarem nos usuários das redes sociais necessidade de interação, nos quais os interlocutores estabelecem interação, concordando ou refutando opiniões, não por necessidade de opinar, mas pela possibilidade de interagir com o outro sujeito. Assim, notamos as personalidades machistas nas postagens, comentários e reações obtidas no Instagram. A ideia de compartilhar postagens dissemina opiniões, muitas vezes, preconceituosas, discriminatórias e machistas. Observa-se que há o estabelecimento de uma cultura de convergência, como cita Jenkis (2019), na qual os usuários e consumidores de conteúdo das redes sociais são impulsionados a produzirem novas informações e estabelecer

novas conexões, sem a preocupação de se apropriar se o que se diz tem fundamento ou se a notícia trazida é verídica, o que importa é participar do ato discursivo.

Ao propormos o desenvolvimento do letramento, crítico pensa-se sob o viés da pedagogia dos multiletramentos, proposta pelo Grupo de Novas Londres, em 1996. Essa pedagogia condiz com os princípios de pluralidade cultural e diversidades de semioses, e visa seguir “movimentos didáticos” para se chegar a um objetivo. Primeiramente, é importante que o alunado conheça os gêneros discursivos que circulam nas redes sociais, bem como conheçam seus processos de produção. Em seguida, devem analisar e entender os diferentes contextos no qual circulam, além de compreender as significações das linguagens e a valoração que a cultura envolvida dá a essa manifestação cultural. E, por fim, produzir e reproduzir nos meios adequados, pensando nos seus receptores. Essa produção se dá de maneira a transformar criticamente seus discursos e seu meio, deixando de reproduzir imagens sociais estereotipadas. (Rojo, 2012).

Toda atividade enunciativa considera os atores do discurso, bem como uma ética exigida pelo campo da atividade social e verbal (Bakhtin, 2016). Assim, nossas escolhas linguísticas e semânticas dar-se-ão pelo grau de intimidade que temos com nosso interlocutor; o discurso espalhado no meio social mais formal pode manter amarras que no seio familiar não há, por exemplo. Logo, através da circulação de gêneros discursivos permeados de ideologias e simbolismos são expressas as percepções de mundo. Vale salientar que há pessoas nas redes sociais que não filtram suas postagens e comentários, pois se sentem protegidas por uma tela e acreditam que não sofrerão sanções por expor “suas opiniões”; a facilidade nas redes é tanta que algumas pessoas chegam até a criar contas falsas para navegar livremente.

4.3 A mulher e o discurso de ódio

Para esta discussão, recorreremos à filósofa e autora à frente de seu tempo, Simone de Beauvoir, em sua obra *O Segundo Sexo* (2019/1949), apresentando uma profunda análise sobre o papel da mulher dentro da sociedade e sobre a construção do que é ser mulher, estabelecendo uma importante distinção entre os conceitos de gênero e sexo. A autora ressalta ainda que vivemos em uma sociedade patriarcal, que tolera a violência contra a mulher e que “[...] o lugar que o pai ocupa na família, a preponderância universal dos machos, a educação, tudo confirma a ideia da superioridade masculina” (Beauvoir, 2019/1980, p. 23). Além disso,

vemos que as mulheres ao longo da história são retratadas pela visão do homem, o que trará provavelmente uma visão depreciativa e que desprestigie o feminismo, sem que seja mostrada a essência do movimento feminista.

Simone de Beauvoir (2019/1980, p. 11) também traz à tona sua célebre frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, corroborando com a ideia de que somos frutos do nosso meio cultural e social, vivemos em um sistema de valores, ideias e práticas sociais, nossas inter-relações nos moldam segundo os códigos do grupo ou subgrupo no qual nos inserimos, estabelecendo relações entre o mundo individual e o social. A figura da mulher carrega aspectos históricos muito reforçados pelos religiosos, que ponderam como uma mulher deve agir, vestir, comportar-se como esposa, mãe, profissional.

Como sujeitos únicos, temos nossas individualidades de pensamentos, ou seja, pensamos por nós mesmos e temos nossas peculiaridades ao escolher uma maneira ou outra de falar ou de expressar opinião. Entretanto, nossas subjetividades são formadas a partir dos valores ideológicos que permeiam o ambiente no qual vivemos, demonstramos nosso ponto de vista sobre algo, nunca ilesos das vozes sociais em que entramos em contato; ainda que seja uma simples citação, há afinidade com o discurso de outrem. Todo discurso pressupõe o dialogismo. O diálogo traz a marca não só de uma individualidade, mas de várias. A compreensão é ativa e responsiva, pois trará algo do sujeito que ressignifica e singulariza o que foi compreendido (Bakhtin, 2016).

Em uma rápida pesquisa pela internet, podemos ver manifestações de homens e mulheres acerca de assuntos que envolvem a mulher, seja em papéis de protagonismo ou de violência física ou sexual, as marcas do discurso machista sempre estão presentes, até em comentários tidos como antimachistas; no entanto, suas interações sociais trazem à tona suas imagens engessadas do papel que a mulher cumpre e deve cumprir na sociedade. Reforçamos que a escola deve ser o espaço para discussões e tentativas de desconstruções sobre temáticas polêmicas que ocorrem na sociedade, do contrário, os estudantes continuarão a replicar as velhas práticas preconceituosas, sexistas e machistas, e que podem ser levadas em suas vivências, estabilizando cada vez mais esses estereótipos de tanto serem replicados, tornam-se mais recorrentes, cultural e socialmente.

Marková (2006) reforça a ideia de *themata*, exposta por Moscovici, dizendo que a *themata* nos remete às antinomias do pensamento. As antinomias modelam as atividades mentais dos humanos ao buscarem significados na linguagem e em imagens. O conhecimento científico ao categorizar as coisas e criar taxinomias se utiliza de opostos ou antinomias. A

partir da themata do conhecimento científico formulou-se o senso comum (Moscovici, 2015). Desde tempos remotos das sociedades históricas que elas se orientam por antinomias, polaridades, dicotomias e antinomias. Continuando a suposição de que a natureza do pensamento é opositiva, Marková (2006) cita algumas crenças antinômicas de algumas sociedades, categorizando e valorando, por exemplo, que o que fica do lado direito é: bom, correto, íntegro, tem luz; já o que fica do lado esquerdo é: ruim, incorreto, lugar de trevas. Da mesma forma que para outras sociedades, a cor azul pode representar serenidade, a branca, luz, para outras, pode não significar. A autora explicita:

(...) themata nos remete às antinomias (...). O pensamento é por natureza antinômico. As antinomias do pensamento modelam as atividades mentais dos humanos, por exemplo, da formação de conceitos, significados em linguagem e imagens, podem estar presentes no pensamento humano por longos períodos de tempo. Exemplos de tais antinomias no pensamento do senso comum seriam aqueles como nós/ eles, liberdade/ opressão, humano/ não humano e medo/ esperança (Marková, 2006, p. 252)

No que se refere à antinomia do pensamento, podemos nos atentar para a crença religiosa que narra até hoje o mito de Adão e Eva como os primeiros humanos na terra. Eva é tida como ardilosa e suas atitudes são pecaminosas. Já Adão, o homem, foi levado pela astúcia feminina a cometer o erro/ pecado e, como castigo, a mulher servirá ao homem por toda vida, sendo sua companheira e ainda sofrerá dores ao gerar filhos. Esse mito habita, até os dias de hoje, no imaginário social e o percebemos nos discursos das pessoas na utilização de adjetivos preconceituosos destinados à uma mulher que tenta sair da redoma sexista da sociedade. Nessa dinâmica, os adjetivos que caracterizam o homem geralmente trazem uma suavização semântica e social. Vemos aí a construção da themata de homem superior e mulher inferior, focalizando a oposição.

Pode-se dizer que da mesma maneira que a mulher aprende a ser mulher, o homem aprende a ser homem. No entanto, os costumes culturais que cercam o homem o colocam na posição de superioridade, dificultando-se assim a desconstrução desses locais essencialistas, já que ele é o favorecido. Objetivamos, porém, que os alunos do 9º ano rompam as barreiras sexistas e machistas para que possamos ter uma sociedade mais justa e com igualdade de direitos dos gêneros. Já as alunas, precisam fortalecer seus discursos através do dialogismo, para que sejam respeitadas e tratadas socialmente iguais, sejam quais forem os papéis que desempenharem.

A themata de inferiorização da mulher fortalece-se culturalmente, pois biologicamente não há motivos que fundamentem que o homem é forte, provedor, tem mais

competência profissional ou para dirigir automóveis, assim como não há explicação para a mulher ficar na posição contrária de fragilidade física e emocional, que deve cuidar dos filhos e das tarefas domésticas, não serve para qualquer profissão ou não sabe dirigir automóveis. As mulheres comumente ouvem no trânsito alguma piada machista: “mulher no volante é perigo constante”, o que faz com a *themata* se mantenha à medida em que as pessoas replicam estruturas culturais machistas que sondam o imaginário social. Marková (2006) lança uma indagação sobre a *themata*, “tudo é *themata*?”. A autora afirma que não, porque, apesar de o pensamento ser antinômico, existem antinomias “dormentes”, e elas já estão tão enraizadas no senso comum que são apenas replicadas, passadas de geração para geração, sem despertar desconforto ou reflexão alguma na comunidade cultural.

É intrigante o fato de vermos mulheres replicarem ideologias machistas, mas ao mesmo tempo entendemos que a mulher também é fruto do meio, é educada pela família e pela religião, muitas vezes, para acreditar que existe um comportamento adequado para ela e um outro, permitido aos homens. Então, não raro vemos mulheres fazerem comentários ofensivos ou disfarçadamente suavizados a outras mulheres nas redes sociais com cunho machista. A mulher é levada a acreditar que vestir uma roupa ousada, por exemplo, é uma quebra de contrato de convívio padrão para uma mulher decente, de família; assim as mulheres se sentem no direito de criticar a outras nas redes (Pinho, 2018).

No transcorrer da história, as mulheres lançaram mão de mudar a maneira solidificada que a sociedade as vê e as constitui, lutando pelo movimento feminista e em busca de direitos para as mulheres. Obviamente, o sexismo, outra maneira de se institucionalizar o patriarcado, moveu-se em busca de desmontar e diminuir as causas feministas, chegando a sugerir que o feminismo é “sempre uma questão de mulheres em busca de serem iguais aos homens. E a grande maioria desse pessoal pensa que o feminismo é anti-homem” (Hooks, 2022 p. 17). A autora feminista aponta que a noção equivocada do movimento foi creditada pela raiva das ativistas iniciais pelos homens opressores e que realmente queriam uma dominação feminina. Logo, depois da incredibilidade sofrida pelo movimento, as ativistas passaram a pregar que lutavam pela derrubada do patriarcado, para que assim não houvesse dominação alguma, o que nos tornaria uma sociedade igualitária, anticlassista, antirracista.

As representações sociais e as concepções sobre papéis sociais são vividas distintamente a depender da classe, da raça, da religião, da etnia. Assim, uma mulher branca vivencia seu gênero de maneira diferente de uma mulher preta, uma mulher rica vivencia de

uma maneira diferente de uma mulher pobre e assim por diante. Hooks (2022, p. 92) diz que o movimento feminista tomou mais corpo ao considerar que “importantes intervenções em relação à raça não destruíram o movimento das mulheres, mas o fortaleceram. Superar a negação de raça ajudou mulheres a encarar a realidade da diferença em todos os níveis”.

Considera-se que o machismo se propaga através de um discurso intolerante e a construção da intolerância funciona como um pacto social das condutas que os atores da sociedade firmam, inclusive a mulher acredita ser correto que se alguém quebra o contrato, deverá ser punido, julgado, ofendido por representar o mundo de forma distinta a do padrão normativo, mesmo que o julgamento chegue diretamente nela.

Todavia, não se pode achar engraçado que um menino humilhe uma menina, que um homem se sinta mais "macho" por não deixar sua esposa sair com a roupa que ela escolheu, que uma empresa desqualifique ou pague menores salários a uma mulher apenas por ser mulher.

Acreditamos que, ao nos debruçarmos nas particularidades representativas dos alunos do 9º ano do ensino fundamental que usam o *Instagram* e trazem as discussões para o mundo real, conseguimos identificar as representações sociais que fortalecem as práticas discursivas desses alunos, além de auxiliarmos na reflexão sobre a desconstrução do simbolismo de superioridade do masculino sobre o feminino. Para tanto, optamos por fundamentar nosso trabalho na Análise Dialógica do Discurso sob o viés bakhtiniano, por seguir a linha do dialogismo, entendendo a língua como construto de interação social. Bakhtin nega o estruturalismo de Saussure ao apontar que a língua não é homogênea, estável e sem valores e ideologias do falante. O discurso do falante é construído a partir do diálogo com o outro e com o contexto social. Então, ao buscarmos saber dos alunos do 9º ano como eles definem discursivamente os papéis sociais de homem e de mulher, perceberemos a alteridade, ou seja, como eles enxergam o outro e como aparece tal diálogo. Sabendo que as escolhas linguístico-discursivas são dotadas de contexto histórico e social. Além disso, interessou nos pautar a responsividade com que respondem os alunos diante de definições cristalizadas sobre a mulher, principalmente. Conceitos caros à Análise Dialógica do Discurso: alteridade, responsividade e ideologia

Destacamos também a importância de identificar as percepções dos alunos do ensino fundamental sobre suas representações sociais e o impacto que elas podem causar em suas vidas cotidianas tanto do presente quanto do futuro, para que assim tenhamos uma escola mais atuante na quebra de paradigmas e na busca de uma sociedade mais justa, na qual

homens e mulheres possuem direitos e deveres verdadeiramente igualitários, sem supremacia de um ou de outro, sem violência ao falar, ao expor pensamentos e ao agir.

As representações sociais de Serge Moscovici (2015) dialogando com Marková (2006) serviram de bases para alcançarmos tal objetivo, pois elas visam evocar conhecimentos, imagens, acontecimentos que seriam estranhos em algo familiar, corriqueiro e comum, tudo isso se dá através da interação social de indivíduos com outros em determinados grupos.

Julgamos que levar tal discussão para a escola, partindo de um território bastante habitado pelos alunos, as redes sociais, pode demonstrar o quão acolhedor deve ser o espaço escolar, aproximando-se da realidade dos alunos, unindo-se ao mundo digital do qual eles são nativos e tanto se agradam.

Vale salientar que os indivíduos criam máscaras ou personagens para serem aceitos e acolhidos nos grupos sociais, isso no convívio real. Já na internet, há a sensação de liberdade, sensação de não haver monitoramento nem punição por atos que firmam os códigos sociais de convívio. Mesmo neste cenário, há a criação de personagens com atuação performática do interlocutor e, ao menor sinal de críticas ou de discordância de posicionamento, tudo se resolve com a estratégia de deixar de seguir alguém, bloqueando ou até desligando o celular ou o computador.

Preocupados com a representação de mundo que os usuários replicam nas redes sociais e suas relações, objetivamos compreender como a ideia sexista de papéis feminino podem ser estudados, bem como trazer à tona a reflexão e a desconstrução do machismo, visto que o Instagram pode ser veículo de construção de representações sociais retrógradas e preconceituosas, mas pode também ser objeto de desconstrução e desnaturalização de inferioridade da mulher em relação ao homem, principalmente por ser a rede social que os alunos mais fazem postagens e mais interagem com pessoas de todo o mundo, de realidades, línguas e culturas diferentes, além de ponto de vista, que também pode ser distinto.

A escolha do tema sobre as representações sociais sobre a mulher justifica-se pela necessidade de reflexão crítica de como a mulher é exposta através de discursos de ódio na sociedade em geral e, em especial, nas redes sociais. Os discursos de cunho machista, que são acatados e compartilhados nas redes sociais, mostram que ainda temos de percorrer um longo caminho para a desconstrução da ideia de superioridade masculina, visto que essa concepção acarreta muitos danos desrespeitosos e violentos para as mulheres. É preciso educar as crianças desde o seio familiar, para que não naturalizem brincadeiras machistas e misóginas,

que aprendam a dividir as tarefas domésticas sem distinção de gênero, assim conseguiremos conquistar um cenário mais igualitário entre os gêneros. Tudo isso faz parte do nosso construto de pesquisa, visto que decididos os nossos sujeitos da pesquisa, alunos do 9º ano, e procurando saber, através das atividades propostas em sala de aula, as manifestações discursivas e comportamentais que compõem as representações sociais dos sujeitos da pesquisa sobre a mulher nas esferas sociais.

5 METODOLOGIA

Nossa pesquisa tem caráter qualitativo-interpretativo, pois analisou fenômenos discursivos dos alunos do 9º ano. Além disso, analisamos suas motivações, percepções para a partir daí buscar *insights* que elucidem as escolhas discursivas e para que tenhamos condições de pautar e refletir criticamente sobre a realidade tão desigual da mulher em todos os âmbitos de sua vida social. Desse modo, usamos uma abordagem à luz da Linguística Aplicada, área em que esta pesquisa se insere. A Linguística Aplicada surge por volta dos anos de 1946, nos Estados Unidos e representava a abordagem científica do ensino de línguas estrangeiras. Hoje, a LA não atende somente o ensino de línguas estrangeiras, mas também o ensino de língua materna, bem como abrange outros campos que envolvam a linguagem como objeto de estudo relevante. Para Carvalho (2010, p. 1), a Linguística Aplicada “tem como objeto de estudo a linguagem como prática social”. Já Moita Lopes (2008) explica que a LA se pauta na interdisciplinaridade, pois lugares como clínicas de saúde, delegacias entre outros que usam a linguagem em seus estudos, portanto, assume também uma posição de indisciplinar ou antidisciplinar e transgressiva. Ainda segundo o autor, essa interdisciplinaridade permite compreender nossos tempos, bem como abrir novos horizontes com novas perspectivas, levando em consideração que LA é uma área aplicada relacionada à prática social.

Vale ressaltar que a Linguística Aplicada Crítica, por sua vez, não vê o mundo como unidade, mas considera a diversidade de culturas que podem viver harmoniosamente, mesmo que haja divergências, mas nunca desqualificação e exclusão do outro, por sua diferença cultural, religiosa, de gênero, de raça ou por orientação sexual. Soma-se a isso a transformação de um mundo melhor, sem apropriação de discursos de poder e dominação do menos favorecido econômica e socialmente. E, por fim, a Linguística Aplicada entende a língua não apenas com propósito comunicativo, mas como sendo instrumento para combater as injustiças sociais, inclusive é preciso entender que não aprendemos para a escola, mas para o mundo diverso e plural (PENYCOOK, 2006).

Diante disso, nosso trabalho direciona-se para uma perspectiva de abordagem com o letramento crítico, buscando-se compreender o mundo e posicionar-se responsivamente diante das desigualdades sociais, sobretudo no que diz respeito à desigualdade de gêneros. Investigou-se as representações sociais do papel social da mulher dos alunos do 9º ano, pautando-se nas atividades sociais que os alunos mantêm na rede social Instagram, através do dialogismo, firmando-se na área da Linguística Aplicada. Sabendo que a escola deve incentivar o desenvolvimento linguístico do aluno sem separar leitura, interpretação,

gramática, sem fragmentações, levando à reflexão crítica da linguagem em todas as multimodalidades que os multiletramentos convocam.

Para tanto, procedemos nas seguintes etapas: (i) leitura sistemática da literatura relevante para o assunto; (ii) geração dos dados; (iii) sistematização e análise dos dados; (iv) elaboração do caderno pedagógico; (v) redação final da dissertação.

A literatura pertinente a esse assunto diz respeito às Representações Sociais, aos gêneros discursivos, à construção e ao estabelecimento da cultura machista no Brasil, além da dialogicidade discursiva entre interlocutores usuários/alunos da rede social Instagram, e o reconhecimento do papel social do gênero feminino dos alunos do 9º ano do ensino fundamental.

5.1 Contexto da pesquisa

A pesquisa desenvolveu-se em uma escola pública do estado do Ceará, localizada na periferia da capital Fortaleza, no bairro José Walter, sob o nome EEFM Polivalente Modelo de Fortaleza. Por lei, as escolas estaduais devem ficar responsáveis pela modalidade de ensino médio e as escolas da prefeitura devem oferecer e se responsabilizar pelo ensino fundamental. No entanto, nessa escola, havia duas turmas de 9º anos, pois a prefeitura com suas escolas não dá conta da demanda das crianças e adolescentes do bairro e adjacências, obrigando a escola da pesquisa assumir turmas de ensino fundamental, o que propiciou a realização da pesquisa.

A professora/pesquisadora, que já trabalha nesta mesma unidade escolar há quase 10 anos e trabalha com turmas do ensino fundamental há 5 anos, percebe o quanto é importante buscar a proficiência de textos diversos e multimodais nas aulas de língua portuguesa e que deve ser feito um bom trabalho na base, no ensino fundamental, além de perceber que os alunos que cursam o 9º ano na escola da pesquisa chegam ao ensino médio com melhor criticidade e leitura de mundo.

A escola, na figura do núcleo gestor esteve ciente da pesquisa, bem como os pais, embora as atividades trabalhadas em sala de aula não tenham fugido do programado para a disciplina de língua portuguesa daquela série. A estrutura física dessa escola, bem como de muitas outras escolas públicas brasileiras, é precária. Tem-se salas mal arejadas e quentes, poucos ventiladores e barulhentos, com acústica ruim, espaços limitados, poucos aparelhos de computadores de mesa e *tablets*, mas com internet bem limitada. O quadro humano interessasse por fazer uma educação pública de qualidade, por isso há diversos professores bem

qualificados e outros sempre em busca de melhoria da prática docente, como a professora/pesquisadora. Além disso, os alunos gostam e se conectam mais com a escola quando os assuntos fazem parte da vida deles, por isso o uso do celular, das redes sociais e da temática sobre o papel da mulher tornam-se profícuos no contexto dos sujeitos da pesquisa.

A unidade escolar existe há cerca de 50 anos na comunidade, várias gerações de alunos passaram por ela e viu-se as mudanças de contextos histórico, político que ela passou. A escola foi inaugurada com ensino profissionalizante, com cursos de agricultura, corte e costura etc, já teve disciplinas com períodos semestrais, até chegar ao modelo de hoje. Este modelo é o que quase todas as escolas públicas do estado com ensino médio seguem, de período regular e sem cursos profissionalizantes, mas destaca-se por ter uma equipe especializada em atendimento a jovens com deficiências físicas ou cognitivas, que dificultam a aprendizagem.

Hoje, além de possuir o NAPE (Núcleo de Atendimento Pedagógico Especializado) com equipe multidisciplinar com psicólogo, pedagogo e psicopedagogo, fonoaudiólogo e assistente social para atendimento dos alunos com deficiências no aprendizado, possui diversos projetos que integram a comunidade escolar, como Laboratório de redação e Literarte, projeto que une as linguagens diversas. Além disso, os alunos possuem preparatório para avaliações externas, como: SPAECE, SAEB e ENEM.

5.2 Os sujeitos da pesquisa

Os participantes da pesquisa foram alunos do 9º ano que residem no bairro José Walter e em bairros adjacentes, da periferia de Fortaleza, estudantes na escola acima contextualizada. Eles possuem faixa etária entre 15 e 17 anos, alguns fora de faixa para o que é esperado nesta série.

A turma participante é a única de 9º ano que a professora/ pesquisadora dá aula. A tendência é que a escola não receba mais esta série do ensino fundamental, neste ano ainda há duas turmas dessa modalidade. A turma que realizou a pesquisa possui em seus registros de matrícula em torno de 40 alunos; no entanto, frequentam assiduamente a metade deles.

Os alunos foram escolhidos por estarem na última série do ensino fundamental II e por demonstrarem maturidade para aplicação da pesquisa e temática abordada. É um assunto que permeia suas vivências e que necessita reflexão e atitudes responsáveis para que estes

adolescentes sejam cidadãos críticos quando forem para o mundo do trabalho e para a vida pública e que contribuam de alguma forma para desconstrução da desigualdade de gênero.

Aplicaremos tal estudo com alunos da professora pesquisadora por acreditarmos que o convívio diário facilite a interação, além de criar um ambiente favorável para a exposição da visão de mundo dos alunos.

5.3 Materiais da pesquisa

Utilizamos em nossa pesquisa atividades diversas, elaboradas por nós e enviadas aos alunos através de links, arquivos e prints para o Whatsapp da turma. Usamos o celular, a internet móvel dos alunos e da professora pesquisadora, e uma caixinha de som para ouvirmos a música.

Os alunos participantes da pesquisa foram nomeados de Aluno 1 até Aluno 8, para a primeira análise. Depois, seguimos com a análise das postagens do Instagram e os nomeamos como Aluna A até Aluna F, variando em gênero com Aluna ou Aluno.

Escolhemos os alunos da 9ª por estarem encerrando o ciclo do ensino fundamental e por acreditarmos terem um pouco mais de maturidade e melhor habilidade de argumentação e de exposição nas redes sociais.

Nossos dados foram registrados em áudio e depois transcritos para o computador, para em seguida os manipularmos em nossa pesquisa.

5.4 Procedimentos

Aqui, apresentaremos um quadro com as atividades realizadas para melhor visualização dos procedimentos adotados e mais adiante explanaremos como cada atividade foi aplicada em sala de aula com os alunos.

Momento inicial	O que os alunos pensam sobre a mulher na sociedade? Escuta da música “Triste, louca ou má”, de Francisco, el hombre. Discussão sobre a música.
Atividade 1	Distribuição de figuras femininas executando papéis sociais diferentes. Cada dupla falou sobre seu par de figuras femininas. Exposição de opiniões dos demais alunos.
Atividade 2	Posts escritos e em vídeos do Instagram e comentários da postagem para análise dos alunos.
Atividade 3	Produção de posts negativos e positivos da figura feminina. Criação de um perfil do Instagram da turma para postagens.

Fonte: Elaborado pela autora

A pesquisa foi aplicada entre os meses de novembro de 2023 a janeiro de 2024. Podemos excluir o mês de dezembro, pois é um mês curto de dias letivos, no qual acontecem revisões, provas finais e projetos da escola. Fizemos 4 encontros com a turma para realização da pesquisa, ocorrendo sempre às segundas-feiras, por haver 3 aulas ininterruptas, totalizando 12 horas/aula. O que nos possibilitou maior tempo de permanência com os alunos nos debruçando na temática da pesquisa.

Iniciamos explicando como seria o projeto de trabalho para as aulas seguintes, sondamos os alunos sobre a possibilidade de eles trazem o celular para a escola; alguns, por causa da realidade social de violência urbana, não levam seus aparelhos celulares para a escola. No entanto, após nossa conversa, toparam levá-lo. Outra preocupação era em relação ao acesso à internet; certificarmos-nos de que todos teriam acesso, alguns tinham e outros

compartilharam seus acessos com os colegas que não tinham. Nesta conversa inicial, também indagamos aos alunos sobre o tempo que passam na internet e por quais canais midiáticos se informavam, “pelo Instagram” foi a resposta unânime, fator que justifica nosso interesse pelo ambiente de investigação.

Acordamos que a partir da segunda semana, os alunos levariam seus aparelhos celulares e assim fizeram.

Em nosso primeiro encontro, os alunos se dispuseram em círculo com as mesas e cadeiras e pedimos que eles falassem sobre os papéis da mulher na sociedade, a proposição foi genérica para percebermos os estereótipos presentes em suas falas. Logo depois, ouvimos a música “Triste, louca ou má” de Francisco, *el hombre*. Em seguida, os alunos expuseram suas impressões sobre a música, quais as qualificações de mulher que a música traz, além de trazerem a temática para suas vivências na comunidade em que moram, na escola, na igreja que frequentam.

As atividades propostas foram gravadas em áudio e registradas em um diário de bordo da pesquisadora, afim de não se perder as informações dadas pelos alunos, além das ideias surgidas a partir da realização das oficinas.

Cada uma das atividades foi pensada para despertar no aluno a análise crítica da realidade essencialista da mulher através de estereótipos como os de fragilidade, dependência de um homem, tarefas domésticas, constantemente dirigidos à mulher. Durante a exposição das opiniões dos alunos, buscamos nos manter isentos de imprimir qualquer influência sobre eles para percebermos suas concepções de mulher.

Na segunda aula, pedimos que os alunos sentassem em duplas e distribuimos para cada dupla duas imagens de mulheres em situações diferentes, como uma mulher casada com o marido e os filhos e notadamente feliz, outra solteira sem marido e filhos e expressamente feliz também. A intenção aqui era a de que os alunos percebessem os padrões impostos histórico e culturalmente às mulheres, mas que não há um único jeito de se viver. Pedimos que eles olhassem as imagens, dessem suas impressões, lembranças, sentimentos sobre elas, gravamos tudo em áudio.

Já em nosso terceiro encontro, a atividade deveria ser com o celular, o que deixou os alunos muito empolgados. Neste momento, solicitamos que continuassem em duplas como na aula passada, selecionamos algumas postagens atuais, como a agressão física sofrida pela apresentadora de TV, Ana Hickmann, por seu companheiro e outras que traziam ditames de comportamentos femininos, enviamos para os alunos através do aplicativo *Whatsapp*.

Pedimos que lessem as postagens e os comentários de cada uma, a partir daí, escolhessem uma postagem e um comentário que lhes chamassem a atenção e dissessem se concordavam com o conteúdo da postagem e do comentário selecionado por eles. Cada dupla expôs sua opinião sobre a postagem, o que também possibilitou trabalhar o poder de argumentação deles. E, como dito anteriormente, tudo foi documentado através da gravação em áudio. Nesta atividade, a empolgação para falar e expor seus pensamentos foi grande, organizamos os turnos de fala, e o debate foi bastante proveitoso. Alguns temas ligados à mulher e à religião foram mais acalorados. Lemos todos os posts escritos e assistimos a um vídeo que era uma das postagens.

Durante todas as atividades, fomos tentando captar as concepções e representações sobre a mulher que os alunos traziam à tona, mas nesta última, pelo fato de mexer com uma ferramenta que eles usam para o lazer e estavam usando-a na sala de aula, foi inusitado para eles e, principalmente, por ser uma temática próxima da realidade deles, as interações foram muitas e dinâmicas.

Na última aula, retomamos algumas concepções e conclusões feitas pelos alunos, na atividade anterior, juntamente com as contribuições dos colegas da turma para explicar o momento de produção. Solicitamos uma aluna para criar um perfil no Instagram, para o qual a turma chamou de Sociedade Feminina, mas deixaram claro que não é uma exclusão dos homens, e sim uma igualdade de direitos. Dando continuidade à atividade, os demais alunos produziram posts que apresentassem mulheres como a sociedade a vê e posts com mulheres desconstruídas quebrando estereótipos.

Os alunos inicialmente pensaram sobre o conteúdo dos posts e logo depois, utilizaram-se do app Canva, apenas duas alunas não o conheciam, mas uma colega se dispôs a ensiná-la a usar. Essa confecção demorou um pouco. No início de janeiro, a aluna responsável atualizou o perfil do Instagram da turma com os posts elaborados por eles.

5.5 A geração de dados

A geração dos dados foi feita por documentação indireta dos *posts*, por se tratar de textos presentes em uma rede social de domínio público, de fácil acesso a qualquer pessoa. Os alunos selecionaram os seus enunciados por meio da ferramenta de captura de tela, facilmente disponível em dispositivos móveis e em computadores e depois de exporem seus pontos de vista enviaram para professora via *Whatsapp*.

A escolha dos textos para servirem de mote para as discussões em sala de aula, logicamente, deu-se a partir da seleção de textos que tratem sobre o papel do homem e da mulher nas situações diárias, buscando identificar em seus discursos suas representações de mundo. Também levamos informações das esferas midiáticas, com gêneros como notícias e reportagens, que são propulsoras para debates e opiniões expostas no Instagram. A mídia tem seu poder e não veicula assuntos inocentemente, possui um mecanismo ideológico próprio; ao escolher as temáticas, os acontecimentos históricos relevantes, o faz operando forças para o enfraquecimento das memórias ou estabilização delas (Chaves, 2015).

Geramos os dados através de pesquisa qualitativa aplicada aos alunos da 9ª série do ensino fundamental em escola pública estadual de Fortaleza- Ceará. Não nos preocupamos com representatividade numérica, mas sim buscamos perceber as crenças e as percepções advindas da interação social dos sujeitos da pesquisa.

Optamos pelo Instagram, por ser uma rede social bastante popular e com alcance de pessoas de todas as idades, com várias crenças, raças, gêneros, mobilizando expressão de pensamentos e posicionamentos dos mais diversificados. Além disso, é a rede social mais utilizada pelos adolescentes de 9 a 17 anos, da nossa época⁸; neste ambiente, eles formulam muitas de suas ideias, e ressignificam o mundo, fazendo, muitas vezes, com que este seja seu mundo cultural, de entretenimento, de relacionamentos amorosos, além de obterem informação por lá.

Pode-se dizer que a mídia é o principal meio propagador de polêmicas e debates, e que se pode ver discursos machistas sendo refutados por discursos feministas, e em tréplica os discursos feministas são amplamente distorcidos, desqualificando a luta por ideais igualitários entre homens e mulheres, fortalecendo a superioridade dos discursos machistas. Direcionamos os alunos, participantes da pesquisa, a selecionarem um evento que envolva a discussão do papel social da mulher ou um evento em que se perceba diferença de condução ou de tratamento entre homem e mulher, como o caso de uma juíza do sul do país, que ao coletar informações de uma mulher vítima de estupro e pedia para que a justiça decretasse o distanciamento, sob pena de prisão, do estuproador, fez perguntas como: “você não tentou fechar as pernas?”, para observarmos como as opiniões da rede social singularizam esta informação e como expõem suas opiniões, não só no meio virtual, mas também em sala de aula.

⁸ <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2022/08/17/estudo-revela-quais-as-redes-sociais-mais-acessadas-por-criancas-e-adolescentes.htm>

Dessa forma, usaremos, como critérios de análise de dados as Representações Sociais de Moscovici, já que ela aponta que não há como separar o sujeito de seu contexto, mental do material, além da dialogicidade existente na manutenção ou tensão geradora de mudança de mentalidade do sujeito discursivo. Somado a isso, basearemos-nos no que aponta Marková (2006) sobre a capacidade da dialogicidade que o sujeito possui ao conceber e compreender o mundo ao interagir com o outro, significando e criando realidades sociais a partir do Alter.

5. 6 Análise das atividades

O momento inicial é de checagem para saber o que os alunos pensam sobre a mulher e seus papéis na sociedade. Pedimos que dissessem livremente suas opiniões e alguns disseram: “minha mãe trabalha e criou eu e meus irmãos”, “mulher pode fazer o que quer”, “na minha casa, eu (menino) limpo, arrumo, só não faço comida, quando minha mãe chega tá tudo pronto”. Perguntamos-lhes se havia trabalho só para homens e trabalho só para mulheres e dois alunos disseram: “sim, uma mulher não tem força pra ser pedreira” e um outro aluno disse: “conheço uma mulher que é servente de pedreiro” . Uma aluna bastante expressiva disse: “gente, tem nada a ver o que vocês tão (sic) dizendo, mulher é forte, pode fazer tudo que ela quiser”.

Demos continuidade, ouvindo a música *Triste, louca ou má*, de Francisco, el hombre; antes de ouvirmos, perguntamos sobre o que eles achavam que trataria a música apenas pelo título, um aluno: “alguma mulher triste, louca e má”, “ vai falar das mulheres que são loucas, tristes e más”. Depois de escutada a música, perguntamos se ela tratava exatamente daquilo que pensaram no início, a aluna falante, a chamaremos de aluna A, disse: “sempre que as mulheres falam a vontade delas são chamadas de louca, triste ou má”. Outro aluno disse: “pra mim, a música fala que a mulher não pode depender de homem nenhum”, “a música diz que o homem não define a mulher se ela é bonita ou feia, gorda ou magra, o homem não define” também foi dito por uma aluna. O debate rendeu e a música foi mote para muitas percepções dos alunos.

Na atividade⁹ seguinte, pedimos que os alunos ficassem em dupla e distribuimos algumas imagens para cada dupla:

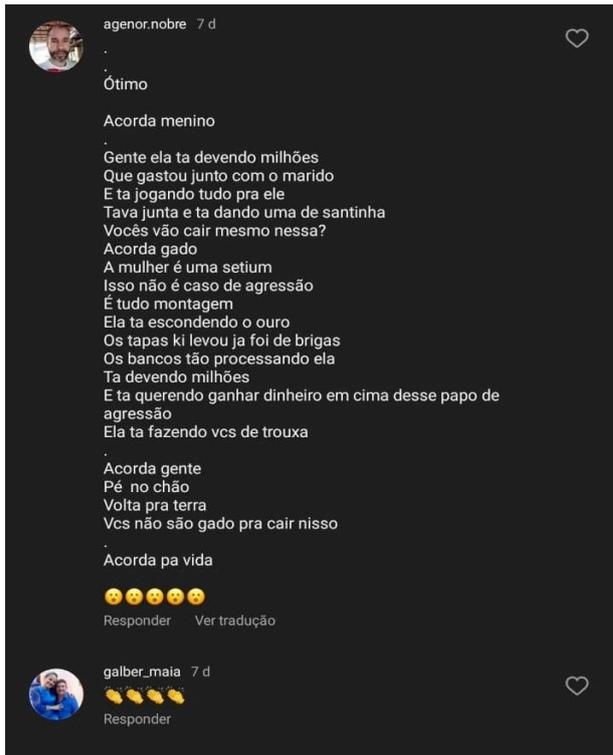
⁹ Todas as imagens da atividade 2 constam no Apêndice 1



Os alunos deveriam observar as imagens e falar sobre elas. Objetivo desta atividade era que eles percebessem que não uma única maneira de vida exitosa para uma mulher, além de perceberem os estereótipos de corpo, relacionamento amoroso, emprego etc. Na primeira imagem, a dupla falou: “as pessoa acha que só uma mulher seca é saudável, mas não”. Já na segunda imagem, disseram: “uma mulher não precisa casar na igreja para ser feliz, pode ser feliz com seu pet”.

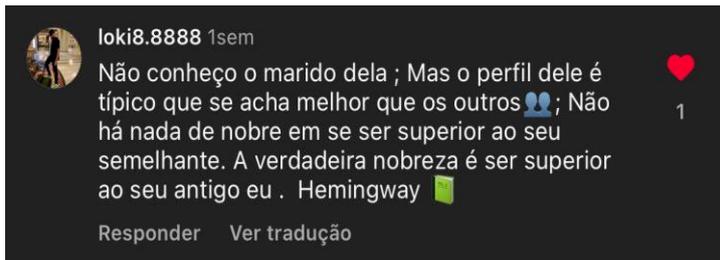
Na atividade 3, selecionamos 5 postagens do Instagram, entre elas havia uma do Portal Globo News que trazia desdobramentos do caso de violência doméstica sofrido pela apresentadora de TV Ana Hickmann, esta foi uma das mais comentadas pelos alunos, talvez por ter repercutido no país e ser algo recorrente nas comunidades; outra notícia do mesmo portal que trazia uma notícia baseada numa estatística que dizia que “50% dos lares brasileiros são chefiados por mulheres e que tal situação ajuda a adoecê-las, pois acumulam funções”, rendeu um ótimo debate acalorado; uma terceira do perfil Pragmatismo Político, que trazia o feminicídio de uma médica assassinada por seu namorado, não interessou muito aos alunos. A quarta postagem é de um psicanalista, Lucas Scudeler, que dá dicas a homens e mulheres para conseguirem relacionamentos duradouros. Por fim, o perfil de uma psicoterapeuta Cecília Castro, cujo seu trabalho é sintetizado em sua bio, como: “formando mulheres maduras, confiantes e magnéticas”, a postagem selecionada foi a segunda mais comentada pelos alunos. Todos os perfis são públicos.

Depois de enviarmos as postagens selecionadas para grupo de Whatsapp da turma, pedimos que os alunos as lessem ou assistem-nas, logo após lessem os comentários e expusessem suas opiniões acerca deles. Uma das postagens que mais gerou debate na turma foi a de violência doméstica com a apresentadora Ana Hickmann. A aluna B selecionou o comentário abaixo:



Ao analisar o comentário destacado, a aluna B diz: “Os homens sempre acham que as mulheres querem dar golpe neles, essa pessoa do comentário joga a culpa na Ana, acha que ela tá fazendo de propósito. As pessoas têm dificuldade de achar que só mulher pobre, de comunidade sofre agressão”. A aluna chama atenção para um trecho do comentário que descredibiliza a apresentadora dizendo “ta dando uma de santinha” e ainda a categoriza como “ A mulher é uma setium”, fazendo referência ao código penal brasileiro Art. 171, o qual penaliza alguém por estelionato, ou seja, que obteve vantagem sobre outrem de forma ilícita. Na análise da aluna diz: “quando ele diz que ela tá dando uma de santinha, ele fala como se a mulher fosse falsa e que cria histórias”. Além de minimizar a violência: “os tapas ki levou ja foi de brigas”. Ao expor sua opinião, a aluna B disse não entender o que seria “setium”, explicamos e logo ela e os demais alunos compreenderam a referência, pois é um artigo bastante popular e usado comumente no dia a dia. Outro ponto a destacar é: “ e outro homi colocou palminha, dizendo que concordou com a besteira que o outro disse”. Aluna B finaliza dizendo “se a mulher diz que foi agredida a gente tem que ajudar e não ficar duvidando como a sociedade faz”. O aluno C retruca: “tia, tem mulher que engana os homem e quer dinheiro, sim”.

Sobre a mesma postagem, a aluna D destacou o comentário abaixo:



A aluna D afirma: “o marido da Ana e a maioria dos homem se acha melhor que a mulher, e que eles manda na mulher deles”. Alguns alunos retrucam dizendo: “o cara tem que cuidar da sua mulher/namorada, isso é coisa de homem”. Durante o debate perguntamos aos alunos se eles concordavam com o dito popular: “em briga de marido e mulher não se mete a colher”, responderam que “mete a colher, o garfo e a faca” seguindo a metáfora do ditado, mas negando a máxima histórica e cultural. Alguns disseram: “mas, tia, já aconteceu nas área, a gente defendeu uma mulher do marido que ameaçou ela com uma faca, mas ela ficou do lado dele, ficamo com raiva e nunca mais a gente se meteu”. Incitamos a turma por uma explicação para isso e vieram respostas como; “porque é sem vergonha”, outros: “não é sem vergonha, pode ser dependência emocional ou a mulher não tem emprego pra sustentar ela e os filho”.

Seguindo com a escuta, a aluna E, pede a palavra para falar sobre a escolha do comentário dela, ela diz que o vídeo do coach/ terapeuta de relacionamentos chamou a atenção dela, pois ela concorda com o que ele diz: “tem mulher que quer ser mais homem que o homem mesmo e perde a delicadeza”. O terapeuta ensina sobre como se tem aflorada a energia feminina e a masculina, no vídeo ele explica o que é ser uma mulher masculinizada e quais os prejuízos dessa postura para a mulher.

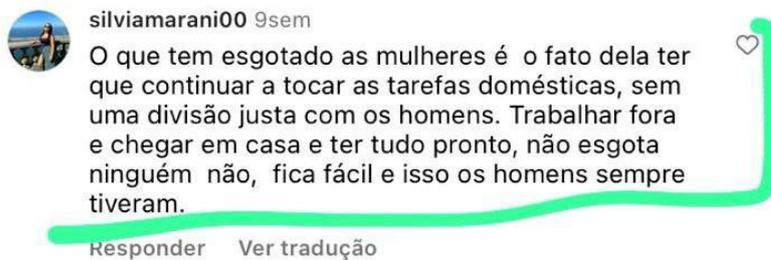


A aluna E segue explicando o que mais lhe chama atenção no comentário: “a mulher é mais doce, é mais delicada, tem um jeitinho para resolver as coisas. Já os homens são brutos sem sentimentos”. Ela também diz que “a mulher é mais sensível mesmo, mas tem mulher que quer falar alto, não gosta de maquiagem nem de roupa feminina e quer mandar no homem, assim ela deixa de ser feminina e se torna masculina”. Nota-se que a autora do comentário na rede social liga a feminilidade a algo divino: “Mas graças a Deus e ao Espírito Santo me dando dicas maravilhosas, me imponho da maneira correta, sem abafar minha feminilidade (...)”. Já o primeiro comentário parece confirmar que se a mulher não tiver a energia feminina aflorada isso pode lhe causar problemas, marcado pelo *emoji* triste.

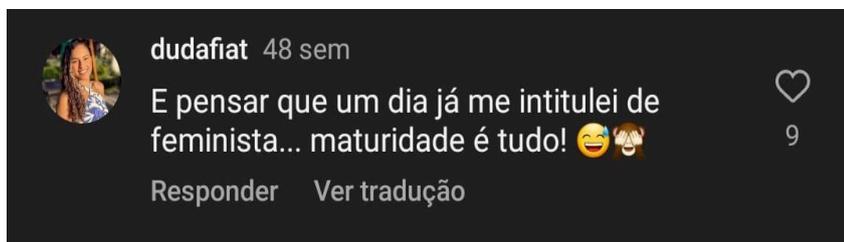
Prosseguindo com as discussões, passamos a falar sobre o texto que falava sobre o acúmulo de funções das mulheres nos lares brasileiros, pois além de trabalharem fora, ainda precisam cumprir com as tarefas domésticas. A aluna E pronuncia-se concordando com o comentário que ela destacou e acrescenta: “muitas mulheres não deixam os homens fazerem o trabalho doméstico por dizerem que não fazem direito”, a aluna A dispara: “as mulheres, quer queiram quer não são elas que criam os filhos e não ensinam eles a fazerem nada em casa”. No transcorrer do debate, uma aluna disse: “até parece que só os homens se cansam trabalhando fora, as mulheres chegam e ainda vão arrumar a casa e fazer comida”. Outro aluno diz: “eu faço tudo em casa e ainda ensino meu irmão de 5 anos, quando minha mãe chega do trabalho tá tudo pronto”. A aluna A repete: “mas quem cria os meninos é a mulher, se os menino são machista sem querer ajudar em casa, a culpa é da mãe”. Neste momento, um aluno pede para fazermos uma enquete para vermos quantos fazem serviços domésticos e quantos não, havia na sala 17 alunos, 9 deles meninos e 8 meninas; dos 9 meninos, apenas um

disse não fazer tarefas domésticas, pois trabalha fora e das meninas apenas 5 levantaram a mão, afirmando ajudarem nos afazeres domésticos. Acreditamos que o pedido da enquete foi para comprovar que os meninos não são machistas, pois cumprem com os deveres da casa.

Na sequência, o aluno C retoma: “mas isso que a ‘aluna A’ disse é verdade, porque muitas mulheres são machistas. Minha vó diz que a mulher tem que aguentar traição, briga e tudo pelo marido para não acabar o casamento, para ela a base do casamento é a mulher”. Perguntamos a turma o que eles achavam dessa opinião da avó do aluno C, o aluno F falou: “claro que tá errado, mulher não é apanhar é pra tratar com flores, eu sou só flor com as mulheres”. Abaixo o comentário que gerou a discussão:



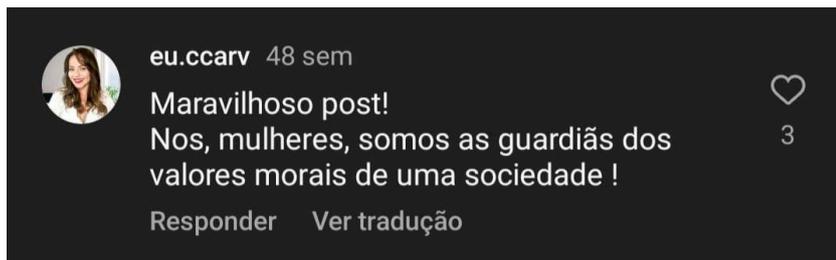
Demos continuidade com a leitura dos outros textos com a postagem de uma psicoterapeuta que forma mulheres maduras, femininas e seguras, segundo sua descrição no perfil. A postagem é um carrossel que apresenta a “imoralidade das mulheres liberais”. Esse texto gerou debate entre os alunos. A aluna A selecionou o comentário abaixo e pediu a palavra:



Aluna A expõe sua opinião: “concordo com esse comentário porque eu não sou feminista, as mulheres perdem seu valor quando fazem essas manifestação”. Outra aluna diz: “essas mulheres que não raspam o suvaco e andam com peito de fora são horríveis, não penso como elas também não”. Neste momento, intervimos perguntando: o que é ser feminista? A aluna A respondeu: “a mulher que não gosta de homem”. Perguntamos: e o que é machismo?

Eles disseram: “é quando o homem é superior à mulher”. Concluimos: então feminismo é o contrário do machismo? Eles confirmaram com um “sim”.

A aluna E pediu a palavra: “selecionei esse comentário porque eu concordo mais ou menos, acho que as mulheres precisam se dar mais valor, as mulheres de hoje não se respeitam, as meninas vivem dançando funk e rebolando, chorando por homem, mas a sociedade não depende só da mulher, como a pessoa do comentário disse.”.



Neste momento, o aluno C se pronuncia: “eu não maltrato as mulheres e ainda faço minha parte”. A aluna A duvidando da resposta do aluno C: “Aluno C, tu namoraria uma menina que todo mundo chama de rodada?”. Aluno C responde: “depende, se for rodada só de beijo tudo bem”. A aluna E: “engraçado que se fosse o contrário toda menina quer ficar com o menino pegador”. Assim o aluno C finaliza: “se a pessoa for rodada não serve pra namorar seja homem ou mulher”. Depois dessa resposta a aluna A retoma o que ela havia dito do comentário e conclui: “os homens também querem uma mulher de valor”. Pedimos que ela explicasse o que é ser uma mulher de valor: “ah, uma mulher que não fique com um e com outro, que não vista roupa nua demais, essas coisas”. Outro aluno diz também: “mulher de valor é inteligente que não depende de macho”. Assim obtivemos duas visões sobre quais seriam os valores sociais mais prestigiados perante a sociedade, uma visão mais estereotipada falando das vestimentas e da quantidade de parceiros que a mulher tem, e outro, mostrando a mulher como alguém forte, inteligente, que pensa por si e não depende do homem nem maneira emocional nem financeiramente. Os comentários dos alunos renderam a aula toda e saíram entusiasmados.

No encontro seguinte, eles utilizaram seus celulares, fizeram a atividade em duplas ou trios, primeiro foi feito um perfil da turma sob o nome @sociedade_feminina2023. Os alunos decidiram por fazerem postagens que apresentassem estereótipos e outras que rompessem os estereótipos.

Com essa postagem, os alunos trouxeram à tona a quebra de estereótipos culturais os quais acredita-se que se mantêm em função da manutenção de poder e supremacia masculina.

6 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MULHER PELO OLHAR DOS ALUNOS

Neste capítulo, analisaremos as respostas dos alunos para verificarmos se atingimos nossos objetivos com base em nossas hipóteses, permitindo-nos assim percebermos como os alunos do 9º ano representam a mulher e em quais papéis sociais a colocam.

Essa pesquisa teve como objetivo primário analisar as proposições dos alunos do 9ª de uma escola pública cearense, além de percebermos se as redes sociais ajudam a fomentar a representação social que os alunos constroem sobre a mulher na sociedade do século XXI. Para que tal objetivo fosse alcançado, foram realizadas atividades que trouxessem mobilizações das redes sociais para a sala de aula e a partir daí captarmos as replicações ou reformulações sobre a mulher que esses jovens possuem.

Com essas atividades, deveriam enxergar que não há um padrão de vestimenta, de estética ou de comportamento para a mulher, mas sim desfazer estereótipos construídos historicamente e transmitidos culturalmente de geração em geração através da linguagem. Sobretudo, faz-se importante que os alunos percebam os discursos marcadamente ideológicos servindo a manutenção de uma ideologia de poder masculino em detrimento do ser feminino.

No momento inicial, os alunos falaram livremente sobre quais eram os papéis sociais da mulher, o que pensavam sobre esses papéis e tivemos respostas como:

“mulher pode fazer o que quer”

“minha mãe é uma guerreira, trabalha e criou eu e meus irmãos”

Aluno 1

Aluno 2

“na minha casa, eu (menino) limpo, arrumo, só não faço comida, quando minha mãe chega tá tudo pronto”.

Aluno 3

Os dizeres iniciais dos alunos trazem sentenças genéricas, mas que apresentam a mulher livre de amarras estereotipadas, ao dizer que a mulher pode fazer o que ela quiser, como trabalhar e criar os filhos sem ajuda de mais ninguém, transparece uma exaltação da figura materna por desempenhar bem os papéis dela, embora isso denote outro problema social, que é o abandono da figura masculina e paterna. Segundo levantamento da Associação

Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (ARPEN)¹⁰, até julho de 2023, mais de 106 mil crianças foram abandonadas por seus genitores ainda no útero da mãe. Essa situação obriga a mulher a exercer muitas tarefas e papéis, como o de mulher, profissional, mãe, dona de casa, o que justifica a romantização desse estado como definiu o Aluno 2: “minha mãe é uma guerreira”.

Por outro lado, houve também declarações que reforçam estereótipos sexistas, como:

“(…) uma mulher não tem força pra ser pedreira”

Aluno 4

Nesta abordagem, Aluno 4 julga que há profissões que devem ser exercidas por homens e outras por mulheres especificamente, em seu posicionamento mulher não tem força física para um trabalho tido como braçal. Para refutar o posicionamento do Aluno 4, lembra Aluno 5:

“conheço uma mulher que é ajudante de pedreiro”

O comentário do Aluno 5 aparece como forma de negar a limitação profissional das mulheres, destituindo a máxima cultural de que a mulher é o sexo frágil e só pode exercer funções de cuidado e afeto.

Mais adiante, utilizamos a música “Triste, louca ou má” com o intuito de que os alunos percebessem a consciência que ela traz e o levante que ela propõe às mulheres, por serem julgadas externamente e, por vezes, seguem acreditando no que dizem a elas como forma de dominação e apagamento da voz feminina perante a família e a sociedade no geral. No momento em que pedimos para os alunos dizerem o que compreenderam da música, disseram:

“sempre que as mulheres falam a vontade delas são chamadas de louca, triste ou má”.

Aluna 6

¹⁰ <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-08/no-brasil-11-milhoes-de-mulheres-criam-sozinhas-os-filhos>

O registro da Aluna 6 reflete sua percepção de que, quando as mulheres se impõem com opiniões ou em situações do cotidiano, sofrem tentativa de silenciamento com discursos de valores negativos, para não levarem adiante seu intento.

Outras impressões sobre a música:

“pra mim, a música fala que a mulher não pode depender de homem nenhum”,

Aluna 7

“a música diz que o homem não define a mulher se ela é bonita ou feia, gorda ou magra, o homem não define”

Aluna 8

As percepções das Alunas 7 e 8 desfazem estereótipos de dependência da mulher ao homem, afirmando que a “mulher não pode depender de homem nenhum”, visto que muitas mulheres dependem emocional e financeiramente de homens. Além de afirmar que os adjetivos bonita, feia, gorda ou magra não devem ser disparados por homens para validar ou invalidar uma mulher.

Caminhando para a atividade 3, nosso objetivo era que os alunos dissolvessem as imagens engessadas sobre a mulher, seja no campo amoroso, familiar ou profissional e logramos êxito, pois os alunos compreenderam e disseram:

“as pessoa acha que só uma mulher seca é saudável, mas não”.

Aluna 7

“uma mulher não precisa casar na igreja para ser feliz, pode ser feliz com seu pet”.

Aluna 6

Analisando as proposições ditas pelas alunas 7 e 6, notamos um afastamento do senso comum no que diz respeito à aparência física da mulher sob um padrão de beleza que serve ao homem, tal percepção faz com que a mulher não busque se encaixar por entender que existe uma diversidade de corpos e de belezas. Percebemos no enunciado da Aluna 6 uma quebra igualmente pertinente sobre a padronização da vida da mulher, na qual se diz que a mulher só atingirá a felicidade casando com cerimônia religiosa e seguindo o modelo patriarcal, assim

sendo, as alunas refletem sobre a naturalização de estilos de vida diferentes e a não obrigatoriedade de seguir um padrão e ser igualmente feliz, vivendo sozinha e com um animal de estimação.

Finalmente chegamos à atividade que contempla os textos que circulam no *Instagram*. Iniciamos com a leitura do texto que traz a história de violência doméstica com a apresentadora Ana Hichmann, os alunos destacaram e apontamos o comentário:

“Os homens sempre acham que as mulheres querem dar golpe neles, essa pessoa do comentário joga a culpa na Ana, acha que ela tá fazendo de propósito. As pessoas têm dificuldade de achar que só mulher pobre, de comunidade sofre agressão”

Aluna B

Ao analisarmos o comentário da Aluna B, percebemos seu olhar crítico ao discurso feito pelo usuário do Instagram, que culpabiliza a vítima e a enquadra como golpista, retirando assim a culpa do marido violento. Essa prática é norteadora da “cultura do estupro”, na qual se busca sempre justificar o ato do estupro com apontamentos para a vítima questionando sua vestimenta, comportamentos “inapropriados”, estar sozinha em determinados ambientes sem a tutela de um homem, etc, tirando, assim, o foco do abusador e de sua prática criminosa. Vê-se também que, ao culpar a mulher, ela é vista como a causadora da desestrutura familiar. Outro ponto que a Aluna B destaca é a ligação entre o status social e a violência doméstica, ainda está no imaginário social que apenas as mulheres pobres e sem instrução educacional sofrem violência doméstica, o caso da apresentadora exemplifica e é um contra-argumento para essa crença, pois não há essa relação: mulheres de todas as idades e de qualquer classe social, escolaridade sofrem diariamente simplesmente por serem mulheres.

A mesma aluna analisa os recursos do Instagram e percebe os aspectos multissemióticos, como os *emojis*, o que também dizem muito, como por exemplo, se as pessoas são contra ou a favor do que foi dito anteriormente:

“ e outro homi colocou palminha, dizendo que concordou com a besteira que o outro disse”

Aluna B

A compreensão do uso do *emoji* da palminha denota a concordância com o discurso e o corporativismo do machismo que permeia as ações dos homens. Os homens comumente aprendem a se apoiar, a serem companheiros, já as mulheres, aprendem a disputar seus espaços com outras mulheres.

Chama-nos atenção a conclusão da Aluna B:

“se a mulher diz que foi agredida a gente tem que ajudar e não ficar duvidando como a sociedade faz”.

Essa percepção tira a força da cultura do estupro, manifestando e colaborando para se ter atitudes diferentes das usuais. A aluna evidencia e fortalece a imagem e palavra da mulher perante à sociedade, que muitas vezes é silenciada como estratégia para a manutenção do poder do homem sobre a mulher.

Com a progressão do debate, surge:

“tia, tem mulher que engana os homem e quer dinheiro,

Aluno C

A observação do Aluno C advém provavelmente de suas vivências das esferas sociais nas quais ele se insere e nelas é muito provável que ele perceba a figura masculina se sobrepondo à feminina, além de diminuir as mulheres com discursos de que elas são interesseiras, o que reitera a lógica machista de que homens que têm mais dinheiro conseguem mais mulheres.

Atentemo-nos ao que disse a Aluna D sobre um comentário que ela destacou da postagem da apresentadora de TV:

“o marido da Ana e a maioria dos homem se acha melhor que a mulher, e que eles manda na mulher deles”.

Aluna D

A Aluna D captou a noção de superioridade masculina em detrimento da feminina, que se baseia no machismo mesmo que inconscientemente. O processo de manutenção dessa superioridade é histórico e visto marcadamente em espaços como o familiar, escolar, intelectual, profissional, entre outros. O comentário da aluna também enfoca a noção de

propriedade que os homens possuem sobre as mulheres, o pronome possessivo “deles” parece afirmar, elevar e manter o poder masculino.

Seguindo na temática de relacionamentos amorosos:

“o cara tem que cuidar da sua mulher/namorada, isso é coisa de homem”.

Parece reforçar a ideia de propriedade, mas com uma visão mais cuidadosa ou até de proteção dando a entender a fragilidade e a necessidade que a mulher tem da figura masculina validando-a e protegendo-a dos perigos que outros homens podem oferecer. Ao usarem “isso é coisa de homem”, inicialmente parece ser uma ideia sexista, mas o aluno quis reforçar a atitude de um homem desconstruindo e que valoriza a companhia.

Ao falarem sobre valorização da mulher e desconstrução de preceitos culturais machistas, perguntamos aos alunos se concordavam ou não com o dito: “em briga de marido e mulher não se mete a colher”. Eles prontamente responderam que:

“mete a colher, o garfo e a faca”

O que denota uma visão desconstruída de não aceitar ver uma mulher sendo violentada fisicamente por seu companheiro e ficar inerte. A máxima popular valida o direito do homem sob o corpo e atitudes da mulher; no entanto, os alunos do 9º ano foram unânimes ao negar esse direito e acreditam que a violência contra a mulher deve ser combatida, pois não há nada que possa fundamentá-la socialmente. O pronunciamento segue o campo semântico “colher, garfo e faca”, demonstrando que para eles ao presenciarem uma agressão física intervirão, impedindo a agressão, tirando a mulher da situação e talvez até denunciando o agressor aos órgãos competentes.

Aparece aqui um discurso que tenta contra-argumentar ou por em dúvida se realmente deve acontecer a intervenção de alguém de fora do casal, em casos de violência:

“mas, tia, já aconteceu nas área, a gente defendeu uma mulher do marido que ameaçou ela com uma faca, mas ela ficou do lado dele, ficamos com raiva e nunca mais a gente se meteu”.

Aluno C

A manutenção do poder masculino estabelece discursos que convencem inclusive a mulher envolvida na violência, que mesmo sofrendo agressões físicas e psicológicas, depende da tutela masculina para conseguir se sustentar a si e a seus filhos financeiramente.

Perguntamos aos alunos o que eles achavam dessa situação e o que eles pensavam sobre essa mulher:

“porque é sem vergonha”

Aluno C

Mais uma vez vem à tona caracterizações e julgamentos do senso comum, os quais colocam a mulher como culpada das agressões e culpada por não sair ativa dessas relações, já que não são saudáveis. Há quem represente a mulher nessa situação de violência como alguém que “gosta de apanhar”. A adjetivação usada “sem vergonha” é carregada de valor moralista e de depreciação da mulher. Nesse sentido, vemos o quanto o processo de desconstrução é longo, percebemos avanços e desmistificação em torno da superioridade masculina em detrimento da feminina, mas as interações discursivas ainda estão carregadas de imposições e simbolismos na figura da mulher. Todavia, o trabalho com essa temática tão cara à sociedade e necessária na sala de aula colabora com reflexões e busca por desfazer cristalizações discursivas que implicam diretamente nas atitudes de homens e mulheres:

“não é sem vergonha, pode ser dependência emocional ou a mulher não tem emprego pra sustentar ela e os filho”

Aluno F

Neste turno do Aluno F, vemos um olhar mais afetuoso e mais crítico, talvez até mais aprofundado sobre a temática; lamentavelmente, a violência contra a mulher é cotidiana, por ser respaldada na ideologia machista e percebida em nossas práticas culturais. O primeiro impulso é julgar e desqualificar a mulher envolvida nessa cadeia familiar, entretanto, o pensamento do aluno chama atenção para um aspecto cultural marcante, que é a dependência emocional da mulher por um homem em sua vida. Diante de nossa sociedade, as mulheres são educadas para terem validação apenas se tiverem um relacionamento amoroso, muitas vezes, não se preocupam e nem sempre são educadas para estudar ou se profissionalizar, para se dedicarem à construção de um modelo familiar tradicional. A matriz cultural ainda instrui e

encaminha as mulheres em busca de seus príncipes encantados dos contos de fada. Considerando essa face cultural, as mulheres se veem passivas e presas a amarras sociais, de tanto ouvirem que são inferiores, passam a acreditar e a reproduzir esse modelo com seus filhos. Essa estrutura tende a se sedimentar devido à força centrípeta acomodando-se no imaginário popular de que a mulher deve servir obedientemente ao homem, seja ele pai, irmão, marido, fazendo com que a mulher circunde nesse meio. Contudo, o Aluno F, partindo do contato altero, apresenta um construto mais reflexivo e que possibilita a transformação discursiva e social.

Progredindo as leituras e discussões acerca dos textos ancorados no Instagram, chegamos a um que indica como devem se comportar os seres masculinos e femininos; especificamente no texto escolhido, há o ditame de regras para “não ser uma mulher masculinizada”. Neste momento, a aluna E se pronuncia sobre o comentário que ele escolheu:

“tem mulher que quer ser mais homem que o homem mesmo e perde a delicadeza”.

Aluna E

É importante refletir sobre sexo e gênero. Ao nascermos, nos diferenciamos biologicamente por nossos aparelhos reprodutores, no entanto, características como delicadeza, fragilidade, cuidadora são atribuídas à mulher, assim como: fortaleza, provedor e másculo são atribuídas ao homem por herança cultural, não nascemos com essas atribuições tão distintamente definidas, mas, no imaginário popular, nascemos, sim. O discurso do terapeuta da rede social e a concordância da Aluna E são preocupantes na medida em que esse ensinamento de como não ser masculinizada não é uma tentativa de silenciamento da mulher que tenta ser assertiva e incisiva nos seus posicionamentos, o que podemos comprovar com o que diz a aluna: “é mais homem que o homem mesmo”. O que seria ser mais homem? Ela justifica dizendo que a mulher “perde a delicadeza”. Presume-se que a aluna não experienciou culturalmente em suas vivências uma mulher que não se cala diante de tal tentativa de apagamento de sua voz.

O terapeuta/ coach, autor do vídeo dessa discussão, contradiz-se, assim como todos que pregam que determinados modelos comportamentais são da natureza da mulher, inatos a ela; tanto não são, que ele e tantos outros precisam fazer postagens e vender cursos para

ensinar mulher a não serem masculina, que obviamente absorveu essas características no percurso de vida. Além disso, o enquadramento do que é feminino e o que é masculino parece limitar a mulher a viver diferente do padrão patriarcal.

Analisemos outros comentários da Aluna E que seguem a mesma ideia cristalizada sob forte apreciação axiológica:

“a mulher é mais doce, é mais delicada, tem um jeitinho para resolver as coisas. Já os homens são brutos sem sentimentos”.

“a mulher é mais sensível mesmo, mas tem mulher que quer falar alto, não gosta de maquiagem nem de roupa feminina e quer mandar no homem, assim ela deixa de ser feminina e se torna masculina”.

Aluna E

Nota-se que a aluna destina à mulher valores como “mais doce, mais delicada”, o que dá corpo ao que ela entende como a identidade da mulher e essa identidade firmada logra êxito e validação de seus comportamentos: “tem um jeitinho para resolver as coisas”. A Aluna E segue descrevendo, com suas referências discursivas, como a mulher deve se portar e afirma: “a mulher é mais sensível mesmo”; em contrapartida, diz que a mulher que não se enquadra nas características de sensibilidade, por exemplo, deixa de ser feminina e indo para o outro extremo, o masculino. Extrai-se do discurso dessa aluna, como ela reconhece a mulher além dos adjetivos que mostram a fragilidade da mulher, ela ainda diz que deve ter um tom de voz baixo, gostar de maquiagem e de roupa feminina. A lógica machista admite que o homem incorpore o direito de mandar na mulher, jamais o contrário, comprovamos em: “quer mandar no homem”.

Pensando sobre a descrição identitária de mulher trazida pela aluna E nos faz percebermos os ecos cristalizados do sexismo institucionalizado, que circulam nos discursos das práticas sociais das quais a aluna participa. No entanto, mesmo com a evolução dos tempos, é necessário tocar e refletir sobre esse assunto, para que assim, principalmente, as meninas se tornem mulheres desconstruídas, livres de crenças que delimitam seus afazeres apenas como domésticos ou para satisfação sexual do homem. Além disso, é importante que os alunos percebam que esses estereótipos discursivos servem para dominação e manutenção do poder, aqui na figura do homem.

As discussões suscitam um debate profícuo sobre o papel social da mulher e as representações dos alunos trazem esse perfil de mulher. Quando chegamos ao texto que aborda o acúmulo de funções da mulher, notamos a mobilização da Aluna D:

“muitas mulheres não deixam os homens fazerem o trabalho doméstico por dizerem que não fazem direito”

Aluna D

As ressignificações de simbologias sociais não são absurdamente marcadas ou saídas de um extremo a outro, pelo contrário: é um continuum. A clareza neste enunciado da Aluna D demonstra que há reverberações na vida dos sujeitos desta pesquisa; ao perceber que as mulheres também estão imersas na lógica machista, foram educadas dentro dela e acreditam que trabalho doméstico, por exemplo, não é um trabalho que deva ser executado por homem, por essa uma tarefa exclusivamente feminina, desde o imaginário popular.

A Aluna A vai mais adiante em suas percepções:

“as mulheres, quer queiram quer não, são elas que criam os filhos e não ensinam eles a fazerem nada em casa”

Aluna A

“mas quem cria os meninos é a mulher, se os menino são machista sem querer ajudar em casa, a culpa é da mãe”.

Aluna A

Explorando os comentários da Aluna A, notamos que ela reitera a percepção da Aluna D, criticando a mulher por manter essa estabilidade de ideais sexistas e machistas, pois, embora percebamos a dinâmica das famílias um pouco diferente no que se refere aos afazeres domésticos, a mulher ainda participa mais da educação dos filhos e, para a aluna, se os meninos crescem disfuncionais, a mulher/mãe tem parcela de culpa. Sabe-se que não se trata de encontrar um culpado, mas de compreender que a desconstrução de padrões estereotipadas é um processo e a desnaturalização de estruturas fixas de poder ocorrem a partir da reflexão e responsividade ativa até chegar ao ponto de mudanças reais. O que percebemos também em:

“mas isso que a ‘aluna A’ disse é verdade, porque muitas mulheres são machistas.”

Aluna D

À medida que se transcorria o debate, pudemos perceber diante da multiplicidade discursiva uma certa transgressão repelindo as máximas de poderio masculino que definem tarefas domésticas e de cuidado apenas como tarefa feminina. Na turma, quase todos os meninos tinham funções nas atividades de casa, não se sabe se por um movimento impulsionado pelo sistema capitalista, que obriga a todos irem trabalhar para manter a família ou por consciência de desnaturalizar algo tão funcional para a vida adulta.

Pressupõe-se, diante de nossas observações, que a materialidade social dos estudantes pesquisados se demonstra afastada dos preceitos machistas e sexistas, no que tange à organização doméstica, comprovamos isso também no enunciado do aluno F:

“eu faço tudo em casa e ainda ensino meu irmão de 5 anos, quando minha mãe chega do trabalho tá tudo pronto”.

Aluno F

Embora o Aluno F traga em sua declaração uma outra problemática dos estudantes adolescentes do Brasil, que é assumir a educação dos irmãos e cuidados com a casa, ele faz questão de se mostrar diferente e negando o machismo, por cumprir com êxito tais tarefas que são designadas à mulher e perpetuada pela ideologia machista. Há ainda provas de sua negação do machismo com “ainda ensino meu irmão de 5 anos”: ele não só faz seu papel de homem desconstruído, ainda que parcialmente, como também transfere tal ensinamento a seu irmão mais novo. Cabe ressaltar que boa parte do alunado (não só dessa turma, como da escola em que aconteceu a pesquisa) necessita cuidar de seus irmãos mais novos, assim como assumir a organização da casa para que suas mães e responsáveis consigam trabalhar e levar o sustento para suas casas. Esse cenário é dificultador para o progresso escolar, bem como pode contribuir para evasão escolar desses jovens.

É legítimo analisarmos o alerta feito pela Aluna D:

“ tia, mas isso que a ‘aluna A’ disse é verdade, porque muitas mulheres são machistas. Minha vó diz que a mulher tem que aguentar traição, briga e tudo pelo marido para não acabar o casamento, para ela a base do casamento é a mulher”.

Aluna D

A Aluna D traz à tona um construto de mulher usado por alguém de uma geração bem anterior a dela e podemos dizer que ela vê como obsoleta e categoriza a avó como “mulher machista”. Essa aluna, mesmo sendo de família religiosa, consegue perceber que o que a vó diz não deve ser aceitado por uma mulher do século XXI. Pois, muito embora o discurso religioso aponte a mulher como a “base do casamento”, não lhe parece razoável e nem aceitável para uma mulher admitir traição e brigas por parte do cônjuge.

O enunciado da Aluna D evidencia que o contato com o outro, ela e a avó, fez com que ela refletisse e respondesse responsiva e ativamente, entendendo que o discurso de que a mulher precisa aguentar todos os caprichos do marido, por assim dizer, colabora e mantém a ideologia dominante do homem.

Seguimos na tentativa de mapear as impressões dos sujeitos desta pesquisa sobre a mulher e seus papéis sociais. Chegamos à leitura do texto da psicoterapeuta, que ensina mulheres a terem energia feminina aflorada e traz em seu discurso conservador críticas carregadas de distorções e julgamentos sobre as mulheres que seguem o movimento feminista. Sobre esse movimento e o seu eco na vida prática das mulheres, a Aluna A disse:

“concordo com esse comentário porque eu não sou feminista, as mulheres perdem seu valor quando fazem essas manifestação”.

O post da terapeuta trazia mulheres com seios de fora, corpos com frases de protesto e expressões faciais endurecidas, quase raivosas, para caracterizar e condenar discursivamente as mulheres feministas, decretando que as feministas liberais são as culpadas pelos desarranjos sociais da sociedade contemporânea. A tipificação linguística e semiótica do post apresentava a mulher feminista com o estereótipo negativo, que ainda circula no imaginário popular; representar a mulher dessa forma e discursar negando nesta mulher a sua feminilidade, demonizando a mulher é também estratégia em prol da manutenção da ideologia machista. A linguagem é tão regada de ideologia que é capaz de persuadir inclusive as próprias mulheres de que é errado se manifestar, pedindo igualdade de gênero.

A partir desse contexto e depois de escolher o comentário a Aluna A se coloca a favor do enunciado do Instagram, inicia enfatizando que não é feminista, ao que transparece que para ela ser feminista é algo nocivo. Infere-se que essa simbologia negativa dada ao feminismo que a aluna expõe vem de práticas discursivas das quais ela participa e que para aquele grupo, talvez o religioso, ser feminista é prejudicial ao modelo de mulher religiosa.

Essa imagem negativa da mulher feminista também é percebida por outras meninas, como em:

“essas mulheres que não raspam o suvaco e andam com peito de fora são horríveis, não penso como elas também não”.

Aluna D

A Aluna D reitera a imagem negativa das outras alunas, trazendo em suas referências a preocupação com o corpo da mulher “não raspam o suvaco”, “andam com peito de fora”, o que para ela desabona a conduta e os valores de uma mulher, chegando a degradar as mulheres com “ são horríveis”. A valoração que ela e as demais alunas dão às feministas é tão nociva que a faz dizer “não penso como elas”.

Em face disso, buscamos saber sobre o como esses alunos entendem o feminismo, alguns disseram: “a mulher que não gosta de homem”. Perguntamos: e o que é machismo? Eles disseram: “é quando o homem é superior à mulher”. Concluimos: então feminismo é o contrário do machismo? Eles confirmaram com um “sim”. É notória a crença distorcida que esses jovens possuem sobre a essência do movimento feminista, ao pensar que o machismo prega a superioridade masculina em detrimento do feminino, eles foram levados a crer que feminismo é imediatamente o contrário ao machismo, no qual a mulher torna-se superior e apaga a figura masculina; ainda que este fosse o real objetivo do motivo, parece não ser admissível:

“a mulher que não gosta de homem”.

Aluna E

“é quando o homem é superior à uma mulher”.

Aluno C

No enunciado da Aluna E, há a definição de feminismo e o Aluno C define machismo. Nem meninas nem meninos reconhecem o feminismo como movimento que angaria direitos igualitários entre homens e mulheres, e não a transferência de superioridade masculina para feminina: faz-se necessário o debate. Bell hooks, em “O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras” (2022), diz que o discurso de igualdade de gênero com a desnaturalização de práticas machistas deve emergir no ensino infantil, para que

principalmente as meninas ainda crianças reconheçam seus lugares sociais de acordo com as aptidões que possuírem, não porque já existem papéis pré-estabelecidos.

Mobilizando a dinâmica discursiva, os alunos seguem destacando axiologicamente a mulher:

“selecionei esse comentário porque eu concordo mais ou menos, acho que as mulheres precisam se dar mais valor, as mulheres de hoje não se respeitam, as meninas vivem dançando funk e rebolando, chorando por homem, mas a sociedade não depende só da mulher, como a pessoa do comentário disse.”

Aluna E

Para a aluna E, as mulheres devem se “dar mais valor” ao que nos propicia a entender como alguém mais digna de respeito social. O simbolismo conservador e machista diz que a mulher precisa ter uma figura pura e casta para ser valorizada por homens, assim a Aluna E diz que as moças que dançam *funk* e rebolam com roupas curtas não cumprem tarefas para obter respeito, portanto não têm direito de estar “chorando por homem”. As mulheres são hipersexualizadas, mas aquelas que mostram sensualidade ou liberdade de usar roupas curtas, dançar livremente são pintadas como as que “não se respeitam”. No comentário da usuária do Instagram, ela dizia que as “mulheres são as guardiãs da moral da sociedade”, em contrapartida, para a aluna, não só as mulheres são guardiãs, o que denota um movimento contrário da visão cristalizada sobre a mulher.

Faz-se possível traçar um paralelo entre as representações de “uma mulher de valor” para uma menina e para um menino. Na percepção da Aluna E, sendo menina apresenta um discurso carregado de depreciação da mulher pela vestimenta, por exemplo, dando voz a lógica machista. No entanto, o Aluno C define uma mulher de valor para ele:

“mulher de valor é inteligente que não depende de macho”.

Aluno C

Chama-nos atenção o discurso do menino por não trazer valores comportamentais nem depreciativos para a mulher ou ligados à sexualidade, ele valoriza uma mulher por sua inteligência e independência, muito provável, financeira e emocional, uma mulher que destoa do padrão patriarcal, valorando o estudo e a profissão.

A partir das impressões que circulam sobre os valores ideais para uma mulher e sobre a postura do homem diante dela:

“eu não maltrato as mulheres e ainda faço minha parte”.

Aluno C

O Aluno C diz fazer a parte dele por gostar da inteligência e independência da mulher e afirma não a maltratar. Em alguns momentos, os alunos deixavam o debate mais acalorado, a Aluna A lança:

“Aluno C, tu namoraria uma menina que todo mundo chama de rodada?”

Aluno C responde:

“depende, se for rodada só de beijo tudo bem”.

“engraçado que se fosse o contrário toda menina quer ficar com o menino pegador”.

Aluna E

“se a pessoa for rodada não serve pra namorar seja homem ou mulher”.

Aluno C

Chegamos numa etapa em que os próprios alunos levantavam questionamentos entre eles. A Aluna A interpela seu colega sobre uma questão que as mulheres são muito julgadas e mesmo os homens tendo os mesmos comportamentos recebem julgamentos diferentes e brandos. A sexualidade, a quantidade de parceiros que uma mulher possui ou possuiu trará imagens qualitativas distintas para as pessoas. Quando a mulher possui muitos parceiros, é vulgarmente classificada como “rodada”, como perguntou a Aluna A. Para essa pergunta, o Aluno C disse que só admitiria a possível namorada se ela não tivesse relações sexuais, mas apenas beijos. O assunto da sexualidade ainda suscita estereótipos para a mulher; quando ela é classificada como “rodada”, é algo tão subjetivo que parece que o termo consegue mensurar a quantidade para ser assim classificada ou não. A Aluna E traz à tona o peso que a mulher recebe estando nessa situação, assim o quão é dado um tratamento diferente ao homem. Para

ela, um homem que tem muitas parceiras é visto como “pegador”, ou seja, a quantidade para o homem é sinal de conquistas, enquanto que para a mulher é sinal de desprestígio.

Por fim, o Aluno C reflete responsivamente ao dizer que “ se a pessoa for rodada não serve pra namorar seja homem ou mulher”. Com isso, ele tira o peso do julgamento para o feminino, embora ainda apresente seus preceitos para um parceiro ideal.

Depreende-se que a língua está intrinsecamente ligada às práticas sociais vivenciadas pelos alunos do 9º ano em suas esferas de comunicação, assim percebemos através da dialogicidade, como eles atuam no mundo a partir das representações que referenciam suas atitudes em seus lares; na escola, com a interação com a figura feminina deflagrando estereótipos próprios da cultura machista e compondo os fenômenos de contexto sócio-históricos que assolam a vida da mulher em diversos âmbitos sociais.

Assim, reforça-se a ideia de que o conhecimento não se constitui por si, mas pela lógica das relações dialógicas, formando as crenças de que, por exemplo, “um parceiro amoroso ideal é o que não esteve com tantos outros parceiros”, absorvendo o pensamento de domínio do senso comum, respaldando que há uma movimentação das representações sociais transmitidas pelos discursos dos sujeitos aqui pesquisados.

6.1 Análise da produção escrita

Depois de todos os debates ocorridos em sala e que tiveram as interações do Instagram como ponto de partida para reconhecermos as representações dos alunos do 9º ano sobre o papel social da mulher, chegamos ao momento de produção escrita, voltando ao Instagram.

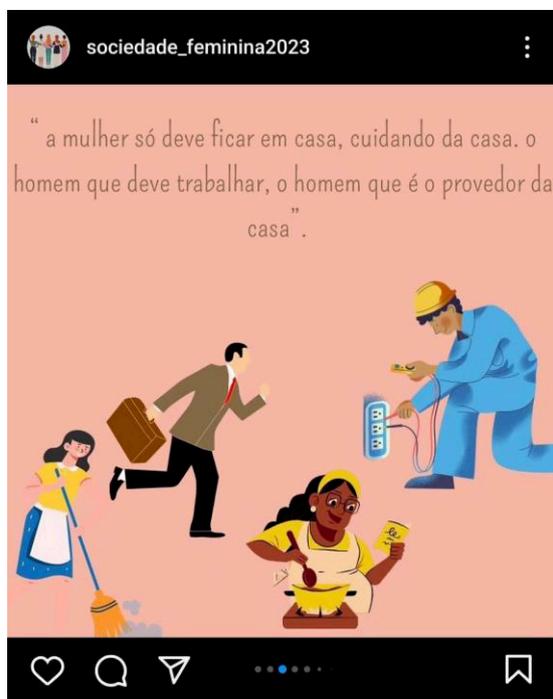
Visto que as interações virtuais muitas vezes se mesclam com as do mundo real, os alunos produziram posts para a rede social, os quais traziam a mulher do passado ou estereotipadas e a mulher do futuro desconstruída, livre de amarras históricas e culturais.

Nos posts, os alunos buscaram discursos cristalizados, como jargões e provérbios populares, que geralmente são usados como estratégia de conservação da superioridade masculina em detrimento da figura feminina, buscando levar ao senso comum a ideia de dependência e necessidade da mulher da tutela masculina.

O trabalho iniciou com a escolha do nome da página que acomodaria os posts da turma, chegaram ao nome Sociedade Feminina. O nome escolhido possui justificativa que é dar mais visibilidade à mulher, mas nunca de exclusividade feminina em prol da exclusão

masculina, sobretudo, objetiva-se conseguir igualdade de gêneros, seja na vida pública ou privada.

Apresentaremos a seguir a postagem de uma das equipes da turma:





Os alunos fizeram um carrossel no Instagram com duas etapas. Na primeira, apresentaram textos carregados de estereótipos e crenças populares que engessam os papéis que a mulher deve desempenhar na sociedade. O discurso marcadamente machista e sexista foi auxiliado por recursos multissemióticos para reforçar as ideias cristalizadas. Na outra etapa, desfizeram estereótipos e apresentaram com naturalidade a mulher assumindo papéis que antes eram tidos como somente executados por homens. Trouxeram quebra de estereótipo

na vida doméstica, na vida profissional, até no lazer esportivo. A escolha da cor rosa foi aleatória ou simplesmente porque fazia um fundo bom para o que eles esperavam que se sobressaísse, nada tem a ver com o estereótipo sexista das cores.

A culminância do trabalho com as produções escritas parece trazer um resultado satisfatório no que diz respeito à reflexão da utilização de discurso machista e sexista e, principalmente, a visualização de uma realidade naturalizando a mulher assumindo qualquer papel que a ela interessar, sem pré-julgamentos que a desabone.

7 IMPRESSÕES DA PROFESSORA/ PESQUISADORA

O trabalho na escola pública com os multiletramentos virtuais parece-nos um pouco difícil pela precariedade da maioria das escolas cearenses. No entanto, nosso trabalho constituiu-se com aquilo que tínhamos em mãos: o celular e a internet móvel dos alunos; quando necessário, havia também o compartilhamento da internet da professora-pesquisadora.

A incessante busca por conhecimento e aperfeiçoamento de nossa prática docente, aliados ao intento de fazer educação pública de qualidade, levando reflexões para sala de aula, nos motivaram a seguir nossa pesquisa. Nossa predisposição e escolha pela temática das representações sociais sobre a mulher na sociedade deu-se por interesse pessoal de tornar possível uma sociedade com mais igualdade de direitos e de gênero, além de perceber no cotidiano e nas interações dos alunos discursos carregados de ideias sexistas e machistas indiscriminadamente, entre meninas e meninos.

Assim, esse incômodo nos instigou a instrumentalizar a aula de português visando ao dialogismo bakhtiniano, agregando a leitura de textos multimodais que circulam no Instagram. O trabalho com esta rede social foi propulsor para o interesse dos alunos, pois é um ambiente conhecido de todos eles.

Cada atividade proposta foi bem pensada, buscando atingir o perfil dos alunos, mas principalmente que nos propiciasse mapear algumas de suas representações sociais da mulher. Em alguns momentos, as discussões alcançaram temas delicados de serem abordados, como religião e como ela enxerga e posiciona intrinsecamente a vida social e a vida espiritual da mulher. Todavia, a aula de português pode proporcionar ao aluno, mediante sua alteridade, que este se posicione responsiva e responsabilmente diante das ideologias que circulam na sociedade. As dificuldades de utilizar recursos materiais como papel, aparelho de reprodução de tela, até mesmo recurso de áudio e, em virtude de nossa proposta de trabalho, fizeram-nos trabalhar com o envio de arquivos e links pelo Whatsapp, prática que hoje, período pós pandêmico, tornou-se comum nas escolas de ensino básico.

Houve certa dificuldade também para dar conta das atividades da pesquisa e conciliar a dinâmica da escola com projetos que movimentaram a escola toda, outras vezes, com falta de professores e ter a necessidade de dar aula em duas turmas, o que desorganiza um pouco aquilo que estava devidamente planejado. Outro ponto de dificuldade foi controlar os turnos de fala dos estudantes, pois, por muitas vezes, queriam se manifestar todos juntos, mas o

hábito de aguardar o momento de fala do outro avolumou-se aos aprendizados de respeito ao outro.

Em contrapartida, o ponto alto da pesquisa foi perceber o quanto os alunos mobilizam seus conhecimentos prévios e os ampliam à medida que descobrem o novo. Além disso, também foi importante perceber o quanto a temática próxima de suas vivências lhes trouxe interesse e reflexão crítica sobre estigmas sociais.

Voltando o olhar para a professora pesquisadora, pode-se dizer que a pesquisa ampliou nossa gana de observar e tentar solucionar de acordo com nossas possibilidades sob arcabouço de fundamentação teórica. Obviamente, não tínhamos a pretensão utópica de exterminar com toda visão estigmatizada que se tem da mulher somente com esse trabalho, e assim obtermos uma sociedade mais igualitária no que se trata a gênero, mas buscamos levar a visão crítica ao nosso alunado, para que eles tentem ser homens e mulheres desconstruídos e sem grilhões históricos e culturais essencializantes.

Ao longo de nossa pesquisa, pudemos constatar a força das ideologias dominantes, bem como elas se institucionalizam e dirimem os pensamentos e comportamentos diante do convívio social. Não há como não nos deparar com o arsenal ideológico de nossas interações sociais, mas há como perceber inquietudes, favorecimentos de um lado como desfavorecimentos somente de outro, para inferiorizar e objetificar a mulher. Decorrente disso, é preciso ponderar, estimular e desenvolver potencialidades críticas e atuantes convergindo para equidade de gênero.

É cada vez mais salutar dizer que a pesquisa em sala de aula colabora a construir e a aperfeiçoar teorias sobre a organização da escola, assim como organização cognitiva dela, lembrando que a escola é um contexto experimentado por alunos e professores, mas que os experimentos de lá podem desenvolver revoluções em outros contextos sociais.

Acreditamos que a concretude da pesquisa de um professor pesquisador é sua atitude responsiva diante de uma arquitetura social desigual, particularmente, de subjulgamento e inferiorização da mulher, bem como as esquivas da sociedade em busca de mudanças. Nosso olhar parece mais apurado para as dissociações que a linguagem na escola pode proporcionar aos alunos, desenvolvendo pesquisa científica no contexto escolar que certamente extrapolará os muros chegando ao meio social. Investigar desenvolveu uma visão latente de pesquisadora em favor da reflexão crítica.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, apresentaremos nossas considerações finais acerca de nossa pesquisa. Nosso objetivo geral era analisar as reflexões e refrações do acervo representacional sobre a mulher que os alunos do 9º ano de uma escola estadual de Fortaleza mobilizavam diante dos discursos de ódio que inferiorizam a mulher.

Para tanto, utilizamo-nos principalmente de Bakhtin (2016, 2020) para abordar sobre noções da linguagem como: alteridade, responsividade, ideologia sógnica e enunciado concreto, visto que partimos de enunciados concretos da rede social que desencadearam outros enunciados concretos e únicos, não importando seu posicionando anterior ou posterior. Buscamos aproximação entre os pressupostos teóricos da Teoria Dialógica do Discurso e a Teoria das Representações Sociais, de Moscovici como sugere a dialogicidade entre as duas teorias proposta por Marková (2006). Para tratarmos sobre a mulher, amparamo-nos em Beauvoir (2019/ 1980), além de hooks (2022) e Stone (2022). No intento de trabalhar com letramento e multiletramentos, servimo-nos de Rojo (2012;2013;2015) e Street (2014).

Em busca de nossos resultados, nossa metodologia pautou-se em um circuito de atividades que envolveram leitura, oralidade e escrita de textos multimodais diversos, possibilitando a análise e o surgimento das construções axiológicas e estereotipadas sobre a mulher, culminando em uma produção escrita que permitiu a visualização da desnaturalização do empreendimento de inferiorização da mulher.

Procuramos ouvir, compreender e refletir as análises dos alunos ao apresentarem os papéis sociais que eles reconhecem para a mulher. Podemos de dizer que as representações sociais flutuam ora carregadas de ideologia machista e sexista, ora desconstruídas, apresentando um protagonismo e autonomia feminina. Tal constatação confirma nossas hipóteses iniciais, por acreditarmos que o Instagram hospeda virtualmente as crenças do senso comum. Nossos alunos, mesmo inseridos em contexto de tempo histórico moderno, estão imersos às mobilizações ideológicas e axiológicas que emergem em seu espaço de tempo, geográfico, cultural. Na mesma medida, o trabalho com o Instagram nos permitiu aprimorar o agir responsivo e responsável dos sujeitos da pesquisa, quando alunos e quando usuários da rede social.

Bakhtin afirma que o homem é um ser de resposta, buscamos através das respostas dos alunos aperfeiçoar seu posicionamento responsivo, responsável e crítico e que essa resposta fosse percebida através da alteridade, seguindo noções bakhtinianas. Acreditamos que nossas atividades serviram satisfatoriamente para alcançarmos nossos objetivos. A partir da análise

de nosso *corpus*, percebemos por vezes a desconstrução de papéis cristalizados destinados à mulher, o que denuncia, segundo Py (2000), o acesso a Representações de Uso, as quais define como representações ressignificadas em busca de reflexão e transformação. No entanto, os alunos acessaram por vezes também suas Representações de Referência, apontadas por Py (2000), como aquelas que se cristalizaram no imaginário de um grupo, reforçando estereótipos.

Por mais que acreditemos que as meninas terão uma visão e um posicionamento mais crítico, negando a objetificação, os julgamentos e a tentativa de paralisar a autonomia feminina, isso não ocorreu nessa pesquisa, logicamente porque as meninas também se inserem em contextos espaço-temporal e cultural marcados pelo domínio do discurso machista, no qual mesmo em suas relações de alteridade elas chegam a reforçar estereótipos e colocá-las a serviço do homem mesmo inconscientemente.

Essa oscilação nos leva a crer que as reais transformações levam tempo e que não se transforma o imaginário social em tão pequeno espaço temporal. Além do que as vozes que permeiam os discursos dos alunos do 9º ano são múltiplas; todavia, há que ponderar e refletir até que ponto elas devem ser atualizadas ou reforçadas. Por isso, nossa pesquisa torna-se relevante à medida que aborda a temática na escola e leva os alunos à reflexão crítica, bem como ao enaltecer o agir responsável na rede virtual, que se funde com a real.

É pertinente apontar que não temos a pretensão de dizer que nossa pesquisa contempla todos os aspectos possíveis para a mudança de mentalidade discursiva, assim como para as transformações sociais necessárias, mas que ela agrega valor às discussões acadêmicas e sociais à medida que se detecta um problema social; até ele ser desconstruindo leva tempo, mas perpassa pelo processo da discussão e da reflexão, iniciando na escola e reverberando no entorno da comunidade, quiçá da sociedade.

Em virtude disso, esta pesquisa se faz relevante por seu forte cunho social, propiciando aos estudantes desconstruir imagens solidificadas sobre a mulher, percebendo os progressos que a mulher já alcançou, assim como os que ainda necessita alcançar, sejam no espectro profissional, intelectual ou familiar. Adicionado a isso, destacamos também, a importância de despertar no aluno a percepção de que todo discurso é sócio e demasiadamente composto por ideologia. Assim, a linguagem possibilita valorar o ser humano e todas as suas atitudes, reforçando ou ressignificando representações de objeto, atitude, pensamento. É relevante, também, voltar o olhar para a mulher no mundo acadêmico, uma vez que este espaço ainda é tomado em sua maioria por homens.

Apesar disso, ainda há pontos que podem ser explorados e que esta pesquisa não contemplou, como a quantificação e diferenças de representações entre meninos e meninas. Ademais, seria possível a investigação dos estereótipos masculinos e em que medida os homens se percebem reforçando ou atualizando.

Pode-se concluir, portanto, que as representações permeiam todas as áreas da sociedade, sobretudo, as que representam a figura feminina que são enraizadas historicamente. Torna-se significativo trazer a problemática à baila, desde a escola, para ecoar nas esferas sociais outras, e assim buscarmos superar estereótipos que subjulgam e inferiorizam a mulher em prol conservar o poder deliberado pelo patriarcado.

REFERÊNCIAS

- ANDRIOLI, L. A. **O corpo e a mulher na história da filosofia**: uma leitura a partir de Merleau-Ponty centrada na atual discussão sobre a corporeidade. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Monografias/corpo_mulher_filosofia.pdf. Acesso em: 15 out. 2022.
- BAKARE-YUSUF, B. **Além do determinismo**: A fenomenologia da existência feminina Africana. Tradução para uso didático de BAKARE-YUSUF, Bibi. *Beyond Determinism: The Phenomenology of African Female Existence*. *Feminist Africa*, Issue 2, 2003.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Trad.: P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2020 [1979].
- BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016 [1952/1953].
- BEUAVOIR, S. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019 [1980].
- BRASIL. **DECRETO Nº 4.377, 13 de setembro de 2002**. Promulga a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher, de 1979, e revoga o Decreto nº 89.460, de 20 de março de 1984. Brasília, DF: Casa Civil, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/d4377.htm. Acesso em: 10 jan. 2023.
- CARVALHO, J. **Linguística Aplicada ao ensino de Língua Portuguesa**: a oralidade em sala de aula. 2010. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/10/18/linguiacutestica-aplicada-ao-ensino-de-licutengua-portuguesa-a-oralidade-em-sala-de-aula>. Acesso em: 28 set. 2022.
- CHAVES, F. N. A mídia, a naturalização do machismo e a necessidade da educação em direitos humanos para comunicadores. *Interfaces Comunicacionais do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte*, 14, 2015. **Anais [...]**. Manaus: Intercom, 2015. Disponível em: [a_mídia_naturalização_do_machismo.pdf](#). Acesso em 20 maio 2021.
- CHAVES, L. L. Era uma vez... **Representações sociais e letramento no ensino de Língua Portuguesa**. 2020. 153f. - Dissertação (mestrado) -Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras (Profletras), Fortaleza (CE), 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/51376>. Acesso em: 11 jul. 2024.
- CINQUENTA por cento dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha. **G1**, [S.l.], 2020 Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em: 22 nov. 2022.
- CRUZ, V. O. Feminino: a construção histórica do papel social da mulher. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 27, 2013, Natal. **Anais [...]**. Natal: ANPUH, 2013. p. 1-14. Disponível em:

http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371176105_ARQUIVO_textorevisado.pdf. Acesso em: 24 nov. 2022.

FAGUNDES, V. B.; DINARTE, P. V. O discurso de ódio contra as mulheres na sociedade em rede. *In: Congresso Internacional Direito e Contemporaneidade: mídias e direitos da sociedade em rede*, 4, 2017, Santa Maria. **Anais [...]**. Santa Maria (RS): UFSM, 2017. p. 1-15. Disponível em: <http://www.ufsm.br/congressodireito/anais>. Acesso em: 25 set. 2022.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução Bhuvi Libanio. 19. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2022.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação. Tradução: A. R. Lessa; H. P. Cintrão. São Paulo: Aleph, 2009.

LEMKE, J. L. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Revista Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 49, n. 2, p. 455-479, 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-18132010000200009&script=sciarttexD>. Acesso em: 08 dez. 2022.

MARKOVÁ, I. **Dialogicidade e representações sociais**: as dinâmicas da mente. Tradução de Hélio Magri Filho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006

MARTINS, L. A. B. **O discurso intolerante contra a mulher nas redes sociais**: uma análise bakhtiniana, 2020. 82f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/9468/2/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20Luciane%20Alves%20Branco%20Martins.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2021.

MOITA LOPES, L. P. da. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2008.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: Investigações em psicologia social. 11. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015 [1984].

OLIVEIRA, M. B. F. de; SZUNDY, P. T. C. Práticas de multiletramentos na escola: por uma educação responsiva à contemporaneidade. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 9, p. 184-205, Ago./Dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/dRGZh3gTMYkbjZ7bPxtTgZx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 out. 2022.

PENYCOOK, A. Uma Linguística Aplicada transgressiva. *In: LOPES, L. P. da M. Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 67-84.

PAVEAU, M. A. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Organização de Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

PINHO, A. R. **O discurso machista na fala de mulheres nas redes sociais**: caso Bruna Marquezine. 2018. 22 f. Artigo (Graduação) - Curso de Bacharelado em Humanidades, Instituto de Humanidades - Ih, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-

Brasileira, Redenção, 2018. Disponível em:
<https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/1611>. Acesso em: 25 jul. 2022.

PY, B. Representations sociales et discours: Questions epistemologique et methodologique. (Social representation and discourse. Questions epistemology et methodology). In: PY, Bernad (Éd.). *Analyse conversationnelle et representations sociales: Unite et diversite de image of bilingualism*. **Travaux Neuchatelois de Linguistique**, n. 32, p. 5-20, jun. 2000.

RIBEIRO, P. B.; FRANÇA, M. de. O enunciado concreto como objeto de ensino da aula de Língua Portuguesa. In: **Práticas dialógicas na aula de língua portuguesa**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021. p. 23.

ROJO, R H.; ALMEIDA, E. M. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, Roxane (org). **Escola conectada: os multiletramentos e as TICs**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2013.

ROJO, R. H.; BARBOSA, J. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

RUEDELL, A.; ANDRIOLI, L. O corpo e a mulher na história da filosofia: uma leitura a partir de Merleau-Ponty centrada na atual discussão sobre a corporeidade. **Salão Do Conhecimento**, [S.L.], v. 1, n. 1, [s.p], 2013. Disponível em:
<https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/13018>. Acesso em: 04 fev. 2023.

SANTOS, G. T. G. dos; LIMA, M. L. M.; CORREIA, V. da S. A desconstrução do machismo no ambiente escolar. Seminário de Pesquisa, Pós-Graduação, Ensino e Extensão do CCSEH, 3, 2017, Anápolis. **Anais [...]**. Anápolis: UEG, 2017. Disponível em:
<https://www.anais.ueg.br/index.php/sepe/article/view/8968>. Acesso em: 15 maio 2021.

SILVA, R. R. C., SILVA FILHO, M. N. dos R., SOUZA, A. C. S. de.. A representação da mulher no mundo virtual: percepções acerca do preconceito machista nas redes sociais. **Revista De Estudos Acadêmicos De Letras**, [S.L.], v. 9, n. 1, p. 55–69, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.30681/real.v9i01.1436>>. Acesso em: 20 out. 2022.

STONE, M. **Quando Deus era mulher**. Trad. Angela Lobo de Andrade. São Paulo: Goya, 2022.

STREET, B. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Trad. Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TANZI NETO, A. *et al.* Os multiletramentos em ambientes educacionais. In: ROJO, Roxane (org). **Escola conectada: os multiletramentos e as TICs**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013. p. 135-158.

VERMELHO, S. C., VELHO A. P. M., BERTONCELLO, V. Sobre o conceito de redes sociais e seus pesquisadores. **Educ. Pesqui.**, [S.L.], v. 41, n. 4, p.863-881 Oct-Dec.2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1517-97022015041612>. Acesso em: 11 jul. 2024.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2021.

WOOLF, V. **Women and writing.** Londres: Women's Press, 1979.

ANEXOS A- Canção utilizada no momento inicial

Canção: Triste, Louca Ou Má (Part. Helena Maria, Renata Éssis, Salma Jô e Labaq)
Francisco, El Hombre

Triste, louca ou má
Será qualificada
Ela quem recusar
Seguir receita tal

A receita cultural
Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina

Só mesmo rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem dores
Aceita que tudo deve mudar

Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar

Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define

Ela desatinou
Desatou nós

Vai viver só

Eu não me vejo na palavra
Fêmea: alvo de caça
Conformada vítima

Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada

Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar

E um homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar

Ela desatinou
Desatou nós
Vai viver só

Composição: Vivien Carelli

Disponível em:
<https://www.vagalume.com.br/francisco-el-hombre/triste-louca-ou-ma.html>

ANEXO B: Atividade 1



APÊNDICE A: Caderno Pedagógico

O caderno pedagógico a seguir tenciona colaborar com o professor para que haja compreensão de que o trabalho em sala de aula pautado no dialogismo é essencial para o processo de ensino e de aprendizagem. Torna-se assim, o discurso do professor mais bem compreendido se ele não encarar o aluno como um “ser sem luz” ou como diz Paulo Freire como “depósito”, visto que o dialogismo preconiza que as relações do *eu* com o *outro* se estabelecem no processo discursivo e os sujeitos se instauram e são instaurados por esse discurso. Partindo dessa ideia, a aula de português será mais rica e significativa à medida em que o professor percebe que o aluno não chega esvaziado de ideias e ideologias, sempre que se solicitar interação com o aluno, ele trará suas diversas vozes, a multiculturalidade, e a sua ideologia imbricada no seu discurso.

Desse modo, não queremos ditar o que o professor deve ou não tratar em sala de aula, mas trazemos uma proposta didatizada para o trabalho com a linguagem e com a comunicação, tendo em vista a importância do dialogismo e que ele sempre suscitará o signo ideológico, trazendo à tona os valores dos alunos refletidos ou refratados de seus emaranhados sociais. Sustentamos, portanto, que o trabalho pautado no dialogismo bakhtiniano considerará a alteridade, as vozes sociais das mais diversas esferas: religiosas, familiares, jornalísticas etc que o aluno trará, bem como o enunciado concreto. Não analisaremos nenhuma sentença isolada e desconexa de contexto dos interlocutores, trataremos enunciados discursivos permeados de ideologia. Cabe ressaltar aqui, que há na BNCC uma interdiscursividade com os pressupostos do dialogismo bakhtiano guiando o ensino de língua portuguesa estabelecendo mais significância para tal trabalho.

Nossas atividades buscam trazer reflexões sobre os papéis sociais da mulher, tentando promover a desconstrução de estereótipos. Todas as atividades seguem a perspectiva dialógica bakhtiana e buscam fomentar a responsividade e a alteridade diante dos textos que circulam no Instagram e no cotidiano, além de explorar a percepção das ideologias que embasam as vozes sociais que aparecem nos discursos apresentados.

Nosso caderno é composto por 5 blocos de atividades, os quais não possuem dependência uns dos outros, portanto não necessitam serem seguidos na ordem em que aparecem. Todavia, ao considerar a sequência em que aparecem o trabalho tornar-se-á mais significativa.

Bloco 1

(EF69LP13) Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.

(EF69LP32) Selecionar informações e dados relevantes de fontes diversas (impressas, digitais, orais etc.), avaliando a qualidade e a utilidade dessas fontes, e organizar, esquematicamente, com ajuda do professor, as informações necessárias (sem excedê-las) com ou sem apoio de ferramentas digitais, em quadros, tabelas ou gráficos.

Recursos: caixa de som, data show (se preferir), cópias da letra,

Ouçã a música a música a seguir:

Professor, disponibilize a letra da música impressa em folha ou projete-a na sala.

Texto 1: Geni e o Zepelim- **Chico Buarque**

De tudo que é nego torto	A cidade apavorada	cobre
Do mangue e do cais do porto	Se ficou paralisada	Preferia amar com os bichos
Ela já foi namorada	Pronta pra virar geleia	Ao ouvir tal heresia
O seu corpo é dos errantes	Mas do zepelim gigante	A cidade em romaria
Dos cegos, dos retirantes	Desceu o seu comandante	Foi beijar a sua mão
É de quem não tem mais nada	Dizendo - Mudei de ideia	O prefeito de joelhos
Dá-se assim desde menina	- Quando vi nesta cidade	O bispo de olhos vermelhos
Na garagem, na cantina	- Tanto horror e iniquidade	E o banqueiro com um milhão
Atrás do tanque, no mato	- Resolvi tudo explodir	Vai com ele, vai Geni
É a rainha dos detentos	- Mas posso evitar o drama	Vai com ele, vai Geni
Das loucas, dos lazarentos	- Se aquela formosa dama	Você pode nos salvar
Dos moleques do internato	- Esta noite me servir	Você vai nos redimir
E também vai amiúde	Essa dama era Geni	Você dá pra qualquer um
Co'os velhinhos sem saúde	Mas não pode ser Geni	Bendita Geni
E as viúvas sem porvir	Ela é feita pra apanhar	Foram tantos os pedidos
Ela é um poço de bondade	Ela é boa de cuspir	Tão sinceros, tão sentidos
E é por isso que a cidade	Ela dá pra qualquer um	Que ela dominou seu asco
Vive sempre a repetir	Maldita Geni	Nessa noite lancinante
Joga pedra na Geni	Mas de fato, logo ela	Entregou-se a tal amante
Joga pedra na Geni	Tão coitada e tão singela	Como quem dá-se ao carrasco
Ela é feita pra apanhar	Cativara o forasteiro	Ele fez tanta sujeira
Ela é boa de cuspir	O guerreiro tão vistoso	Lambuzou-se a noite inteira
Ela dá pra qualquer um	Tão temido e poderoso	Até ficar saciado
Maldita Geni	Era dela, prisioneiro	E nem bem amanhecia
Um dia surgiu, brilhante	Acontece que a donzela	Partiu numa nuvem fria
Entre as nuvens, flutuante	- e isso era segredo dela	Com seu zepelim prateado
Um enorme zepelim	Também tinha seus caprichos	Num suspiro aliviado
Pairou sobre os edifícios	E a deitar com homem tão nobre	Ela se virou de lado
Abriu dois mil orifícios	Tão cheirando a brilho e a	E tentou até sorrir
Com dois mil canhões assim		Mas logo raiou o dia
		E a cidade em cantoria

Não deixou ela dormir
 Joga pedra na Geni
 Joga bosta na Geni

Ela é feita pra apanhar
 Ela é boa de cuspir

Ela dá pra qualquer um
 Maldita Geni

Disponível em: < <https://www.vagalume.com.br/chico-buarque/geni-e-o-zepelim.html> >

Responda:

1. Geni e Zepelim é uma canção composta por Chico Buarque em 1976/1977, e exibida na peça teatral Ópera do Malandro, sendo logo depois gravada em álbum musical do compositor e cantor. Na canção é narrada a história de uma cidade e Geni é a personagem principal, como ela é descrita?

2. Ao longo da canção percebemos outras vozes sociais além da própria voz do narrador. Aparecem a voz do povo da cidade e do forasteiro. Elas são semelhantes ao se referir a Geni? Descreva-as retirando trechos da canção.

a) narrador

b) povo da cidade

c) forasteiro

3. Geni é descrita e criticada por ter uma vida sexual livre, diferente das mulheres de seu tempo e da cidade em que vivia, embora ela se envolvesse sexualmente com qualquer um, recusou o pedido do forasteiro. O que as pessoas fizeram? Como ela passou a ser vista?

4. O verbo *dar* foi usado na canção com um sentido vulgar e que pode significar “entregar-se sexualmente”. Ele foi usado para valorar Geni de maneira positiva ou negativa? Que outro verbo da canção pode assumir o mesmo sentido?

Texto 2: Disque Denúncia- Nina Oliveira

Alô, aqui quem fala é Geni
 Eu tô ligando de um orelhão
 Eu tenho uma denúncia
 E, eu sou baiana

Mas acontece que ele não é
 Ontem ele me beijou
 E me deixou marcas
 Mas não eram de batom
 Não eram de batom

Ô moça, ontem eu tava caminhando
 Perto daquela praça e um homem me parou

E me deixou marcas
 Mas não eram de batom
 Não eram de batom

E eu não sou a culpada
 Pelo estupro, a pedrada
 Pelo meu sangue que vaza
 Pela minha pele que racha

Por estar sexualizada
 Por ser comercializada
 Por ter no corpo, as marcas
 Que não eram de batom
 Não eram de batom

Composição: Gabriela Nunes/ Gabrielle Rainer/ Nina Oliveira
Disponível: <https://www.lettras.mus.br/nina-oliveira/disque-denuncia/>

Agora, responda:

1. Na canção Disque Denúncia, a personagem parece assumir Geni de Chico Buarque e faz sua denúncia. A personagem diz ter ficado com marcas deixadas por um homem, que marcas seriam essas?
2. No Brasil, há o que chamamos de “cultura do estupro”, na qual a vítima recebe a culpa por ser assediada e estuprada, que trecho da canção denuncia essa cultura?
3. Pesquise na internet quais os canais para se fazer denúncia em casos de abuso e violência sexual.

Há o Ligue 180, canal de atendimento da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos que ajuda mulheres em situações de abusos e violações de seus direitos.

Pelo site gov.br/mulheres/ligue180, as mulheres podem encontrar lugares em suas cidades que podem auxiliá-la na denúncia e acolhimento.

4. As pessoas acreditam que o Instagram e outras redes sociais são “terra de ninguém”, no entanto, há regras para utilização das redes. Liste os casos que podem sofrer denúncia, extinção da postagem e até exclusão da conta.
5. Explique o passo a passo de como se fazer uma denúncia no Instagram.

Professor, solicite aos alunos que simulem um caso de abuso, assim será mais fácil para eles explicarem a denúncia.

(EF69LP12) Desenvolver estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/ redesign (esses três últimos quando não for situação ao vivo) e avaliação de textos orais, áudio e/ou vídeo, considerando sua adequação aos contextos em que foram produzidos, à forma composicional e estilo de gêneros, a clareza, progressão temática e variedade linguística empregada, os elementos relacionados à fala, tais como modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc., os elementos cinésicos, tais como postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.

Oralidade

6. Os alunos deverão produzir um vídeo-minuto colocando-se no lugar da Geni, respondendo à sociedade, dizendo como se sentia ao receber gritos ou tendo uma atitude diferente da personagem na canção.
7. Os alunos farão um júri simulado para julgar Geni, na mesa de júri devem haver personalidades diferentes como: uma feminista, uma ativista, uma religiosa, entre outras.

Bloco 2

Recursos: data show, notebook, acesso à internet, celular

Vamos assistir ao primeiro episódio da Temporada 1 de Machos Alfa.

(Professor (a), a série está disponível na Netflix. A depender do plano, o serviço de streaming da Netflix permite baixar e assistir seus títulos *off-line*)

Vamos refletir sobre a série.

1. A expressão “macho alfa” é usada para denominar uma figura de liderança e poder no reino animal. Como você definiria “macho alfa” usada entre seres humanos? Relacione essa expressão à ideologia envolta nela e os aspectos históricos que ela traz.
2. No episódio, Pedro está triste e sem saber como lidar com a demissão de seu emprego. Qual é a sua maior queixa em relação à demissão?
3. No jantar de inauguração da casa nova, os amigos conversam e dizem que o objetivo do patriarcado é acabar com os homens. O que pensa sobre essa afirmação?
4. Depois do jantar, os amigos conversam na beira da piscina e falam sobre algumas condutas deles em relação à mulher dos outros amigos. Como se referem às mulheres? Qual o assunto mais recorrente no código de conduta deles?
5. O episódio recebe o nome de “Em desconstrução”, os quatro amigos iniciam o episódio fazendo um curso sobre desconstrução machista. Discuta com seus colegas e professor sobre: o que é preciso para desconstrução machista?
6. Daniela trabalha como influenciadora digital, para definir seu nicho de trabalho diz ser “life style by Daniela” e usa hashtag como #life, #smile, #happyday, #mindfulness. Por que acredita que as pessoas usam esses estrangeirismos?

Produção escrita

7. Depois de assistir e discutir sobre a série, produza uma resenha crítica sobre ela. Atente-se para função social desse gênero textual, qual o objetivo dela, para quem ela será escrita, qual será o meio em que ela será veiculada.

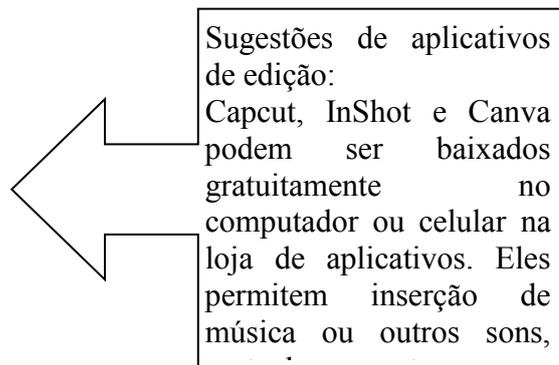
(Professor (a), explore o gênero resenha, leve exemplos, chame atenção dos alunos as características do gênero e que são apontados no enunciado).

A resenha crítica é um texto proveniente do universo jornalístico que tem como principal característica a apresentação e análise crítica de uma obra. Ela tem como finalidade persuadir o leitor a consumir ou não aquele produto cultural (livro, filme, série, álbum musical etc) e, para isso, faz uso de argumentos e informações para defender seu ponto de vista

(EF69LP12) Desenvolver estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/ redesign (esses três últimos quando não for situação ao vivo) e avaliação de textos orais, áudio e/ou vídeo, considerando sua adequação aos contextos em que foram produzidos, à forma composicional e estilo de gêneros, a clareza, progressão temática e variedade linguística empregada, os elementos relacionados à fala, tais como modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc., os elementos cinésicos, tais como postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.

Oralidade

8. Para o Instagram: produza um vídeo para Reels com a *trend* do momento. Nela, os alunos mostrarão várias situações do cotidiano e dirão a frase repetidamente: “eu sou macho alfa e claro que...” completando-a com uma frase que deverá trazer uma marca de um estereótipo de macho alfa. Exemplo: “Eu sou macho alfa e é claro que minha voz é sempre grave e autoritária, sem sentimentalismos”. Em cada cena, alterem os cenários, a vestimenta, o tom de voz, os atores



Sugestões de aplicativos de edição:
Capcut, InShot e Canva podem ser baixados gratuitamente no computador ou celular na loja de aplicativos. Eles permitem inserção de música ou outros sons,

Competência de cultura digital: Produção multimídia: utilizar recursos tecnológicos para desenhar, desenvolver, publicar e apresentar produtos (como páginas de web, aplicativos móveis e animações, por exemplo) para demonstrar conhecimentos e resolver problemas.

(EF89LP03) Analisar textos de opinião (artigos de opinião, editoriais, cartas de leitores, comentários, posts de blog e de redes sociais, charges, memes, gifs etc.) e posicionar-se de forma crítica e fundamentada, ética e respeitosa frente a fatos e opiniões relacionados a esses textos

Recursos: celular e acesso à internet

1. Os alunos deverão criar uma página no Instagram que trará reflexões sobre o papel social da mulher. Tarefas:

- a) pensar em um nome criativo que faça referência ao objetivo acima
- b) escolher uma foto/ imagem, escolher o layout
- c) descrever o nicho do perfil (elaboração da Bio)
- d) criar regras de convivência para o perfil: O perfil destina apenas a mulheres? Os homens podem postar e interagir? Como os homens devem se referir às mulheres? Que palavras ou expressões devem ser primordiais?

2. Os alunos farão um carrossel no *Instagram* apresentando a mulher do passado (com estereótipos machistas e sexistas) e a mulher do futuro (sem estereótipos)

3. Professor, envie para os alunos as 3 postagens abaixo. Os textos podem ser enviados para o *Whatsapp* da turma ou pelo próprio *Instagram*.



Links:

<https://www.instagram.com/p/C3p2vKzLJK/?igsh=YnR5aTdhMXUwd3h4>

<https://www.instagram.com/reel/C3QWK6mAyJA/?igsh=MTgwcWNxMTV4b3Vpbw==>

<https://www.instagram.com/reel/C38Wc3IOAuV/?igsh=MTI0a3BkMGt2OTMxbA==>

a) Você deverá responder às 3 postagens acima, como você se posicionaria? Você poderá responder ao texto escrito ou vídeo, ou ainda a um comentário de outro usuário.

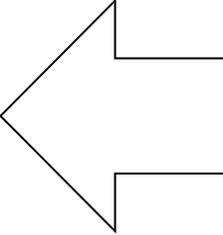
(Professor, instrua os alunos para se atentarem à polidez discursiva. Eles não devem se dirigir a ninguém de maneira desrespeitosa, devem procurar a modalização ao se expressar)

b) Agora, você responderá às 3 postagens, mas com *emojis*. Quais você escolhe e por quê?

4. Navegue pelo Instagram e escolha uma postagem para ser repostada por você. Poste, escreva uma legenda, adicione emojis ou gifs da própria rede social para completar o sentido que você quer dar para seus seguidores.

5. Crie uma hashtag que sintetize a luta por direitos iguais das mulheres e deixem afixada em suas postagens.

6. Em equipes, criem um *podcast* no qual você apresentará mulheres desconstruídas do machismo. Escolha se será um *podcast* literário ou uma entrevista com personalidades femininas desconstruídas. Observe as instruções abaixo:



Sugestão de aplicativo: **Anchor**, disponível gratuitamente na loja de aplicativos do celular. Este aplicativo é compatível com Android e iOS. O aplicativo disponibiliza efeitos sonoros, músicas de sua biblioteca, além de ser possível publicar o episódio no Spotify ou outros)

a) primeiro escolher o gênero do *podcast*.

b) produzir um roteiro escrito.

c) definir os personagens, atores, intérpretes

d) escolha o celular que melhor capte o áudio e grave em um ambiente silencioso

e) editem colocando efeitos sonoros, músicas, fazendo possíveis cortes, adicione algum recorte de áudio.

Bloco 4

Recursos: cartolina, revistas, cola, folhas de ofício e celular

1. Crie uma campanha na escola para combater e desconstruir o machismo.

- a) Use a *hashtag* do bloco anterior ou crie uma nova para ser a bandeira da campanha
- b) Elabore cartazes para serem afixados nas paredes da escola. Use a sua criatividade.
- c) Faça um mural com grafite ou desenho a mão livre para simbolizar a campanha.

O gênero campanha é constituído de imagem, sendo acompanhada de textos com letras e cores fortes para chamar a atenção, apresentando uma linguagem persuasiva na intenção de convencer o leitor/consumidor a adquirir o produto, ideia ou serviço. A linguagem deve ser simples, dinâmica, até coloquial para aproximar o público alvo. Pode haver interdiscursividade ou diálogo com outros textos já bem difundidos e conhecidos do público alvo

2. Para os cartazes:

- a) reelabore ditos populares buscando a desconstrução. Exemplo: “Em briga de marido e mulher se mete a colher, o garfo e a faca”
- b) desfaça padrões de beleza feminina, desenhe ou cole imagens sobre a diversidade de corpos femininos.

O cartaz é um gênero textual que traz uma linguagem simples, clara e objetiva. Entre suas características está divulgar algo, seja um evento ou alguém, um movimento ou momento histórico, possui o valor estético bastante apreciado, pode conter linguagem híbrida (imagem e texto escrito)

3. Produza duas cartas abertas: uma com a mulher ideal e outra com o homem ideal, ambos desprovidos de estereótipos machistas e sexistas. O professor juntamente com os alunos, devem selecionar algumas das cartas para serem lidas diante dos alunos e também devem ser postadas no Instagram.

A carta aberta é um gênero textual predominantemente argumentativo. O texto deve conter uma tese inicial, um ponto de vista e uma reivindicação destinada a um remetente específico.

Bloco 5

(EF69AR35) Identificar e manipular diferentes tecnologias e recursos digitais para acessar, apreciar, produzir, registrar e compartilhar práticas e repertórios artísticos, de modo reflexivo, ético e responsável.

Recursos: data show, celular, internet, papel, canetinhas, lápis de cor

1. Assista aos vídeos:

a) MC PH com a música “Os menino tá com o pacote.”



Disponível em: <https://youtu.be/CogD1oIVZYk?si=jk3blcR7quwG3-R3>

b) Luiza Sonza e Ludmilla com a música “Café da manhã”.



Disponível em: <https://youtu.be/CJdhWgebwqA?si=0xisrrIP9VD0t8ug>

Responda:

- O personagem principal que aparece no vídeo clipe aparece ostentando riquezas. Quais os elementos que comprovam a riqueza dele?
- As mulheres que aparecem no vídeo usufruem da riqueza dele? Como elas aparecem vestidas e como são caracterizadas pelo homem?
- Luiza Sonza e Ludmilla se denominam como mulheres livres e empoderadas. Você acredita que as letras das músicas mostram esse empoderamento? Justifique.

d) As roupas e as coreografias de dança colaboram ou não para formular uma mulher objetificada? Explique

2. Escolha uma música e faça uma paródia que não hipersensualize a mulher nem a objetive. As paródias podem ser apresentadas em vídeos e apresentadas no Instagram.

O gênero paródia traz uma intertextualidade, ou seja, existe um diálogo com o texto já existente. Geralmente este gênero apresenta um caráter contestador com a presença de ironia, contraste e imitação. Na paródia pode-se manter a melodia e mudar as palavras, mantendo as rimas, pode-se mudar a temática também.

3. Leia o texto abaixo ou acesse pelo link a seguir:



Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CY3s22jOnTf/?igsh=MXVIZ2t6MHM5MGhkaQ>

a) O que vemos no texto não verbal que completa o sentido verbal?

4. Leia o texto abaixo ou acesse pelo link no Instagram:



Disponível: <https://www.instagram.com/p/CzT58ODOjlc/>

- a) Nestes quadrinhos, o trabalho invisibilizado da mulher reforça algum estereótipo? Qual?
- b) O que as cores utilizadas para colorir os desenhos podem nos indicar? Reflita sobre a ideologia sexista envolvida nas situações cotidianas retratadas na charge.

(EF08CO07) Compartilhar informações por meio de redes sociais, compreendendo a sua dinâmica de funcionamento, de forma responsável e avaliando sua confiabilidade, considerando o respeito e a ética.

Produção escrita

5. Crie uma charge para ser postada no Instagram desfazendo a imagem sexualizada da mulher apresentada em propagandas, músicas e o discurso de outras esferas sociais. Você pode desenhar a mão livre, depois fotografar seu desenho ou usar o celular para fazer a charge.

(Professor (a), use os textos da atividade anterior para demonstrar características do gênero charge)

A charge é um texto do campo jornalístico que apresenta elementos verbais e não verbais e tem como principal característica a realização de uma crítica do cotidiano. A charge é uma sátira com críticas ácidas de nossa atualidade